



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PRISCILA RUFINO FEVRIER

**INFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS  
MULHERES NEGRAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ NO RIO DE JANEIRO**

FLORIANÓPOLIS

2021

Priscila Rufino Fevrier

**INFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS  
MULHERES NEGRAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ NO RIO DE JANEIRO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Sales  
Coorientadora: Prof. Dra. Daniella Camara Pizarro

FLORIANÓPOLIS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Fevrier, Priscila Rufino

Informação e emancipação social : representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro / Priscila Rufino Fevrier ; orientador, Rodrigo de Sales, coorientadora, Daniella Camara Pizarro, 2021.  
146 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Mulheres Negras. 3. Casa das Mulheres da Maré. 4. Informação. 5. Representações sociais. I. Sales, Rodrigo de . II. Pizarro, Daniella Camara. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. Título.

Priscila Rufino Fevrier

**Informação e emancipação social:** representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Rodrigo de Sales, Dr. (orientador)

PGCIN/UFSC

Prof.(a) Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva, Dr<sup>a</sup>.

PGCIN/UFSC

Prof.(a) Ana Paula Meneses Alves, Dr<sup>a</sup>.

PPGCI/UFMG

Prof.(a) Maria Aparecida Moura, Dr<sup>a</sup>.

PPGCI/UFMG

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

---

Adilson Luiz Pinto, Dr.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Rodrigo de Sales, Dr.

Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Daniela Camara Pizarro, Dr<sup>a</sup>.

Coorientadora

Florianópolis, Abril de 2021.

Dedico este trabalho a:

Lucilia Maria Rufino Fevrier e Paulo Roberto Fevrier, meus pais; Paulo Vinicius Rufino Fevrier, meu irmão; Fernando José Conceição de Souza, meu esposo e; a todas as mulheres negras que vieram antes de mim.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação para mim é uma grande vitória; foram anos de muito estudo, esforço e empenho, que jamais seria possível sem a presença de inúmeras pessoas especiais que foram fundamentais neste processo. Assim, agradeço:

Em primeiro lugar, aos meus amados pais, Lucila Maria e Paulo Roberto, por todo amor, carinho, apoio, incentivo, ensinamentos, preocupação, pelos puxões de orelha, e por acreditarem e aceitarem as minhas escolhas. Por toda comida gostosa que faziam com tanto amor e mandavam para mim, para que me sentisse acolhida e tivesse mais tempo para trabalhar nesta pesquisa. Vocês são os melhores pais do mundo! Amo muito vocês!

Gratidão aos meus queridos avós e demais ancestrais por terem tecido o meu caminho. Sem vocês, eu não estaria aqui hoje.

Eu agradeço ao meu irmão e amigo, Paulo Vinicius, por todas as dúvidas sanadas, dias e horas de descanso investidas em mim, todo cuidado de uma vida, por sempre me incentivar. Você é minha inspiração. Te amo!

Agradeço ao meu companheiro de vida, Fernando José, pelo amor e carinho incondicional, pela partilha, companheirismo, generosidade, por sempre me encorajar, por não me deixar desistir e pelos afagos nos momentos difíceis. Te amo!

A toda minha família (irmã/os, primas/os, tias/os), que sempre, de alguma forma, me incentivaram, me apoiaram e acreditaram em mim. Meu muito obrigada!

Eu agradeço ao meu orientador, Rodrigo de Sales, por ter me aceitado como orientanda, pela paciência neste ano difícil, pela confiança, carinho e disponibilidade a mim direcionados. Mesmo com tantas demandas profissionais e acadêmicas sempre ofereceu seu apoio e colaboração para a realização desta pesquisa.

Agradeço à Daniella Camara Pizarro, minha coorientadora, por aceitar o desafio que foi me orientar e pelas contribuições na construção deste estudo. Gratidão!

Eu agradeço a minha amiga/irmã, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, que foi fundamental desde os passos iniciais desse processo. Nem sei como agradecer, em palavras, tudo o que fez e continua fazendo por mim. Por sua dedicação que, por muitas vezes, fez com que você deixasse de lado seu momento de lazer e descanso para me ajudar e me orientar. Por me estimular intelectualmente, por todo aprendizado tanto na jornada acadêmica quanto na vida pessoal. Por me emprestar sua família, que sempre são tão amorosos e atenciosos comigo. Por sempre se preocupar em me auxiliar para que eu tivesse o melhor desempenho.

Por nunca me deixar desistir. Por sempre escutar meus desabafos. E, principalmente, por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim. Gratidão por sua irmandade!

Agradeço a minha amiga/irmã, Dirnéle Carneiro Garcez (roubada da Fran, rs), por todo cuidado, incentivo, por me alimentar com seus maravilhosos quitutes, pela amizade, por me acolher com tanto carinho no seio da sua família e pela preocupação durante e após a minha temporada em Florianópolis. Por toda parceria científica e amizade, muito obrigada!

Eu agradeço a minha amiga, Daniella Oliveira (Spudeit), por não me deixar ficar muito tempo longe da academia, por me mostrar que eu era capaz de desenvolver pesquisas, de ficar à frente de projetos grandiosos e por se preocupar comigo mesmo de longe. Por ser minha rede de apoio durante minha estadia em Florianópolis, pelos afetos compartilhados comigo e pelas produções científicas em parceria. Gratidão!

Agradeço à Josefa Xavier, que se tornou uma amiga assim que cheguei à UFSC, por ser também minha rede de apoio, minha companhia nos finais de semanais durante minha estadia em Florianópolis, por me levar a passeios maravilhosos e por toda parceria durante nossa moradia juntas.

Agradeço ao Coletivo Mulheres Negras na BCI: Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez, Graziela dos Santos Lima e Andreia Sousa da Silva, pelos encontros, pelos estudos dos textos e, principalmente, pelas discussões do nosso papel enquanto pesquisadoras e mulheres negras dentro da Biblioteconomia e Ciência da Informação. E pelo apoio no processo de seleção que me fizeram chegar até aqui. Gratidão!

Eu agradeço ao Grupo de Trabalho Relações Étnico-Raciais e Decolonialidade: Ana Paula Meneses Alves, Ana Cláudia Borges Campos, Ana Cristina Xavier de França, Angelita Garcia, Cledenice Blackma, Dávila Feitosa, Edilson Targino de Melo Filho, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Jocélia Martins de Oliveira, Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Marcio Ferreira da Silva, Roberta Kelly Amorim de França, em que estou tendo a oportunidade de conviver com pessoas maravilhosas que me ensinam a lutar pela causa antirracista, e a refletir sobre a decolonização do ensino e prática em Biblioteconomia. Gratidão por todo aprendizado, acolhimento e troca de afetos!

Às mulheres, sujeitos desta pesquisa, por se disponibilizarem a colaborar com a realização deste trabalho.

Aos amigos da turma do mestrado, que compartilham comigo as dores e alegrias de sermos pesquisadoras(os) de mestrado. Gratidão!

Aos docentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, com os quais convivi durante estes dois anos, o meu muito obrigada pela oportunidade de aprendizado.

Agradeço às professoras Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva e Maria Aparecida Moura, por aceitarem participar na banca de qualificação. À Ana Paula Meneses Alves e Ana Claudia Perpétuo de Oliveira pelo aceite para participarem da defesa desta pesquisa e por suas contribuições valiosas.

Por fim, o meu profundo agradecimento a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a concretização desta dissertação.

Ubuntu!

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objetos para sujeitos – a voz liberta. (hooks, 2019, p. 38).

## RESUMO

Esta pesquisa visa compreender as representações sociais acerca da informação a partir do discurso das mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro. No referencial teórico, aprofunda-se o entendimento sobre informação enquanto um elemento para transformação de realidades sociais e empoderamento, assim como, aborda-se sobre mulheres negras, a informação e os dispositivos de racialidade presentes em suas vidas, tais como a necropolítica e o alterocídio, descritos por Achille Mbembe, e epistemicídio, descrito por Sueli Carneiro e o feminicídio, de Ana Maria Fernández. Na fundamentação teórico-metodológica, toma-se como base os princípios da sociologia do conhecimento, do construcionismo social na perspectiva de Berger e Luckmann, além da teoria das representações sociais, seguindo as perspectivas de Serge Moscovici e Denise Jodelet. Esta pesquisa é do tipo qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada e por questionário de caracterização do perfil das mulheres negras. O tratamento e análise de dados foram embasados na técnica de análise chamada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A partir da aplicação da referida técnica, o DSC apresentou quatro pontos de análise e discussão, a saber: o entendimento das mulheres negras sobre a informação; a obtenção de informação na Casa das Mulheres da Maré para a aquisição de confiança e enfrentamento de obstáculos; a informação para a transformação da realidade social de mulheres negras com enfoque no mercado de trabalho e na violência contra mulheres e, por fim, a importância da Casa das Mulheres da Maré para apoio psicológico, jurídico e construção de afetos. Como considerações finais, espera-se que esta pesquisa ajude a ampliar o conhecimento sobre as mulheres negras e sua condição enquanto sujeitos dentro da Sociedade da Informação.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Casa das Mulheres da Maré. Informação. Representações sociais. Ciência da Informação. Emancipação Social.

## ABSTRACT

This research comprises the social representations about information from the discourse of black women who frequent the Casa das Mulheres da Maré in Rio de Janeiro. In the theoretical framework, the understanding of information was deepened as an element for transforming social realities and empowerment, as well as addressing black women, information and the devices of raciality present in their lives, such as the necropolitics and the alterocide, later by Achille Mbembe, and epistemicide, described by Sueli Carneiro and feminicide, by Ana Maria Fernández. The theoretical-methodological foundation is based on the principles of the sociology of knowledge, social constructivism, in addition to the theory of social representations, following the perspectives of Serge Moscovici, Denise Jodelet and Berger and Luckmann. This research is of a qualitative type and the data collection was carried out through a semi-structured interview script and through a questionnaire to characterize the profile of black women. Data treatment and analysis were based on the analysis technique called Collective Subject Discourse (CSD). From the application of the technique, the DSC presented four points of analysis and discussion, a saber: the understanding of black women about information; the acquisition of information at Casa das Mulheres da Maré for the acquisition of confidence and meeting demand; information for the transformation of the social reality of black women with a focus on the labor market and violence against women and, finally, the importance of Casa das Mulheres da Maré for psychological, legal and affective support. As final considerations, it is hoped that this research will help to increase knowledge about black women and their condition, while within the Information Society.

**Keywords:** Black Women. Casa da Mulheres da Maré. Information. Social representations. Information Science. Social emancipation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Metas para alcançar à igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.....	31
Figura 2 - Metas do ODS 5 para os meios de implementação. ....	32
Figura 3 - Maré de Sabores e Maré de Belezas. ....	56
Figura 4 - Roda de conversa – Ser mulher Negra. ....	57

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividades a serem realizadas na Década Internacional de Afrodescendentes. ....	34
Quadro 2 - Aspectos metodológicos da pesquisa. ....	66
Quadro 3 - Perfil das entrevistadas que responderam ao questionário de caracterização. ....	71

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragem
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
BDEG	Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero
BDTD	Base de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
DST	Doenças sexualmente transmissíveis
ECH	Expressões-chave
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e instituições
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Ideias centrais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
RERAD	Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades
SUS	Sistema Único de Saúde
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA .....	18
1.2	OBJETIVOS .....	18
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>18</b>
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>18</b>
1.3	JUSTIFICATIVA .....	19
1.4	ESTRUTURA DA PESQUISA .....	20
<b>2</b>	<b>A INFORMAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO SOCIAL, EDUCACIONAL E POLÍTICA DAS MULHERES NA SOCIEDADE</b> .....	<b>21</b>
2.1	INFORMAÇÃO: ELEMENTO IMPRESCINDÍVEL .....	37
2.2	A RACIALIDADE ENQUANTO DISPOSITIVO NA VIDA DAS MULHERES ..	41
2.3	MULHERES NEGRAS E A INFORMAÇÃO PARA EMPODERAMENTO .....	46
<b>3</b>	<b>CASA DAS MULHERES DA MARÉ: CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	<b>55</b>
<b>4</b>	<b>CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	<b>58</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>66</b>
5.1	UNIVERSO E PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	67
5.2	COLETA DO DISCURSO .....	67
5.3	TRATAMENTO E ANÁLISE DO DISCURSO .....	68
5.4	PROCEDIMENTOS ÉTICOS NA PESQUISA .....	70
<b>6</b>	<b>O QUE DIZEM AS MULHERES NEGRAS FREQUENTADORAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ?</b> .....	<b>71</b>
6.1	DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTADAS .....	71
6.2	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC .....	72
6.2.1	<b>A voz das mulheres negras: o entendimento sobre a informação</b> .....	<b>73</b>
6.2.2	<b>A obtenção de informações na Casa das Mulheres da Maré</b> .....	<b>78</b>
6.2.3	<b>Informação para transformação da realidade social de mulheres negras: violência e mercado de trabalho</b> .....	<b>83</b>

6.2.4	A importância da Casa das Mulheres da Maré para apoio psicológico, jurídico e construção de afetos .....	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS .....	92
	APÊNDICES .....	107
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO .....	107
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	108
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	109
	APÊNDICE D – CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES .....	111
	APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	112
	APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO – IAD 1 .....	127
	APÊNDICE G – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2 .....	139

## 1 INTRODUÇÃO

Informação é insumo fundamental para todos os grupos de sujeitos de uma sociedade, e dentre esses grupos estão inseridas as mulheres negras. O preconceito e as desigualdades que atingem as chamadas “minorias sociais”<sup>1</sup> estão presentes em várias sociedades, de especial maneira, na sociedade brasileira. A informação, assim como o lidar com a informação, é objeto de estudo da Ciência da Informação (CI), área do conhecimento que visa, dentre outros enfoques, compreender as necessidades informacionais, as representações informacionais e o próprio conceito de informação (BARRETO, 1994). Para as minorias sociais, é imprescindível compreender formas de disseminar informações efetivamente demandadas por seus grupos e desenvolver serviços e produtos de informação a eles pertinentes.

A CI é um campo de estudo que se destina a investigar o comportamento e as propriedades da informação, visando o acesso e a usabilidades da mesma (BORKO, 1968). Se preocupa com a “origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação” (BORKO, 1968, p. 1). Quando compreendida de forma adequada, a informação pode produzir e alterar o estoque de conhecimento e trazer benefícios ao desenvolvimento dos sujeitos e ao desenvolvimento da sociedade em que eles vivem (BARRETO, 1994).

Um dos enfoques da CI se encontra na relação entre cultura e informação e as dimensões da mediação da informação. É por intermédio da mediação da informação e comunicação da mesma que o processo de formação de sujeitos é permitido e os transforma em cidadãos políticos, críticos e criativos (GOMES, 2019). O protagonismo social se consolida como uma resistência de grupos marginalizados contra a

opressão, discriminação, *apartheid* social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo [tempo] que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação (GOMES, 2019, p. 11).

Isso é de especial importância para os grupos que compõem as minorias sociais dentro de uma sociedade. No Brasil, as mulheres representam a maior parte da população (aproximadamente 52% dos habitantes do país), sendo que mulheres negras são 28% das pessoas brasileiras (BOND, 2020). A participação política de mulheres negras ainda é

---

<sup>1</sup> Aqui, refiro-me ao conceito antropológico de minorias sociais, que se refere àquelas populações que possuem menos acesso à informação, saúde, educação e demais direitos sociais.

insuficiente para sua representação no contexto político, social e educacional, e elas fazem parte da parcela da população que mais paga impostos e que depende dos sistemas públicos de serviços sociais (SILVA; GARCEZ, 2018). Ademais, as mulheres negras estão localizadas naquilo que se pode temerosamente chamar de base inferior da “pirâmide gênero-racial de aquisição e legitimação de direitos”, abaixo inclusive dos homens negros (ALMEIDA et al., 2018).

No decorrer de suas vidas, por estarem colocadas à margem do contexto brasileiro, as mulheres negras passam por inúmeras situações que as deixam em constante situação de desigualdade e sub-representação. Ao fazermos o recorte de gênero, raça, classe e interseccionalidade, esta realidade é ainda mais abismal. Além das vidas de mulheres negras serem transpassadas por todos os aspectos que se apresentam na vivência das mulheres brancas – como a relação do patriarcado, o machismo, a desigualdade salarial, a violência doméstica e sexual, entre outros – as mulheres negras são assoladas ainda pelo fenômeno do racismo. Esse cruzamento entre raça, gênero e classe as coloca em uma situação de subordinação e dominação; elas vivem com mais e diferentes desigualdades se comparado às mulheres brancas. Indo ao encontro dessa afirmativa, hooks (2015, p. 207) relata que as mulheres negras estão coletivamente em uma condição social geral inferior à de qualquer outro grupo de sujeitos na sociedade e, ocupando essa posição de desigualdade, elas suportam o peso da “opressão machista, racista e classista”.

Dessa forma, a presente pesquisa parte do pressuposto de que compreender o fenômeno informação, bem como os aspectos que compõem os entornos informacionais na realidade das mulheres negras, é fundamental para se buscar uma transformação da realidade social desse grupo especificamente. Em última análise, o desejo que move esta pesquisa se nutre na expectativa de que os estudos informacionais podem contribuir para transformações sociais e, de especial maneira, para a transformação em mulheres empoderadas<sup>2</sup> e escritoras de sua própria história.

---

<sup>2</sup> Joice Berth (2019) aborda sobre esse tema em seu livro intitulado “Empoderamento” e relata que são muitas as definições e perspectivas dadas ao termo empoderamento. No contexto de uma perspectiva feminista, a autora destaca a definição da professora feminista norte-americana Nelly Stromquist, onde ela fala que: “O empoderamento consiste de quatro dimensões, a cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, para levar as mulheres a atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (Visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente).” (SARDENBERG, 2018 apud BERTH, 2019, p. 47).

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do contexto apresentado acima, que explicita a injustiça social que envolve a realidade das mulheres negras no Brasil, e a partir do pressuposto de que a informação é um insumo capaz de transformar tal realidade, propõem-se como problema de pesquisa os seguintes questionamentos: *quais as percepções acerca da informação e do uso da informação pelas mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré? Quais as informações que auxiliam na transformação das realidades sociais dessas mulheres?*

## 1.2 OBJETIVOS

No intuito de alcançar meios para responder os questionamentos delineados como problemas desta pesquisa, ligados à compreensão e ao uso da informação a partir da perspectiva de um grupo de mulheres negras no complexo de comunidades da Maré, bem como as possíveis transformações sociais a partir da informação veiculada no contexto deste grupo, alguns objetivos foram definidos e são apresentados a seguir.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Compreender as percepções das mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré, Rio de Janeiro, sobre o conceito de informação, os tipos de informações utilizadas e suas influências na resolução dos problemas cotidianos.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Contextualizar o coletivo Casa das Mulheres da Maré, do Rio de Janeiro, foco de observação da pesquisa;
- b) Compreender como o conceito de informação é percebido pelas mulheres negras integrantes da Casa das Mulheres da Maré;
- c) Coletar discursos das mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré de modo a manifestar a representação social deste coletivo a respeito da informação e seu uso.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Do ponto de vista pessoal, meu interesse em desenvolver esta pesquisa se sustenta na identificação étnico-racial-social, pois sou uma mulher negra, descendente de mulheres negras que viveram e que ainda vivem no conjunto de comunidades periféricas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Mulheres, estas, que fazem parte de um grupo preterido e marginalizado pela sociedade. As mulheres pertencentes a este grupo social enfrentam os maiores índices de desemprego, estão entre as pessoas que desenvolvem mais atividades de baixa remuneração, estão entre os maiores números em casos de assassinatos (vítimas de feminicídio) e, ainda, fazem parte do menor índice de pessoas que conseguem chegar às universidades (IBGE, 2010). Neste sentido, parece-me justo buscar compreender se a informação pode de fato ajudá-las a alcançar uma realidade social menos injusta, de modo a trazer mudanças em suas vidas por intermédio da compreensão e do uso da informação.

Novos acontecimentos e novos desafios, como ressalta Araújo (2018), foram aparecendo para a área da CI desde o final do século XX. O advento da tecnologia, computadores e internet proporcionaram, de forma ampla, o acesso a diversos tipos de documentos e registros do conhecimento em tempo real, de várias épocas e de diversos lugares do mundo. Apesar disso, diversos grupos da população ainda estão distanciados deste acesso e fazer a inclusão desses sujeitos ainda é considerado um problema não somente econômico, mas também informacional.

Nesta direção, este trabalho visa contribuir para o campo de estudos da CI à medida que busca compreender o significado de informação para determinados grupos da sociedade brasileira, com o intuito de entender as necessidades e usos de informação, o que, por consequência, pode ser utilizado para criação de serviços, produtos e estratégias de disseminação da informação para grupos socioeconômico e educacionalmente vulneráveis. Ainda, como potencial contribuição à área da CI, aspira-se, com esta pesquisa, colaborar com uma sociedade informacionalmente mais equânime, fornecendo subsídios para que profissionais de unidades de informação possam refletir e juntar esforços para elaborar, articular e implementar políticas públicas, ações e serviços visando oferecer acesso e uso da informação conforme a necessidade desse grupo étnico-racial. Dessa forma, espera-se superar desigualdades e expandir direitos nesses espaços, em prol de uma cidadania participativa e plena.

Acredito que desenvolver esta pesquisa em um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação contribua para que estudos relacionados às mulheres negras no Brasil passem definitivamente a fazer parte da agenda de pesquisa desta área.

#### 1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

A dissertação está estruturada primeiramente por uma introdução que, conforme visto, apresenta o tema e o problema de pesquisa, os aspectos que justificam sua realização, bem como os objetivos a serem alcançados. A seção subsequente, intitulada “*A informação para emancipação social, educacional e política das mulheres na sociedade*”, destinou-se a versar sobre a informação voltada à emancipação social das mulheres, especialmente, no que se refere às mulheres negras. Abordamos sobre o conceito de informação e informação étnico-racial no campo biblioteconômico-informacional, assim como, sobre dispositivos de racialidade que fazem parte do contexto de mulheres negras.

A seção 3, chamada “*A Casa das Mulheres da Maré*”, contextualiza o complexo de favelas da Maré, com o enfoque direcionado ao coletivo Casa das Mulheres da Maré, espaço de observação desta pesquisa. Na seção 4, “*A construção social da realidade: as representações sociais*”, dedicamo-nos a abordar sobre a fundamentação teórico-metodológica para esta pesquisa, na qual foi utilizada a Sociologia do Conhecimento relacionada à construção da realidade, de Berger e Luckmann, e das representações sociais de Serge Moscovici, criadas no campo da Psicologia Social.

Apresentamos, na seção 5, os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, assim como, a técnica de coleta e análise dos discursos, a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Na seção 6, “*O que dizem as mulheres negras frequentadoras da Casa da Maré?*”, trazemos os resultados da pesquisa com a descrição das respondentes e o Discurso do Sujeito Coletivo oriundo dos discursos das entrevistadas, seguindo a sequência das questões realizadas pela pesquisadora. Apresentamos ainda, a análise dos pontos encontrados, a saber: a) informação como elemento de emancipação; b) informação para transformação da realidade social de mulheres negras: violência e mercado de trabalho; c) a importância da Casa das Mulheres para apoio psicológico, jurídico e construção de afetos; e d) Outros temas: pandemia. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais desta pesquisa.

## 2 A INFORMAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO SOCIAL, EDUCACIONAL E POLÍTICA DAS MULHERES NA SOCIEDADE

Ao longo da história, a mulher sempre foi tratada com diversas formas possíveis de discriminação e desigualdade nas sociedades e esses níveis de tratamento eram diferentes de uma região para outra, de época para época, ainda, de grupo social para grupo social, e de povos para povos. Em diferentes momentos históricos, mulheres foram colocadas em um constante silenciamento, a partir de uma perspectiva patriarcal que as coloca como propriedade de um homem, ou grupo de homens, os quais decidem sobre seus corpos, desejos e até os limites que podem chegar. Mulheres foram obrigadas a passar suas vidas sobre as sombras dos homens, como pais, cônjuges, líderes religiosos, chefes em seus locais de trabalho – isso quando a elas foi permitido trabalhar – e em outros âmbitos da sua vivência (SILVA; ROMEIRO, 2018). Feministas como Patricia Hill, Angela Davis, Sueli Carneiro, Lélia González, Djamila Ribeiro, entre outras, afirmam que o sistema de sociedade em que vivemos, o patriarcado, é o principal fator para a difusão dessas desigualdades entre homens e mulheres. Esse sistema envolve a relação de dominação-exploração das mulheres pelos homens até os dias de hoje.

Dentro da CI, como referencial teórico sobre o assunto de dominação, exploração e violências, podemos elencar a dissertação – defendida em 2019 e premiada com o Prêmio ANCIB<sup>3</sup> de melhor dissertação – escrita por Nathália Lima Romeiro, intitulada “Vamos fazer um escândalo: a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a *folksonomia* como ativismo em oposição a violência sexual no Brasil”. O estudo buscou “compreender se os instrumentos normativos sobre violência sexual e mídias sociais servem como punição, denúncia e formação de redes apoio contra crimes sexuais sofridos por meninas e mulheres” (ROMEIRO, 2019, p. 154). A autora faz uma revisão sócio-histórica sobre a violência contra as mulheres ao longo dos séculos e traz, a partir de autoras sobre gênero de diversas áreas do conhecimento, críticas ao sistema de sociedade atual, que define as regras sobre o corpo, a vida e as ações de uma mulher, a partir de um sistema patriarcal e machista de sociedade. A autora ainda analisa a trajetória da legislação sobre violência contra a mulher no Brasil e demonstra que “os instrumentos normativos bem como as ações de instituições de segurança pública são as principais responsáveis pela punição de algozes” (ROMEIRO, 2019, p. 155).

---

<sup>3</sup> Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

Danieli Costa (2020), cientista social e ativista do movimento feminista no Brasil, ressalta que o patriarcado – ou como dizia bell hooks<sup>4</sup> (2018, p. 14), a outra maneira de se “nomear o sexismo institucionalizado” – não se resume somente a um sistema de dominação, que foi criado pela ideologia machista. Mais do que isso, ele é também um sistema de exploração. A pesquisadora feminista, Heleieth Saffioti (2007), contribui com a fala de Danieli Costa (2020) dizendo que nesse regime as mulheres são vistas e entendidas como objetos para satisfazer sexualmente os homens, são reprodutoras de herdeiros e de novas reprodutoras, assim como são força de trabalho.

Um artigo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no Atlas da Violência registra que

A violência de gênero é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. Como subproduto do patriarcalismo, a cultura do machismo, disseminada muitas vezes de forma implícita ou sub-reptícia, coloca a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, entre os quais o estupro (CERQUEIRA; COELHO, 2014, s.p.).

Os homens, exercendo a função patriarcal, gozam do poder de definir a conduta das categorias sociais nomeadas, sendo autorizados ou tolerados pela sociedade no papel de punir a quem, por eles, é atribuído desvio. Mesmo que as vítimas potenciais não tentem aderir às práticas sociais diferentes das que são definidas pelas normas sociais, o exercício do projeto de dominação-exploração patriarcal demanda o uso da violência como ferramenta de autoridade. Mesmo a ideologia de gênero não garante obediência das vítimas potenciais às regras do patriarcado, assim, buscam a violência para que as cumpram (SAFFIOTI, 2001).

Heleieth Saffioti (2007) reflete o tolhimento que as mulheres sofrem no seu desenvolvimento e no uso de seu poder de decisão e escolha. A elas, é ensinado que devem desenvolver comportamentos sociais dóceis, cordatos, apaziguadores. Ainda neste contexto, Simone de Beauvoir (1980, p. 9) descreve que as mulheres não nascem com as características sociais/identitárias que a sociedade espera que elas tenham; as mulheres aprendem isso ao longo de sua vida desde a infância. Isso não é intrínseco das mulheres, mas sim, uma construção social.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

---

<sup>4</sup> O nome de bell hooks é citado nesta dissertação com letras minúsculas seguindo a solicitação da própria autora.

Danieli Costa (2020, *on-line*) traz uma reflexão em sua fala sobre a relação das mulheres no mercado de trabalho, afirmando que há uma “naturalização dos papéis de gênero para manutenção dos privilégios de exploração e dominação dos homens”. Um outro ponto que ela discute é a ideia já estabelecida que se tem sobre a “ajuda” fornecida pelos homens quando se pensa em divisão de tarefas domésticas e maternas, a qual perpetua as opressões: “os homens ajudam em casa, pressupondo-se responsabilização da mulher; as mulheres ajudam no mercado de trabalho levando-a à percepção de salários mais baixos”.

Em seu livro intitulado “Gênero, patriarcado, violência”, publicado em 2007, Saffioti escreve que neste mesmo ano,

A exploração chega ao ponto de os salários médios das trabalhadoras brasileiras serem cerca de 64% (IBGE) dos rendimentos médios dos trabalhadores brasileiros embora, nos dias atuais, o grau de escolaridade das primeiras seja bem superior a dos segundos. A dominação-exploração constitui um único fenômeno, apresentando duas faces. Desta sorte, a base econômica do patriarcado não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva. Seja para induzir as mulheres a ter grande número de filhos, seja para convencê-las a controlar a quantidade de nascimentos e o espaço de tempo entre os filhos, o controle está sempre em mãos masculinas. (SAFFIOTI, 2007, p. 106).

Esse sistema opressor faz com que as mulheres ganhem, no Brasil, 76% menos que os homens quando se trata do mercado de trabalho, mesmo tendo a mesma capacitação e formação ou, inclusive, mais qualificadas. Em uma sociedade na qual as mulheres são a maioria no ensino superior, a maior parte dos trabalhos não remunerados são realizados majoritariamente pelas mulheres (cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos), cerca de 73% de horas semanais a mais em relação aos homens (mulheres – 18,1 horas; homens – 10,5 horas). Mesmo sendo elas mais da metade da população (52%), pouco se vê ainda mulheres na vida pública nos campos cívicos e políticos em posições de liderança, tanto no setor público, quanto no setor privado (IBGE, 2011; IPEA, 2018a,b).

Apesar de Saffioti concluir que há hierarquia entre classe, gênero e raça, respectivamente, a autora afirma que a revolução só pode, de fato, concretizar-se caso a divisão sexual do trabalho seja superada ou haja superação da mística feminina e dos papéis de gênero (SAFFIOTTI apud COSTA, 2020). Embora a mulher esteja conseguindo conquistar seu espaço em diferentes campos de atuação desde a revolução industrial, no mundo acadêmico, político, profissional, educacional, ainda não se vê a equidade de direitos em todos os âmbitos de nossa sociedade (NASCIMENTO, 2003). As mulheres se encontram em uma parte da sociedade marginalizada e estão sub-representadas em todas as esferas sociais.

As mulheres enfrentam, no decorrer de suas vidas, inúmeras desigualdades conforme elencadas na breve contextualização acima. Quando se faz o recorte de gênero, raça e de classe, as desigualdades são ainda mais chocantes. Além das vidas dessas mulheres negras serem cruzadas por todos os aspectos que se apresentam para as mulheres brancas (machismo, patriarcalismo, papéis atribuídos de gênero etc.), os fatores relacionados à cultura do patriarcado, machismo, desigualdade salarial, violências (doméstica, sexual, psicológica etc.) e demais aspectos estão imbricados com a questão étnico-racial. O justaposto entre raça, gênero e classe as coloca em um lugar inferior às mulheres brancas, no qual elas vivem com diferentes e mais desigualdades.

Importante dizer que essas desigualdades – que perduram até hoje – nascem em tempos remotos. No período escravista, mulheres negras foram tratadas como objetos, serviram de mão de obra escravizada, sofreram estupros, mutilações, torturas e foram utilizadas como reprodutoras e amas de leite para os membros da casa grande. As diferenças entre mulheres negras e brancas estão presentes no trabalho – mulheres negras sempre trabalharam –, no direito de ser considerada como ser humano, no exercício da maternidade, na violência, no direito a ter um relacionamento afetivo, entre outros (HOOKS, 2018). Patricia Hill Collins (2019) relata que o imbricamento das opressões de raça, gênero e classe, que é um legado da escravidão, configurou-se e ainda se configura com o estabelecimento das relações de mulheres negras dentro dessa estrutura opressora.

bell hooks (2018) reafirma que para além das problemáticas que já foram citadas acima, as mulheres negras são oprimidas e dominadas pelas próprias mulheres brancas, haja vista que estas últimas se utilizam do seu poder de dominação, classe e raça, para oprimir e explorar as primeiras. A autora ainda salienta que os homens negros também têm o poder de explorar e oprimir as mulheres negras.

As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. (HOOKS, 2015, p. 208).

Para Patricia Hill Collins (2019, p. 33), quando um grupo de sujeitos impede que um outro grupo tenha acesso a recursos da sociedade e essas situações injustas acontecem de forma sistemática e por um longo período de tempo, isso pode ser traduzido pelo termo

opressão. A autora ainda completa dizendo que as principais formas de opressão se referem a gênero, raça, classe, sexualidade, nação, idade e etnia.

Kimberlé Williams Crenshaw (2002) explica que essa interseccionalidade<sup>5</sup> entre raça, gênero e classe trabalha para limitar as chances de sucessos das mulheres negras. A autora do livro “Torna-se negro” (2019, p. 371), Neusa Santos Souza, afirma que o lugar do sujeito negro foi demarcado pela sociedade escravista, quando esta “ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça<sup>6</sup>, [...], a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.”

Em complemento ao que foi descrito acima, a autora Lélia Gonzalez relata o lugar do negro na sociedade,

[...] No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão. As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido. (GONZALEZ, 1979 apud GONZALEZ, 1984).

A autora Neusa Santos Souza (2019), que foi psiquiatra, psicanalista e ativista na luta contra o racismo cotidiano, expressa em suas falas que em sociedades racistas como a brasileira que tem classes multirraciais, a raça define de maneira implícita a posição do sujeito na estrutura social. Assim, seu valor é definido pelo pertencimento ou adequação à categoria racial dominante, nesse caso, a branca.

<sup>5</sup> A autora Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) explica que “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.”

<sup>6</sup> A autora do livro “Torna-se negro” (2019, p. 371), Neusa Santos Souza, refere-se como raça a “noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição numa estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidade biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributos compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais.”

A mestra em filosofia e ativista do feminismo negro, Djamila Ribeiro (2019), aponta a importância em se pensar como esse sistema de opressão vem, ao longo da história, favorecendo a população branca nos âmbitos econômico, social, da saúde, da educação, ao mesmo tempo em que os sujeitos negros – que são vistos como mercadoria – não participam da distribuição de riquezas e nem sequer possuem acesso a direitos básicos nos âmbitos mencionados acima. Porém, até mesmo os movimentos feministas falharam em não reconhecerem que o gênero também afeta as mulheres de grupos racializados de forma diferente do que mulheres brancas, tornando as mulheres negras invisíveis dentro desse movimento. Por serem brancas, elas têm os privilégios de brancos e isso torna impossível que suas vivências sejam comparadas a vivências das mulheres negras. O feminismo branco/hegemônico mostra que há um universalismo entre mulheres, onde o gênero é a única questão a ser tratada por esse movimento (KILOMBA, 2019).

A partir deste contexto, Crenshaw (2002, p. 8) evidencia que a “questão é reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero.” A autora ainda completa sua fala afirmando que, para que possam ser contempladas as questões de interseccionalidade vivenciadas pelas mulheres negras, essas duas categorias mencionadas precisam ser desdobradas para inclusão dessas questões, pois a mulher não é ser universalizante.

Para bell hooks (2015, p. 207),

Em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar a, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero. Embora se concentrem em classe e gênero, as feministas socialistas tendem a negar a raça ou fazem questão de reconhecer que a raça é importante e, em seguida, continuam apresentando uma análise em que a raça não é considerada.

Kimberlé Williams Crenshaw (2002) salienta que a discriminações racial e de gênero que acometem as mulheres negras não podem ser vistas como estanques. Essas discriminações ocorrem de forma mútua, determinando que as mulheres negras não sejam bem-sucedidas em aspectos distintos no decorrer de suas vidas. Diante deste contexto, ocorre a precarização das agendas dos movimentos feministas brancos ao não colocarem as especificidades das mulheres negras em suas pautas. Assim, devido a essa falta de intersecção

do movimento feminista branco, surgiu o feminismo negro. O feminismo negro começou a ganhar força no ano de 1973, nos Estados Unidos da América, e no Brasil, entre a década de 1970 e 1980 (RIBEIRO, 2018).

As mulheres negras já “vêm pensando categoria ‘mulher’ de forma não universal e criticam há algum tempo apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher” (RIBEIRO, 2018, p. 122). Destaca-se que a pensadora Ângela Davis – mesmo antes do conceito interseccionalidade ser conhecido internacionalmente – já considerava que as “opressões estruturais” não podiam ser pensadas separadamente. Em seu livro intitulado “Mulheres, raça e classe”, publicado originalmente em 1981, a autora já levantava a questão sobre o racismo no movimento feminista e afirmava que era preciso a utilização de outros parâmetros para a feminilidade (RIBEIRO, 2018, p. 123).

Lélia Gonzalez (1984, p. 224), feminista e ativista negra, escreve que, para a população negra, “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”. Ela complementa enfatizando que o imbricamento do racismo com o sexismo gera efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. A autora Lélia Gonzalez (1982, p. 97) endossa a fala anterior dizendo que “ser negra e mulher no Brasil, [...] é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão”.

Em uma sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um “novo marco civilizatório” (RIBEIRO, 2018, p. 127). Sueli Carneiro (2002, s.p.) destaca que,

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocado para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. (CARNEIRO, 2002, s.p.).

As mulheres negras são as que mais enfrentam desafios em diversos âmbitos dentro da sociedade brasileira. São também as que mais sofrem com a falta de estudo; existe apenas uma pequena parcela que consegue chegar ao ensino superior. Conforme dados levantados pela pesquisa “Estatísticas de gênero – indicadores sociais das mulheres no Brasil” realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em junho de 2018, as mulheres estudam por mais anos do que os homens. Entre as pessoas de 25 a 44 anos de idade, o percentual de homens que terminou a graduação é de 15,6%, enquanto o de mulheres

alcançou 21,5%. Ainda assim, o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5%) é 2,3 vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%) e é mais do que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (7%) (AGÊNCIA..., 2018).

Em relação ao mercado de trabalho, as mulheres negras têm mais dificuldades em ocupar altos postos de trabalho e a metade delas estão em trabalhos informais. Elas experimentam uma maior precariedade no mercado de trabalho e são as que têm a renda mais baixa exercendo atividade que as colocam em lugares subalternos, como serviços domésticos e também são as mais afetadas pelo desemprego (BENTO, 1995; IPEA, 2018a,b).

Mulheres negras são também, em sua grande parte, as únicas provedoras do sustento do lar. Conforme o estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os lares brasileiros, cada vez mais, estão sendo chefiados por mulheres. Em 1995, 23% dos domicílios tinham mulheres como pessoas de referência. Vinte anos depois, esse número chegou a 40%. Cabe ressaltar que as famílias chefiadas por mulheres não são exclusivamente aquelas nas quais não há presença masculina: em 34% delas, havia a presença de um cônjuge (IPEA, 2018a,b).

Dados de uma campanha feita pelo Ministério da Saúde no ano de 2014, intitulada “SUS sem Racismo”, revela que mulheres negras compõem a maior parte dos atendimentos feitos pela assistência social e são elas que vivenciam mais situações de vulnerabilidade e têm seus direitos violados. Além disso, foi constatado nesta campanha que as mulheres negras recebem tempo menor de atendimento médico em relação às mulheres brancas. E que 46,2% das mulheres brancas utilizaram do direito de ter acompanhante no parto e somente 27% das mulheres negras tiveram acompanhante. Somente 62,5% das mulheres negras recebem orientações sobre o aleitamento materno, enquanto 77,7% das mulheres brancas recebem tais orientações. Ainda, os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde revelam que as taxas de mortalidade entre mulheres brancas e negras são bem distintas: mortes de mulheres negras mães chegam a 60% e entre as mulheres brancas apenas 34% (AGÊNCIA..., 2014).

A autora Sueli Carneiro (2002) pontua que a opressão é algo muito presente na vida da mulher negra, basta verificarmos que as mulheres negras estão entre as maiores taxas de feminicídio no país e morte no período de gestação, pré e pós-parto. Essas relações de poder que essas mulheres sofrem se configuram em violência, opressão e subalternização, e

influenciam no papel que essa mulher assume na sociedade (FERNÁNDEZ, 2012; TEIXEIRA; QUEIROZ, 2017).

[...] mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (CARNEIRO, 2002, s.p.).

Corroborando com os discursos acima, segundo o Atlas da Violência publicado em 2018 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA (2018a,b), o feminicídio está crescendo entre as mulheres negras, embora esteja diminuindo entre as mulheres brancas. Nos últimos 10 anos, a taxa de assassinatos de mulheres não negras diminuiu 8% e, no mesmo período, a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 15%.

As autoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Dirnéle Carneiro Garcez, ainda sobre mesmo tópico, endossam que políticas públicas para a população negra, em especial, para mulheres negras, são ainda embrionárias. É preciso que estas sejam desenvolvidas para suprirem as necessidades de informação que são próprias desse grupo étnico-racial e, do mesmo modo, torná-las sujeitos e cidadãs que possam escrever sua própria história (SILVA; GARCEZ, 2018).

No tocante à apropriação da informação sob a ótica da transformação em conhecimento pelas pessoas negras, Mirian de Albuquerque Aquino (2013, p. 67) ressalta que o “sistema educacional impõe barreiras informacionais para as/os afrodescendentes destinando-lhes uma informação inadequada no atual contexto, sem nenhuma ligação com a sua história, cultura e tecnologia”. A autora também destaca uma questão que considera fundamental:

[...] [a] atual revolução tecnológica surge como uma nova cultura que impõe uma ordem econômica e social e impulsiona o acesso e uso da informação nas diversas atividades humanas e para educação coloca a responsabilidade social de se adequar a esse novo modo de desenvolvimento e redefinir seus espaços de formação. Entretanto, essa cultura que constitui uma das instâncias em potencial para o afrodescendente se empoderar, organizar a sua identidade, superar barreiras, se abastecer com “repertórios culturais diferentes” (CANCLINI, 2007) e se apropriar de fluxos de informação, é negada em sua totalidade (AQUINO, 2013, p. 67 apud SILVA; GARCEZ, 2018, p. 215-216).

Ocorreram diversas mudanças sociais ao longo dos últimos séculos relacionadas à emancipação da mulheres, como a redução da taxa de fecundidade, o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, crescente aumento dos níveis de escolaridade, divulgação e acesso aos métodos contraceptivos, acesso à informação, a criação de leis e

projetos, entre outras, que possuem como objetivo defender direitos e pautas relacionadas às mulheres no Brasil. Ainda assim, existe um caminho longo e árduo a ser percorrido em relação à redução da desigualdade entre homens e mulheres, em especial, entre homens brancos e mulheres negras. Simone de Beauvoir (1980) afirma que:

As restrições que a educação e os costumes impõem à mulher limitam seu domínio sobre o universo. Quando o combate para conquistar um lugar neste mundo é demasiado rude, não se pode pensar em dele sair; ora, é preciso primeiramente emergir dele numa soberana solidão, se quer tentar repreendê-lo: o que falta primeiramente à mulher é fazer, na angústia e no orgulho, o aprendizado de seu desamparo e de sua transcendência (BEAUVOIR, 1980, p. 479).

Com objetivo de diminuir ou acabar com as desigualdades de gênero, raça e classe impostas às mulheres em diversos aspectos, foram criadas iniciativas como a publicada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2016, intitulada “Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”<sup>7</sup>. A Agenda 2030 se destina aos governantes, às instituições, às organizações, e aos sujeitos como um todo, para que possam criar condições para implementar e alcançar os objetivos deste proposto. Ao total, são 17 objetivos e 169 metas estabelecidas, dentre os quais destacar-se-á nesta pesquisa o Objetivo 5 da Agenda 2030 (ODS 5), o qual busca elucidar “metas para alcançar à igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Podem ser vistas, a seguir, as metas definidas até o momento para alcançar este objetivo (Figura 1 e 2).

---

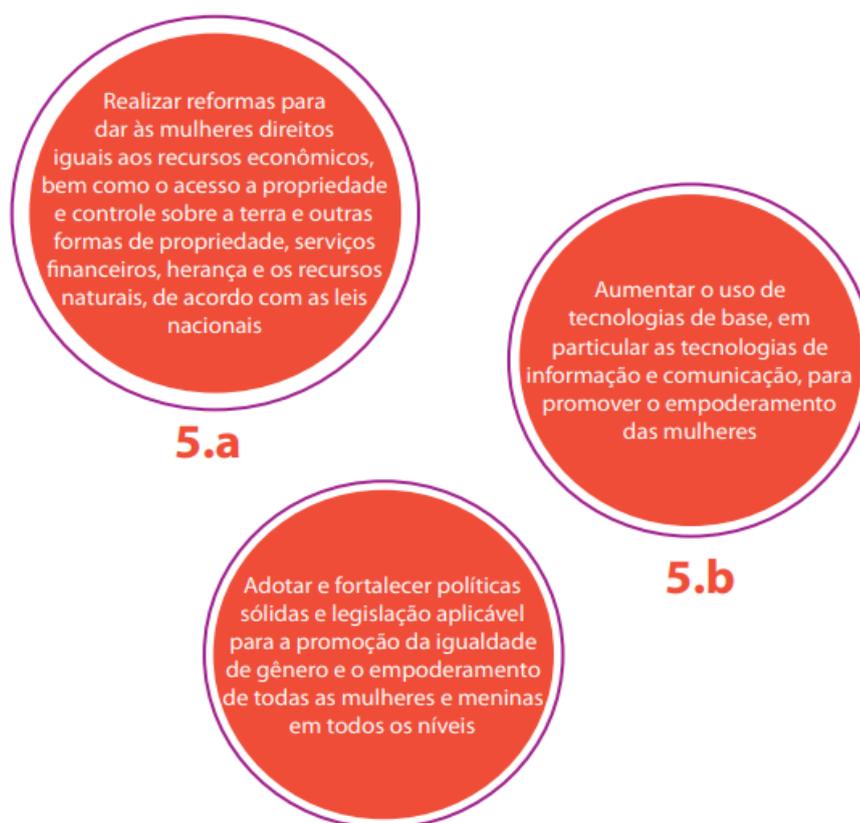
<sup>7</sup> Para saber mais acesse: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>

Figura 1 - Metas para alcançar à igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.



Fonte: Adaptado de Organização das Nações Unidas Brasil (ONU BR, 2016).

Figura 2 - Metas do ODS 5 para os meios de implementação.



Fonte: Adaptado de Organização das Nações Unidas Brasil (ONUBR, 2016).

Outra iniciativa significativa é a Década Internacional de Afrodescendentes, que tem como período do ano de 2015 a 2024, cujos esforços da ONU se voltam para a eliminação do racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerâncias relacionadas. Nessa agenda, a ONU declara a necessidade da cooperação nacional, regional e internacional para que afrodescendentes possam ter acesso de forma plena aos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos (ONU, 2015).

O principal objetivo da Década Internacional de Afrodescendentes deve ser promover respeito, proteção e cumprimento de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais para sujeitos de ascendência africana, como reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em seu programa de atividades, a ONU declara que esse objetivo principal pode ser através da plena e efetiva implementação da Declaração e Programa de Ação de Durban<sup>8</sup>. (ONU, 2014). Como objetivos específicos, a Década se concentrará nos seguintes:

<sup>8</sup> Maiores informações em: [http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao\\_durban.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf)

- 1) Fortalecer a ação e cooperação nacional, regional e internacional em relação a pleno gozo de benefícios econômicos, sociais, culturais, civis e políticos e sua participação de forma plena e com igualdade em todos os aspectos da sociedade;
- 2) Promover e disseminar um maior conhecimento e respeito pelo patrimônio, pela cultura e a contribuição das pessoas de ascendência africana para o desenvolvimento das sociedades;
- 3) Adotar e fortalecer as leis nacionais, regionais e internacionais de acordo com a declaração e Programa de Ação de Durban e a Convenção Internacional para eliminação de todas as formas de discriminação e racismo, e garantir sua implementação completa e eficaz (ONU, 2014, tradução nossa).

Com o intuito de alcançar os objetivos da Década Internacional de Afrodescendentes, foi desenvolvido um programa de atividades que foi aprovado em assembleia geral, como pode ser visto de forma resumida no quadro apresentado a seguir (Quadro 1).

Quadro 1 - Atividades a serem realizadas na Década Internacional de Afrodescendentes.

Nível Nacional	Atividade
<p>Os Estados devem adotar medidas concretas e práticas por meio da adoção e implementação eficaz de estruturas jurídicas nacionais e internacionais, políticas e programas de combates ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância enfrentada pelas pessoas de ascendência africana, levando em consideração a situação das mulheres, meninas e jovens do sexo masculino.</p>	<p><b>1.Reconhecimento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○O direito à igualdade e à não discriminação;</li> <li>○Educação para igualdade e ampliação da conscientização;</li> <li>○Coleta de informações (Estados devem coletar, compilar, analisar, divulgar e publicar dados estatísticos seguros em níveis nacionais e locais);</li> <li>○Participação e inclusão (permitir a completa, igual e efetiva participação dos afrodescendentes nos assuntos públicos e políticos sem discriminação).</li> </ul> <p><b>2.Justiça:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○acesso a justiça;</li> <li>○Medidas especiais (Os Estados devem desenvolver ou elaborar planos nacionais de ação para promover a diversidade, a igualdade, a justiça social, a igualdade de oportunidades e de participação de todos).</li> </ul> <p><b>3. Desenvolvimento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○Direito ao desenvolvimento e medidas contra a pobreza;</li> <li>○Educação (Os Estados devem tomar todas as medidas necessárias para efetivar o direito dos afrodescendentes, particularmente das crianças e jovens, à educação básica e gratuita, e ao acesso a todos os níveis e formas de educação pública de qualidade sem discriminação);</li> <li>○Emprego (Os Estados devem tomar medidas concretas para eliminar o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância correlata no espaço de trabalho contra todos os trabalhadores, em particular os afrodescendentes, incluindo imigrantes, e garantir a completa igualdade de todos perante a lei, incluindo nas leis trabalhistas);</li> <li>○Saúde (Os Estados devem tomar medidas para melhorar o acesso de afrodescendentes a serviços de saúde de qualidade);</li> <li>○Moradia (Reconhecendo as condições de moradia precárias e inseguras em que muitos afrodescendentes vivem, os Estados devem desenvolver e implementar políticas e projetos, conforme o caso, visando, entre outras coisas, a assegurar que eles ganhem e mantenham um lar e uma comunidade segura e protegida onde possam viver em paz e dignamente).</li> </ul>

Quadro 1 - *Continuação.*

Nível Regional e Internacional	Atividade
<p>A comunidade internacional, organizações internacionais e regionais e em particular programas relevantes das Nações Unidas, fundos, agências especializadas, instituições financeiras e instituições de desenvolvimento e outros mecanismos internacionais dentro de suas áreas de competências devem dar alta prioridade a programas e projetos especificamente adaptados ao combate ao racismo e a discriminação contra indivíduos de ascendência africana.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tomar medidas para aumentar a conscientização sobre a Década Internacional, inclusive através de campanhas de conscientização, além de organizar e apoiar outras atividades, tendo em conta o tema da Década;</li> <li>2. Continuar a divulgar amplamente a Declaração e Plano de Ação de Durban, o documento final da Conferência de Revisão de Durban e a declaração política da reunião de alto nível da Assembleia Geral para comemorar o décimo aniversário da adoção da Declaração e Plano de Ação de Durban;</li> <li>3. Continuar a aumentar a conscientização sobre a Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial;</li> <li>4. Apoiar os Estados na completa e efetiva implementação das obrigações decorrentes da Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, e na ratificação ou adesão à Convenção, buscando a alcançar sua afirmação universal;</li> <li>5. Apoiar os Estados na completa e efetiva implementação dos compromissos assumidos na Declaração e Plano de Ação de Durban;</li> <li>6. Incorporar os direitos humanos nos programas de desenvolvimento, inclusive nas áreas de acesso e desfrute dos direitos à educação, emprego, saúde, moradia, terra e trabalho;</li> <li>7. Atribuir prioridade especial aos projetos dedicados à coleta de dados estatísticos;</li> <li>8. Apoiar iniciativas e projetos destinados a honrar e preservar a memória histórica de afrodescendentes;</li> <li>9. Usar a Década como uma oportunidade para envolver afrodescendentes em medidas apropriadas e efetivas para conter e inverter as duradouras consequências da escravidão, do comércio de escravos e do comércio transatlântico de escravos e, para este objetivo, garantir a participação e consulta de/a organizações não governamentais, outras partes interessadas e da sociedade civil em geral;</li> <li>10. Em atividades de planejamento para a Década, examinar como os programas e recursos existentes podem ser utilizados para beneficiar os afrodescendentes de forma mais eficaz;</li> <li>11. Dar a devida atenção às metas e objetivos que visam à eliminação do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e da intolerância correlata contra afrodescendentes nas discussões realizadas pelas Nações Unidas sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015.</li> </ol>

Fonte: Adaptado de Organização das Nações Unidas (ONU, 2014).

No campo da CI e da Biblioteconomia, há algumas iniciativas importantes e que merecem ser divulgadas no que concerne ao enfrentamento do racismo e reivindicação de pessoas negras no campo. Destacamos a criação do Coletivo Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e dos Grupos de Trabalhos pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e instituições (FEBAB), especialmente o Grupo de

Trabalho Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades (RERAD) e o Grupo de Trabalho de Bibliotecas pela Diversidade e Enfoque de Gênero (BDEG).

Em 2019, integrantes do Coletivo Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os)<sup>9</sup> realizaram o I Encontro Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas<sup>10</sup>, o qual teve como tema “O protagonismo de bibliotecárias/os negras/os na Biblioteconomia e Ciência da Informação” e foi coordenado pelas bibliotecárias negras, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela Lima e Andreia Sousa da Silva e a Professora antirracista, Daniella Camara Pizarro. O evento foi sediado em Florianópolis e apresentou diversas discussões sobre as relações étnico-raciais, Biblioteconomia Negra, branquitude, feminismo negro, epistemicídio, entre outros temas de interesse tanto da comunidade negra bibliotecária, quanto da antirracista (ENCONTRO..., 2019).

No ano de 2020, a partir das lutas de integrantes do movimento de bibliotecárias e bibliotecários negros e, também, do interesse da FEBAB, o Grupo de trabalho RERAD foi constituído vinculado à FEBAB. O objetivo deste Grupo de trabalho é pensar em ações com o intuito de promover a “diversidade étnico-racial, emancipação de povos em vulnerabilidade econômica, social e educacional, por intermédio do acesso à informação e às bibliotecas, bem como refletir sobre a decolonização do ensino e prática em Biblioteconomia em solo brasileiro” (FEDERAÇÃO..., 2020, *on-line*). Além disso, visa contribuir para que aconteça a execução das Leis Federais n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008, e do Parecer CNE 03/2004 que atribui as Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (FEDERAÇÃO..., 2020, *on-line*).

O Grupo de trabalho BDEG visa desenvolver algumas ações como a criação de um documento com diretrizes de atendimento que terá como base as leis vigentes nos níveis municipal, estadual e federal; agrupar todas as atividades e experiências realizadas pelas bibliotecas do território brasileiro em um documento para publicação; criar bibliografia básica de literatura LGBTQIA+ e Vocabulário Controlado especializado; efetuar relatórios anuais para consulta pública para entender a relação da comunidade com a biblioteca, especialmente a biblioteca pública; e promover palestras, cursos e ações voluntárias em conjunto as

---

<sup>9</sup> O Coletivo Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) foi criado no ano de 2018, a partir do grupo de autores, autoras e organizadoras da obra: *Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política*, publicada pela Editora da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB) e lançada no Painel Biblioteconomia em Santa Catarina daquele ano. A partir dessa data, o grupo cresceu de forma orgânica no *WhatsApp* e atualmente possui diversos integrantes bibliotecárias e bibliotecários negros de todo o país.

<sup>10</sup> Informações sobre o evento podem ser encontradas no site: <https://encontrodebibliote.wixsite.com/bibliotecarixsnegrxs>. Acesso em: 10 mar. 2021.

associações estaduais filiadas à FEBAB, escolas de biblioteconomia e organizações não-governamentais (ONGs) (FEDERAÇÃO..., 2019).

Apesar dos dois grupos de trabalho da FEBAB se preocuparem com sujeitos que vivem em situação de vulnerabilidade, nenhum deles aborda em seus objetivos, diretrizes e ações voltadas para as mulheres negras de forma específica. Contudo, acredita-se que há necessidade de estudos e ações específicas para esta população, uma vez que se compreende que as vivências das mulheres negras não podem ser comparadas com as vivências das mulheres brancas, haja vista que a mulher não é um ser universalizante, e portanto, os pensamentos das mulheres negras devem ser evidenciados e estudados e elas, como sujeitos, devem ser visibilizadas enquanto intelectuais e atores políticos dentro dos espaços diversos que compõem a sociedade. Neste contexto, diante de todas as falas que podem ser vistas neste estudo sobre mulheres negras, faz-se necessário que os dois grupos de trabalhos também direcionem suas ações e pensem novas maneiras de incluir as mulheres negras e suas questões em suas agendas.

Diante disso, evidencia-se a necessidade de se pensar que o campo da Ciência da Informação tem um papel importante na sociedade, no intuito de reunir esforços para que sejam feitas pesquisas relacionadas às necessidades informacionais das mulheres racializadas e não-racializadas, para que estas possam ter em suas mãos as informações que supram seus desejos e que as possibilitem ter o poder em seu processo de emancipação e de empoderamento. Neste estudo, iremos nos ater a pesquisar o entendimento das mulheres negras sobre a informação e analisar como as retirar de lugares de sub-representação e subalternização nos âmbitos da estrutura social brasileira.

## 2.1 INFORMAÇÃO: ELEMENTO IMPRESCINDÍVEL

A informação é fundamental para a realização de pesquisas, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas e para a melhoria de ações que têm como objetivo mudar a condição de desigualdades que cruza as vidas de muitas mulheres diariamente, buscando, por fim, a equidade de gênero. A informação é vista como um mecanismo de poder com capacidade e potencial para constituir caminhos a respeito dos direitos das mulheres racializadas e não racializadas, “visando a subversão de interpretações ideológicas que sustentam o sexismo, a lesbofobia e as diferentes formas de discriminação.” (CÔRTEZ; ALVES; SILVA, 2015, s.p.). Nesse contexto, Kurma (1997) salienta que a informação é um

requisito para sobrevivência da humanidade. No Brasil, o conceito de informação ganhou notoriedade com a publicação do Programa Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde, no ano 2000, feita pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (SANTOS, 2009).

Para Rachel Abath e Timothy Ireland (2002), a mulher só alcançará o empoderamento, a emancipação e, conseqüentemente, a melhoria de sua condição se três dimensões do poder forem pensadas de forma diferente por todos. São elas: a dimensão econômica, dimensão política e dimensão social. A autora e o autor ainda ressaltam que “essas três dimensões têm o mesmo ponto de intercessão: informação e conhecimento” (ABATH; IRELAND, 2002, p. 230).

O conhecimento se tornou – hoje, mais do que no passado – um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. Tal afirmativa é corroborada por Takahashi (2000), quando este resalta que a nova situação tem reflexos no sistema econômico e político por impactar a soberania e a autonomia dos países e sua manutenção – que é essencial –, a qual depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico (TAKAHASHI, 2000; SANTOS, 2009).

Como colocado anteriormente, a Sociedade da Informação é o ambiente em que o acesso à informação se torna universal para todos os sujeitos de uma realidade. Segundo Barreto (2003), esta condição só se realiza quando os possíveis beneficiários desse contexto informacional podem elaborar esta informação em proveito próprio e para o seu desenvolvimento e de sua realidade. Dessa forma, as pessoas partilham sua “odisséia individual de cidadania”. Contudo, o autor pontua que por trás de um discurso de condições igualitárias, a sociedade da informação não consegue superar fatos latentes existentes na realidade como: diferenças de renda, educação, habitação, alimentação, lazer etc. Barreto (2005, p. 2) aponta que “é como agente mediador na produção do conhecimento, que a informação mostra as suas qualidades, de forma e substância, como: estruturas simbolicamente significantes com a (in)tenção de gerar conhecimento no sujeito, em seu grupo e na sociedade”.

Com relação à informação como insumo necessário à melhoria da qualidade de vida e realidade social de qualquer ser humano, Capurro (2014) retornou aos conceitos gregos de *eidos* (ideia) e *morphé* (forma), que significam “dar forma a algo”, o que possibilita a construção de uma visão que se coloca no âmbito da ação humana sobre o mundo (“in-formar”) e a partir do mundo (se “in-formar”) (ARAÚJO, 2018). Isso quer dizer que os seres

humanos e suas distintas ações na sociedade (por exemplo, desenvolver pesquisas científicas, construir sua identidade, testemunhar direitos e deveres, entre outras coisas) produzem registros materiais e documentais – *eles in-formam* (ARAÚJO, 2018).

Continuando no contexto acima, Araújo (2018) discorre sobre a ação de produzir registros materiais – neles onde a informação se encontra contida – é o objeto de estudo da CI. Ainda, completa dizendo que,

A ciência da informação não estuda a ação administrativa, política, cultural, etc, em si mesmas, mas apenas naquilo que elas têm de informacional. Ao mesmo tempo, os seres humanos também em suas diferentes ações [...], utilizam documentos, registros materiais - os seres humanos se *in-formam*. É também essa ação de utilizar, se apropriar dos registros de conhecimento que é a informação, e que é também objeto de estudo da ciência da informação. (ARAÚJO, 2018, p. 90).

Sobre o significado do termo informação, Capurro e Hjørland (2007) nos mostram que a palavra informação é empregada em várias áreas, com conceitos diferentes, dificultando a obtenção de uma definição específica para o termo, uma vez que possui diferentes acepções, a depender do contexto em que ela está empregada e a área com que ela se relaciona.

Segundo Araújo (2014), diversos autores se dedicaram a ordenar, de forma sistemática, os conceitos de informação que estão presentes na CI e uma dessas sistematizações foi realizada por Rafael Capurro e Birger Hjørland. Para os autores, existem quatro conceitos que são principais: o da teoria da informação (formulada por Shannon e Weaver); o da visão cognitiva (proposta por Bertram C. Brooks e desenvolvido por Nicholas J. Belkin); o da informação como coisa (sugerida por Michael Buckland); e o quarto, relacionado ao desenvolvimento de distintas teorias, como a análise do domínio, sociocognitivismo, hermenêutica e a semiótica (CAPURRO; HJORLAND, 2007; ARAÚJO, 2014).

No entanto, há, segundo Buckland (1991), uma ambiguidade do termo informação no qual a informação é vista como processo, como conhecimento e como coisa. É vista como conhecimento porque é intangível, não se pode tocá-la ou medi-la. A noção de informação como coisa evidencia elementos informativos como dados, objetos, textos etc. (BUCKLAND, 1991). A informação enquanto processo se refere ao momento quando alguém é informado; aquilo que o sujeito conhece é alterado. Nesse sentido, a informação é o ato de informar, a comunicação do conhecimento ou da notícia de algum fato ou ocorrência (BUCKLAND, 1991; ARAÚJO, 2014).

Le Coadic (2004) define o termo informação como um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica) que pode ser manifestado na forma oral

ou audiovisual. Nesse contexto, para o autor, a informação seria tudo aquilo que é registrado em algum suporte. A informação é considerada também como uma ordenação de dados que forma uma mensagem sobre determinado acontecimento ou evento.

De acordo com Barreto (1994), a informação liga o mundo, além de participar da revolução e evolução do ser humano na história. Quando adequadamente assimilada, ela produz o conhecimento, modifica o estoque mental de informações do sujeito e traz benefícios para sua vida e contexto em que ele vive. Por isso, ela se faz presente na vida dos sujeitos antes de seu nascimento e o acompanha durante toda sua vida. O ser humano sem informação é vazio de conhecimento e perdido em seu próprio tempo. Barreto (1994) também afirma que a informação está associada ao conceito de redução da incerteza e que é identificada com o sistema de organização de identidades inanimadas ou de seres vivos racionais. Para Araújo (2018), a informação não é algo apenas da ordem do objetivo ou do subjetivo, mas também do coletivo, de uma construção social. Nessas narrativas, a informação se apresenta relacionada a termos como “documento, saberes, ação, contexto, cultura, memória, coletivo, sociedade, histórico” (ARAÚJO, 2018, p. 88).

Para os autores Reis, Silva e Massensini (2011, p. 22), “a informação está presente em nossas vidas como resultado de nossas ações diárias e, portanto, é visualizada como um produto histórico-social, ou seja, fruto das nossas atividades sociais em nossos contextos históricos, em um determinado tempo e espaço”. Quando refletimos a respeito da população negra, a informação que mais se adequa ao seu contexto e necessidades informacionais é a informação étnico-racial. Estabelecida a partir da teoria de Dahlberg, a informação étnico-racial tem sido estudada no Brasil a partir de 2010 por Henry Pôncio de Oliveira – sob orientação de Miriam Albuquerque de Aquino –, que em sua dissertação definiu esse conceito como:

[...] todo elemento inscrito num suporte físico, (tradicional ou digital), passivas de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

Tal conceito se direciona aos aspectos objetivos e subjetivos da realidade social dessa população. Com relação ao aspecto objetivo, este se relaciona aos materiais informacionais e seus conteúdos dispostos em diferentes suportes informacionais. Quanto ao aspecto subjetivo, este se refere ao “ao potencial de produção de conhecimento acerca dos fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais de um grupo étnico” (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 487).

A informação étnico-racial está ligada a toda documentação, textos, manifestos, bibliografias, materiais audiovisuais e não visuais obtidos a partir de grupos e coletivos negros, do Estado, das Instituições de Ensino Superior, Secretarias dos municípios e dos estados, museus, arquivos, igrejas das irmandades negras, centros de informação, entre outros que buscam disseminar e promover o debate e a igualdade étnico-racial, justiça social e direitos para populações marginalizadas, das quais a população negra faz parte (OLIVEIRA; AQUINO, 2012).

Nesse sentido, parte-se do conceito de informação étnico-racial para se pensar a Casa das Mulheres da Maré e sua importância na disseminação da informação destinada às mulheres negras frequentadoras desse ambiente, especialmente no que concerne à informação para resolução dos obstáculos do dia a dia e também para transformação de suas realidades sociais.

## 2.2 A RACIALIDADE ENQUANTO DISPOSITIVO NA VIDA DAS MULHERES

O período colonial deixou diversas marcas no Brasil que hoje conhecemos. Foi durante os séculos XXVI e XIX que aconteceram as maiores atrocidades da humanidade, das quais resultaram traumas para as populações não-brancas colocadas em lugares de subordinação, dominação e exploração pelos povos coloniais, aqui representados pelos europeus.

A tomada empírica dos territórios, dos povos e das suas vidas para exploração da força de trabalho foi uma das ações realizadas durante o período de colonização brasileira, que importou mão de obra africana, via tráfico de pessoas, em substituição aos povos originários que se mostraram insubmissos às vontades dos senhores coloniais (MIGNOLO, 2002).

O homem europeu – que se percebia como superior aos povos pertencentes aos territórios que atacava e dominava –, trouxe consigo algumas ideias fundamentadas no ocidente. Dentre essas, destaca-se a ideia de raça que, aliada à mentalidade cristã e pseudociência da época, justificava a exploração de povos não europeus (considerados pelos europeus como “primitivos”) em benefício da apropriação de suas riquezas e saberes (CÉSAIRE, 1978). Chamo aqui Aimé Césaire (1978) quando o autor infere

[...] ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização – portanto,

a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (CÉSAIRE, 1978, p. 21).

O processo colonizador obteve sucesso, pois o conceito de raça foi utilizado pelos colonizadores europeus de forma a reforçar a hegemonia branca (LYON, 2015) vinculada às relações de poder e dominação (MUNANGA, 2003). Foi estabelecida a ideia da existência de “raças humanas” melhores do que outras, das quais a “raça branca” era considerada aquela com maior capacidade intelectual possível de obter “melhoramento racial” (GALTON, 1988; MASIERO, 2005). Determinada inicialmente como algo biológico e natural a partir da eugenia – advinda “do grego eu -, ‘bem’, ‘bom’, e - genéia, ‘evolução’, ‘origem’, ‘raça’ significa ‘boa linhagem’” (TORRES, 2008, p. 2) –, posteriormente foi refutada pela atual Biologia Humana, a qual aponta a “inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito” (MUNANGA, 2003, s.p.).

Edgar e Sedwick (2003, p. 273) trazem a definição de raça como um “modo de classificação dos seres humanos que os distingue com base nas propriedades físicas (por exemplo, cor da pele, características faciais) que propositadamente derivam de herança genética”. No entanto, a ideia de raça se tornou uma “construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão” que está presente no imaginário social e na representação coletiva de populações racializadas e marginalizadas dentro de nossa sociedade (MUNANGA, 2003, s.p.). Nas palavras de Kabengele Munanga:

[...] o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (MUNANGA, 2003, s.p.).

Mesmo sendo um constructo social, essa percepção de raça está imbricada pelas teorias eugênicas e racistas que chegaram ao Brasil nos séculos XIX e XX e auxiliaram a consolidar esse imaginário social que se expressa nos discursos racistas oriundos do pensamento colonial. Por intermédio desses discursos, uma pequena parcela da população que se lê como branca e faz parte da elite, interfere, domina, exclui, extermina e decide sobre a existência de pessoas de origens africana, indígena, latina e qualquer outra que não seja europeia e/ou americana, e promove a manutenção dos elementos raciais que permitem

colocar essas populações em lugares de desigualdades (MUNANGA, 2003; MBEMBE, 2016; SILVA, 2020).

No que concerne às populações que fazem parte da sociedade brasileira, nosso país é marcadamente de origem africana. Durante os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu o maior número (aproximadamente 30 a 40% de todo o contingente) de africanos escravizados de todas as Américas. Entre os séculos XVII e XVIII, africanos de pele escura representavam em torno de 70% da população brasileira, de tão expressivo que foi o tráfico atlântico. A partir da abolição da escravidão, essa população ainda continuou em solo brasileiro e, atualmente, os africanos na diáspora e os seus descendentes representam mais da metade da população brasileira (aproximadamente 56%) (SANTOS, 2009).

No que se refere à contribuição para construção do país, Kabengele Munanga ressalta que a população africana possui uma participação expressiva em diversos âmbitos na constituição da sociedade brasileira, “como no povoamento do país, na formação étnica de sua população, na construção da economia colonial e da identidade cultural” (MUNANGA, 2018, p. 11).

No entanto, após a população de origem africana ter sido liberta após mais de trezentos anos de escravidão, a herança escravista ainda perdura com diversas formas de dominação, preconceito, desigualdades, manutenção de privilégios e exclusão desse grupo de locais de poder e decisão. Conforme Gevanilda Santos (2009), quanto mais as camadas sociais sobem, maior é o embranquecimento da população. Ou seja, a classe média e rica do nosso país é branca, enquanto que a mais pobre é negra. No que concerne à intersecção entre gênero, classe e raça, a mulher negra se encontra nas classes mais baixas e pobres, dado que expressa a estrutura do racismo no Estado, que permite que esse grupo se encontre em grande desigualdade racial e social dentro do Brasil.

Como parte da população de origem africana, as mulheres negras se encontram em um contexto estruturalmente racista que as coloca na base da pirâmide social. Esse contexto as direciona para lugares mais precários do mercado trabalho, tornando-as aquelas que recebem diversas opressões e violências, sejam elas de ordem sexual, epistêmica, educacional, política, social, racial e suas interseccionalidades (SILVA; GARCEZ, 2018; ROMEIRO; SILVA, 2019).

Mulheres negras estão dentro do mercado de trabalho, grande parte atuando como empregadas domésticas ou em serviços gerais. O *site* do movimento *Nós, mulheres da periferia* denuncia que “quando o corpo é negro, os indicadores retratam a agressividade do

racismo: as mulheres pretas são a maioria na categoria, têm os piores salários, as condições de trabalho mais precárias e predominam como chefe de família” (REDAÇÃO, 2015, s.p.). Essas alocações de trabalho fazem parte dos resquícios do pensamento colonial, pois as profissões de empregada doméstica, babá, lavadeira, governanta, cozinheira ainda estão vinculadas ao “lugar” social da mulher negra estabelecido no período em que as mulheres africanas eram trabalhadoras escravizadas da casa grande e senzala (PEREIRA, 2011; REDAÇÃO, 2015). Esse fato demarca o contexto histórico racialista estruturado dentro da sociedade brasileira aliado a dispositivos que são instrumentos de poder.

Nessa perspectiva, Romeiro e Silva (2019, p. 115) enfatizam os obstáculos que sempre estiveram presentes no cotidiano das mulheres,

simplesmente por serem socializadas como mulher. Por isso, os corpos, a linguagem (verbal, não verbal, simbólica), as performances, os relacionamentos afetivos e sexuais, o direito reprodutivo, entre outros motivos impactaram - e ainda impactam - a trajetória das mulheres.

Quando se reflete sobre os dispositivos de poder e racialidade, a vida de mulheres negras – para além daqueles pontos já elencados –, no período atual, é impactada por quatro elementos de racialidade, a saber: a necropolítica (MBEMBE, 2016), alterocídio (MBEMBE, 2014), epistemicídio (CARNEIRO, 2005) e o feminicídio (FERNÁNDEZ, 2012).

Quando analisamos a necropolítica, ela impacta na vida de mulheres negras periféricas quando estas perdem seus filhos<sup>11</sup>, irmãos, pais e maridos para a política de Estado representada pela força policial. Esta força invade as comunidades periféricas para realizar o extermínio (política da morte) de jovens e homens negros, tendo como base seu pertencimento étnico-racial vinculado ao estereótipo de criminoso criado no imaginário social brasileiro (MBEMBE, 2016). Perdem também homens e jovens negros para o encarceramento em massa, que transforma homens de suspeitos para condenados pela justiça pelo fato de serem negros e pobres<sup>12</sup>, sob o pretenso discurso de “guerra contra as drogas” (FRANCO, 2016).

---

<sup>11</sup> BBC NEWS BRASIL. Após 25 dias, o que se sabe sobre o desaparecimento de 3 meninos no Rio de Janeiro. **BBC News Brasil**, [S. L.], 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55742342> Acesso em: 20 jan. 2021; PORTELA, L. Morte de Miguel expõe o racismo estrutural por trás das desigualdades no Brasil. **Marco Zero Conteúdo**, [S. l.], 4 jun. 2020. Disponível em: <https://marcozero.org/morte-de-miguel-expoe-o-racismo-estrutural-por-tras-das-desigualdades-no-brasil/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

<sup>12</sup> G1. Exclusivo: 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros. **G1 Fantástico**, Rio de Janeiro, 21 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/02/21/exclusivo-83percent-dos-presos-injustamente-por-reconhecimento-fotografico-no-brasil-sao-negros.ghtml> Acesso em: 20 jan. 2021; MORAES, A. C. Jovens negros são presos injustamente através de reconhecimento fotográfico nas delegacias. **O São Gonçalo**, São

A necropolítica se encontra ligada à negação da alteridade ou alterocídio, que simboliza a negação/rejeição do “Outro” por não o ver como semelhante. Esse “outro” se torna ameaçador para aquele que o criou – o homem branco (que é o “eu”) – na medida em que, ao acreditar na raça, tem medo de que a suposta “raça inferior” o supere. Os sujeitos brancos excluem e buscam o domínio dos sujeitos negros e os elementos que fazem parte de sua identidade étnico-racial, tais como cultura, história, religiosidades, conhecimentos ancestrais, entre outros (MBEMBE, 2014). Por isso, realiza o extermínio desse “outro” quando a dominação e controle não conseguem os manter alienados dentro do sistema criado pelo Estado (dominado pelo homem branco) (MBEMBE, 2014; KILOMBA, 2019).

No caso da mulher negra, o alterocídio se expressa de forma evidente, pois ela é o “outro do outro” (KILOMBA, 2019). Lembro, aqui, Grada Kilomba (2019, p. 190) ao dizer que “mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca”. É essa mulher negra que não é vista como mulher, mas sim como um instrumento de força de trabalho, de manutenção do racismo, de cuidado com os filhos e com o asseio da casa de mulheres brancas da elite, de ser objeto exotizado de desejo de homens, que se não conseguirem dominá-las podem, então, exterminá-las, pois no Brasil o corpo negro não é visto como algo digno de justiça (MBEMBE, 2014; KILOMBA, 2019).

Esse extermínio se dá ainda de outras formas. O feminicídio representa o extermínio literal de corpos negros, em especial de mulheres negras<sup>13</sup>, que estão sob a força e o domínio de uma cultura patriarcal, racista e sexista que percebe o corpo da mulher negra como uma propriedade do homem e do Estado (FERNÁNDEZ, 2012; CÔRTEZ; LUCIANO; DIAS, 2012; OLIVEIRA; LUCIANO; MOURA; ALVES; CÔRTEZ, 2019).

Quando chegam aos espaços universitários, mulheres negras possuem seu conhecimento e epistemes de origem africana mortos (o que chamamos de epistemicídio) pela cultura acadêmica ocidental, que desconsidera saberes que não sejam vindos do norte global, ao mesmo tempo em que impõe uma pseudoneutralidade acadêmica que esconde a invisibilidade da raça dentro da universidade (CARNEIRO, 2005; SILVA, 2020). A

---

Gonçalo, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/seguranca-publica/104179/jovens-negros-sao-presos-injustamente-atraves-de-reconhecimento-fotografico-nas-delegacias>. Acesso em: 20 jan. 2021.

<sup>13</sup> HAJE, L. Mulheres negras são as mais atingidas pelo feminicídio e pela criminalização do aborto. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/548218-mulheres-negras-sao-as-mais-atingidas-pelo-feminicidio-e-pela-criminalizacao-do-aborto/>. Acesso em: 20 jan. 2021; REDE BRASIL ATUAL. Índice de feminicídio aumenta em 2020, e mulheres negras são as principais vítimas. **Redação RDA**, São Paulo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/09/feminicidio-2020-mulheres-negras/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

percepção de não-lugar de mulheres negras nos ambientes acadêmicos, vincula-se ao estereótipo racista que sempre a deixou subjugada à decisão de outros sobre os espaços que essas mulheres poderiam ocupar. “Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’.”, conforme enfatiza a intelectual bell hooks (1995, p. 468).

A seguir, iremos adentrar ao universo da informação, epistemicídio e a produção científica *sobre e por* mulheres negras dentro do campo biblioteconômico-informacional, ao mesmo tempo em que discutiremos sobre a obtenção da informação para transformação da realidade e empoderamento dessas mulheres.

### 2.3 MULHERES NEGRAS E A INFORMAÇÃO PARA EMPODERAMENTO

Quantas autoras mulheres você já leu? Quantas autoras negras você leu? Estavam elas presentes em bibliografias das disciplinas que cursou na graduação e na pós-graduação? Existe alguma razão para que não as utilizemos em nossas pesquisas? Essas mulheres negras/autoras existem? Quem são elas? Djamila Ribeiro (2019) promove uma reflexão em seu livro “O pequeno manual antirracista”, o qual enfoca a comunidade acadêmica e discute como acontece um apagamento evidente da produção intelectual de sujeitos negros. Tais intelectuais negros e negras não são vistos nos programas das disciplinas e nas bibliografias indicadas em cursos de graduação e pós-graduação, e muito menos são estudadas e evidenciadas as mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual é pouco presente e é extremamente apagada.

Esse tipo de apagamento sobre a produção intelectual de um determinado grupo é conhecido como epistemicídio, termo cunhado por Boaventura Sousa Santos, sociólogo português. Sousa Santos (1997 apud CARNEIRO, 2005, p. 97) reflete em seu estudo como o epistemicídio está presente na sociedade,

o epistemicídio se constituiu e se constitui numa das ferramentas mais eficazes e longevas da dominação étnica/racial, por negar a legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento gerado pelos grupos dominados, como também, de seus componentes como sujeitos de conhecimento. (SANTOS, 1995 apud CARNEIRO, 2005, p. 97).

O autor completa afirmando que o epistemicídio

[...] ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão

moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995 apud CARNEIRO, 2005, p. 96).

Sueli Carneiro (2005) argumenta que, para os sujeitos negros, o epistemicídio anula e desqualifica os conhecimentos de povos marginalizados. É um processo contínuo de produção do empobrecimento cultural por meio da negação do direito à educação de qualidade, pela inferiorização intelectual, pelo não reconhecimento do negro como portador e produtor de conhecimento e de inferiorização cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos discriminatórios no modelo educativo atual. A autora ainda completa dizendo que isto se dá devido ao fato de que ao desqualificar as formas de conhecimento de um povo, desqualifica-se o grupo e também seus sujeitos, uma vez que não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também (individual e coletivamente) como sujeitos que possam construir conhecimento. Tal prática destitui a razão dos sujeitos, que é algo necessário para atingir o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso, o epistemicídio tem grande impacto na racionalidade do subjugado, cerceando e limitando a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005).

bell hooks (1995) reflete que a visibilidade das mulheres negras como intelectuais é negada pelo

[...] conceito ocidental sexista/racista de quem é ou que é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito (HOOKS, 1995, p. 468).

A autora Dávila Maria Feitosa da Silva (2019) faz um paralelo com a fala de Grada Kilomba sobre a Máscara do Silenciamento, que foi usada como ferramenta de tortura no período escravista com objetivo de implementar um senso de mudez e de medo. Esse instrumento representa o projeto de colonialismo como um todo. A autora reflete que a partir da fala de Grada Kilomba é possível entender que o objetivo com que era utilizada a máscara segue a mesma linha/ideia da exclusão da produção intelectual das autoras negras em bibliotecas (SILVA, 2019). Ou a exclusão dessas autoras em outros espaços também. A autora complementa dizendo que,

Não inserir tais obras em acervos públicos e privados pode ser entendido como uma forma de silenciamento, ou seja, de controlar o que deve ser lido ou não. Para entender melhor como se deu o processo de invisibilização e silenciamento da população negra, em especial, mulheres negras é preciso saber da trajetória intelectual e de lutas dessas autoras. (SILVA, 2019, p. 225).

Djamila Ribeiro (2019) destaca que a exclusão e segregação da literatura e da produção intelectual dos sujeitos negros apresentam um cenário fora da realidade em um país como o Brasil, de maioria da população sendo negra,

Não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja dita como a única referência. [...] O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas. [...] A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. É possível acreditar que pessoas negras não elaborem (RIBEIRO, 2019, p. 32).

A autora cita, em seu trabalho, a reflexão de Chimamanda Ngozi Adichie, que alerta sobre os riscos da história única, que o privilégio social se desdobra em privilégio epistêmico e que deve ser questionado para que a história não seja narrada pelo *status quo*. É prejudicial à uma sociedade que as pessoas não tenham ciência de suas histórias e dos povos que contribuíram para sua construção (RIBEIRO, 2019).

Perante isso, os sujeitos negros elaboraram maneiras de suas histórias transporem sua situação marginal (RIBEIRO, 2019). Acredita-se ser essa pesquisa uma estratégia para divulgar e trazer visibilidade para as intelectuais negras e para o campo biblioteconômico-informacional, além de fomentar uma reflexão em outros profissionais da informação, pesquisadoras/es, professoras/es sobre sua atuação, referências utilizadas em suas pesquisas e currículos. As autoras Silva e Garcez (2018, p. 215) apontam que nas universidades os sujeitos negros devem

[...] ser vistas/os, não como “objetos de estudo”, mas sim atribuir às suas culturas, sociabilidades, modos de ser e viver, bem como, as demais questões relacionadas às/aos afros como insumos para tornar a universidade, a ciência e o fazer profissional sedimentados em respeito à diversidade étnico-racial presente na sociedade.

Nós, mulheres negras, temos sido infantilizadas, perdendo, assim, nosso direito e lugar de fala. Nesta pesquisa, assumo minha própria fala e mostro as vozes de outras mulheres negras potentes. Utilizo a fala de Grada Kilomba (2019) para enfatizar que falamos em nosso

próprio nome, por meio de nossa narrativa que tem sido silenciada há tempos. E, nesse contexto, reafirmo o meu objetivo com esta pesquisa e com este capítulo, via escrita de Lélia Gonzalez:

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1984, p. 225).

Acredito que alguns desses questionamentos já foram respondidos anteriormente. Respondo aqui a pergunta: “Essas mulheres negras/autoras existem?”. Sim, existem. E aqui, nesta seção, tentarei trazer ao máximo as autoras negras e suas pesquisas *para e sobre* as mulheres negras. Deste modo, é importante verificar e reunir autoras negras e seus trabalhos, os quais se preocupam e se propõem estudar questões dentro da Biblioteconomia e CI, abordando diversos aspectos relacionados às mulheres negras.

No que tange ao campo de saúde da mulher negra, temos o artigo intitulado “*A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD*”, das autoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Ana Paula Meneses Alves, Graziela dos Santos Lima, Dirnéle Carneiro Garcez, Andreia Sousa Silva e Priscila Rufino Fevrier, que identificou que são poucas as pesquisas no campo da Ciência da Informação voltadas para a saúde da mulher negra e as suas necessidades de informação sobre saúde (SILVA et al., 2019).

No âmbito da sociologia da informação étnico-racial, temos a dissertação de Leyde Klebia Rodrigues da Silva, intitulada “*Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba*”, que analisa como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial nessa organização. Através de entrevista com essas mulheres, mostrou-se que esse processo pela Bamidelê “busca atingir vários setores e públicos distintos da sociedade, que vão desde as fontes de informação mais tradicionais até as mais contemporâneas” (SILVA, 2014, p. 8). E que “o trabalho iniciado pela Bamidelê mudou significativamente o cenário paraibano, principalmente na luta contra o racismo e o sexismo” (SILVA, 2014, p. 8).

No campo da organização e representação do conhecimento, em sua dissertação intitulada “*A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social*”, a autora Vanessa Jamile Santana dos Reis teve como objetivo analisar a necessidade de adequações das linguagens documentárias diante das terminologias nos instrumentos de representação da informação na

literatura feminista negra. Os resultados dessa pesquisa indicaram que a representação da informação carece de terminologias que mais se aproximem das perspectivas das mulheres negras no contexto do feminismo. É necessária uma atualização dos instrumentos de representação, tesouros e vocabulários controlados para que seja feita a inserção de termos mais pertinentes para as características e especificidades da temática feminismo negro (REIS, 2019).

Sobre pesquisas que falam da necessidade de informação das mulheres negras, destacamos a tese da Cleyciane Cassia Moreira Pereira, intitulada “*Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatiua - Maranhão*”, a qual teve como objetivo verificar as necessidades de informação das mulheres dessa comunidade. No mapeamento feito pela autora sobre as necessidades informacionais, foram identificadas as temáticas sobre saúde, educação, trabalho e moradia como aquelas necessárias à comunidade. Foi percebido pela autora “um fértil espaço para auxiliar no fortalecimento das práticas tradicionais desses grupos transmitidas pela oralidade e a se tornarem mais cômicos de sua cultura e do lugar que ocupam no mundo” (PEREIRA, 2018, p. 15).

No que tange ao acesso à informação pelas mulheres negras, dispomos do capítulo “*As mulheres negras e a Sociedade da Informação*”, das autoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Dirnéle Carneiro Garcez, publicado no livro “*Bibliotecári@s Negros: ação, pesquisa e atuação*”, o qual reflete sobre adicionar e coletivizar informações para Mulheres Negras na Sociedade da Informação (SILVA; GARCEZ, 2018a). As autoras enfatizam que:

O acesso pleno às informações disponíveis para o desenvolvimento e transformação social, econômica e educacional de mulheres negras dentro da dita “sociedade da informação” é um dos principais pontos a ser trabalhado e estudado para que, de fato, cheguemos ao que o conceito Sociedade da Informação proposto por diversos autores se propõe: o acesso às informações por todas/os, sem exceção. (SILVA; GARCEZ, 2018a, p. 230-231).

As mesmas autoras produziram, ainda no mesmo livro, o capítulo intitulado “*Informação para a equidade de gênero e empoderamento da mulher negra: estudo da página Geledés – Instituto de Mulheres negras no Facebook*”, no qual analisaram como o Facebook do Portal Geledés – Instituto de Mulheres Negras fornece informações destinadas à luta pela equidade de gênero e empoderamento de mulheres negras. Como resultados, a pesquisa demonstrou que a página do Instituto publica, em sua maioria, materiais relacionados às questões de gênero, mulheres negras e questão racial (SILVA; GARCEZ, 2018b).

Quando se trata de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), Thais Pereira da Silva, no artigo “*TICs: resistência das mulheres negras*”, analisa como as mulheres negras brasileiras se apropriam das TICs para desconstruir os discursos sexistas, classistas e racializados a partir da “análise do site Blogueiras Negras e iniciativas que têm que qualificam mulheres negras para o desenvolvimento de novas tecnologias” (SILVA, 2017, p. 67).

O artigo “*Arquitetura da informação no website Geledés: a mulher negra em foco*”, das autoras Ana Rafaela Sales de Araújo, Midinai Gomes Bezerra e Henry Pôncio Cruz de Oliveira, preocupou-se em saber como está organizado o *site* da organização social Geledés (Instituto da Mulher Negra), no que se refere à arquitetura da informação para uma melhor recuperação da informação disponibilizada no *site*. Nesta pesquisa, foi apontado “que a arquitetura do sítio geledes.org.br apresenta deficiências, sobretudo no sistema de rotulagem e busca” e que se faz necessário que sejam feitas as aplicações e recomendações ressaltadas nesse estudo “para ampliar, facilitar e promover o acesso às informações de equidade de gênero, étnico-racial.” (ARAÚJO; BEZERRA; OLIVEIRA, 2018, p. 97).

No contexto das “*fake news*”, temos o capítulo “*Aprendendo com Carolina Maria de Jesus a enfrentar os preconceitos e as informações e notícias falsas*”, da autora Dandara Baça de Jesus Lima, que também faz parte do livro “*Mulheres Negras na Biblioteconomia*”. Este capítulo se propôs a realizar análise dos efeitos da desinformação para a manutenção do racismo, estereótipos e disseminação de notícias falsas (LIMA, 2019a).

As autoras Rosaly Brito, Lorena Esteves e Jússia Ventura fazem uma análise, em seu artigo “*Mulheres negras não foram feitas para carregar livros: tensionamento e resposta social em rede na Feira Pan-Amazônica do Livro no Pará*”, sobre a repercussão social do cartaz do “Salão do Livro da Região Sul e Sudeste do Pará”, um dos eventos da Feira Pan-Amazônica do Livro no ano de 2018. As autoras visaram compreender como essa repercussão fez com que acontecesse uma mudança institucional na Secretaria de Cultura do Estado e da programação da Feira, a qual também foi alvo de críticas por não ter entre os convidados e homenageados mulheres escritoras, pessoas negras e indígenas (BRITO; ESTEVES; VENTURA, 2019).

No campo de Informação e Memória podemos destacar o artigo de Icléia Thiesen, intitulado “*Informação identificatória, memória institucional e conhecimento: Isabel Jacintha da Silva, de cativa à prisioneira na Casa de Correção da Corte*”. Nesse trabalho, a autora fez uma análise de como se deu a formação da memória institucional da corte imperial, construída

em torno de prisioneiros da Casa de Correção da Corte. Sobre esses sujeitos, foram produzidas informações de cunho identificatório, “configuradas em documentos que guardam a expressão de sujeitos constituídos como objetos de conhecimento, caso ocorrido com essa mulher negra e escrav[izad]a” (THIESEN, 2009, p. 1). Ainda no campo de Informação e Memória, temos também o artigo da autora Bianca Santana e do Marco Antonio Almeida, “*Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas*”, o qual analisou “táticas” diárias de troca em rede dessas mulheres como práticas do “comum (*commons*)”, buscando entender a função da memória, da circulação da informação/conhecimento e dos usos da internet nestas práticas (SANTANA; ALMEIDA, 2017, p. 1).

Sobre empreendedorismo pelas mulheres negras, temos o capítulo de livro das autoras Críchyna da Silva Madalena e Kariane Regina Laurindo, “*Mulheres negras empreendedoras: um breve estudo*”, publicado no livro “O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação”. Nesse capítulo, as autoras buscaram iniciar um entendimento do universo das empreendedoras negras, um campo de estudo pouco explorado ainda na área da CI e Biblioteconomia (MADALENA; LAURINDO, 2018, p. 309).

Quando se trata de visibilidade para as mulheres negras em bibliotecas e no campo da Biblioteconomia e CI, podemos elencar o capítulo de livro escrito pela autora Graziela dos Santos Lima, sob o título “*Resistência é o seu nome: representatividade é para nós, alunas(os) negras(os) da Biblioteconomia e Ciência da informação!*”, publicado no livro “Epistemologias Negras: relações Raciais na Biblioteconomia”, cujo objetivo é retratar, a partir da experiência e vivência da Professora negra Maria Aparecida Moura, temas como representatividade, resistência, enfrentamento das mulheres negras ao silenciamento e ao racismo impostos em diversos setores da sociedade, inclusive, na academia (LIMA, 2019b).

Em continuidade à questão da preocupação com a visibilidade das mulheres negras, temos no livro já citado “Epistemologias negras: relações Raciais na Biblioteconomia”, o capítulo intitulado “*Informação étnico-racial: o eco de vozes mulheres que não aceitam o lugar de “Quarto de Despejo”*”, de Dávila Maria Feitosa da Silva, que trata sobre a invisibilização das produções intelectuais de mulheres negras nas bibliotecas, tendo em vista, “a crescente e diversa produção dessas intelectuais” (SILVA, 2019b, p. 105). Ainda no livro “Epistemologias Negras: relações Raciais na Biblioteconomia”, é apresentado o capítulo de livro “*Bibliotecária educadora: o ensino da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula*”, da autora Ana Cláudia Emídio da Silva, que trata da atuação como bibliotecária educadora em sala de aula para a implementação da Lei Federal n.º 10.639/2003 por

intermédio da mediação da leitura. Com o objetivo de “desconstruir o discurso dominante de inferioridade do negro [e da negra] na sociedade, permitindo o desenvolvimento do olhar para o seu protagonismo”, a autora percebeu, em sua pesquisa, que “é imprescindível que para trabalhar com a cultura afro-brasileira deve-se começar o mais cedo possível” e que esses estudos são exequíveis em sala de aula (SILVA, 2019a, p. 105-131).

No contexto da biblioteca e do protagonismo de autoria negra, as autoras Ana Carine S. de Jesus, Iara Moraes e Lais Hellen Santos Macedo produziram o capítulo “*A importância da inclusão de obras de escritoras negras nos acervos das bibliotecas públicas municipais do Estado de São Paulo*”, publicado no livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política”, onde as mesmas se preocuparam em analisar a quantidade e as obras de autoras negras que circulam nas Bibliotecas Públicas Municipais do estado de São Paulo. Justificam a importância da inserção dessas autoras negras na composição dos acervos e recomendam ações para disseminação e visibilidade dessas obras (JESUS; MORAES; MACEDO, 2018).

Em relação à competência crítica da informação, a autora Daniella Alves de Melo, em sua dissertação intitulada “*Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba*”, buscou compreender como as práticas informacionais desenvolvidas pelas feministas negras desta organização de mulheres negras da Paraíba têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação. Para a autora, tais competências críticas possibilitam a mulheres negras orientar as ações de enfrentamento às relações de dominação/submissão de gênero e étnico-racial (MELO, 2019).

No contexto americano, sobre a contribuição intelectual de mulheres negras e a Biblioteconomia Negra Americana, podemos citar o capítulo “*Ann Allen Shockley: uma bibliotecária negra e feminista na literatura lésbica e na Biblioteconomia*”, escrito por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro, publicado no livro “O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação”, que enfatiza a história pessoal da bibliotecária negra e escritora, Ann Allen Schockley, sua atuação enquanto profissional e a sua contribuição para a Biblioteconomia Americana. As autoras destacam, principalmente, a contribuição dessa bibliotecária negra na escrita de romances interracialis lésbicos em pleno início do século XX (SILVA; ROMEIRO, 2019).

Ainda nessa toada, o capítulo produzido no livro “Mulheres negras na Biblioteconomia” intitulado “*Clara Stanton Jones e sua contribuição para a Biblioteconomia*

*Negra Americana*”, escrito por Franciéle Carneiro Garcês da Silva, enfatiza a importância da atuação de Clara Stanton Jones como primeira mulher afro-americana presidenta da *American Library Association* (ALA) e sua contribuição com publicações e ações para o movimento da Biblioteconomia Negra Americana do século XX (SILVA, 2019c). No mesmo livro, o capítulo “*Ketty Valêncio e a importância de livrarias especializadas em autoria negra*”, da autora Graziela Barros Gomes enfatiza o protagonismo da bibliotecária negra, Ketty Valêncio e sua atuação em prol da Livraria Africanidades, na qual a bibliotecária visibiliza a produção intelectual negra, em especial, de mulheres negras (GOMES, 2019). Ainda no contexto de protagonismo de mulheres negras bibliotecárias, Dávila Feitosa da Silva, em seu capítulo “*Bibliotecárias negras cearenses: contribuições para a luta antirracista*”, apresenta a escrita acadêmica elaborada por bibliotecárias negras do Ceará, as quais “contribuem com suas produções intelectuais na luta antirracista no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação” (SILVA, 2019d, p. 67).

Como podemos perceber no contexto apresentado nesta seção, o enfoque sobre mulheres negras dentro do campo biblioteconômico e informacional é amplo e as abordagens são diversas. Buscou-se apresentar o enfrentamento, dentro da produção científica do campo, ao apagamento da produção intelectual das mulheres negras, bem como os estudos realizados *por e sobre* mulheres negras visando à saúde, educação, intelectualidade, tecnologias, entre outros temas, com base em produções encontradas atualmente no contexto brasileiro. A seguir, apresentaremos um breve histórico do complexo de favelas da Maré e da Casa de Mulheres da Maré, que se configura como o universo desta pesquisa.

### 3 CASA DAS MULHERES DA MARÉ: CONTEXTUALIZAÇÃO

A comunidade periférica da Maré começou a ser ocupada de forma intensa em meados de 1940, pelos sujeitos pobres removidos da parte central da cidade do Rio de Janeiro. A região começou a crescer no século XX, em 1946, com a construção da Avenida Brasil. Como havia facilidade de acesso a ela, muitos migrantes nordestinos, que vinham em busca de oportunidades nas indústrias, dirigiam-se para a região, que já era uma das mais baratas e pobres da capital fluminense (TEODOSIO, 2006).

O Conjunto de comunidades periféricas da Maré foi reconhecido oficialmente como bairro por decreto municipal em 1994 e é formado por 16 comunidades periféricas na zona norte do Rio de Janeiro, a saber: Praia de Ramos; Parque Roquete Pinto; Parque União; Parque Rubem Vaz; Nova Holanda; Parque Maré; Nova Maré; Baixa do Sapateiro; Morro do Timbau; Conjunto Bento Ribeiro Dantas; Vila do Pinheiros; Conjunto Novo Pinheiros (Salsa e Merengue); Conjunto Pinheiros; Vila do João e Conjunto Esperança. O Conjunto de Favelas da Maré consiste no bairro juntamente com a comunidade de Marcílio Dias, localizada no bairro de Penha Circular, separada das demais por uma distância de 2,5 km, cuja área é ocupada por um complexo. O Censo Populacional da Maré apontou a existência de 47.758 domicílios ocupados nessas 16 favelas, totalizando 139.073 moradores (SILVA et al., 2016). Esse total representa uma grande parcela da população da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo dados do Censo Demográfico 2010, do IBGE, entre os 161 bairros da cidade do Rio de Janeiro, a Maré é o 9º com maior população, com um contingente de moradores tão expressivo quanto a outros bairros ditos nobres, como Copacabana ou Barra da Tijuca (IBGE, 2010). De acordo com o Censo Populacional da Maré<sup>14</sup>, nessas 16 comunidades que fazem parte do complexo, 51% dos moradores são mulheres e 61,9% destas se declaram pardas ou pretas (REDES..., 2019). Nesse sentido, nas comunidades periféricas do Rio de Janeiro é onde o maior número de mulheres negras se encontra. Foi feito, então, o recorte deste estudo escolhendo o conjunto de Favelas da Maré como universo desta pesquisa.

A Casa de Mulheres da Maré foi inaugurada em outubro de 2016 e fica localizada na comunidade do Parque União, que faz parte do conjunto de comunidades periféricas do

---

<sup>14</sup> “O Censo Populacional da Maré utilizou o mesmo método de cobertura do Recenseamento do IBGE, garantindo assim a confiabilidade de seus resultados. Logo, o propósito de realizar um censo na Maré não foi o de contestar o censo oficial do país. Porém, por sua escala de abrangência nacional, o censo brasileiro nem sempre responde satisfatoriamente às especificidades locais. Nesse sentido, o que moveu a realização do Censo Maré foi o intuito de desconstruir representações distorcidas sobre a realidade desse conjunto de favelas e ser um facilitador de ações integradas que ampliem os direitos de seus moradores.” (REDES..., 2020b).

complexo da Maré, Rio de Janeiro. Esse ambiente foi criado com o intuito de fortalecer a autonomia feminina, com projetos que melhorassem a qualidade de vida das mulheres da Maré. São oferecidas atividades que têm como propósito proporcionar a formação profissional dessas mulheres, o que inclui o curso de gastronomia “Maré de Sabores” (Figura 3) e o curso de cabeleireira “Maré de Belezas” que já formou mais de 500 mulheres. Dispõe também de atividades de capacitação, como as aulas para a população LGBTQI+ da Maré, de corte, costura e produção de moda. Conta também com serviços como atendimentos jurídicos, psicológicos e com assistentes sociais gratuitos que já atenderam mais de 400 mulheres. É uma iniciativa do projeto Redes da Maré (REDES..., 2018; 2020a).

Figura 3 - Maré de Sabores e Maré de Belezas.



Fonte: Redes... (2018; 2020a).

A criação da iniciativa Redes da Maré partiu de moradores e ex-moradores. O primeiro projeto criado pelos fundadores da iniciativa Redes da Maré foi o Curso Pré-vestibular Comunitário da Maré. A iniciativa Redes da Maré foi fundada oficialmente em 2007, mas já vinha fazendo esse trabalho desde 1980. No ano de 2019, ganhou o prêmio de melhor Organização Não-Governamental (ONG), além de ter alguns dos projetos desenvolvidos pelas Redes. Além disso, a Casa de Mulheres da Maré é um espaço de diálogo,

que traz discussões sobre gênero, feminismo, feminismo negro, saúde da mulher, sobre a condição das mulheres trans e do público LGBTQI+ e de enfrentamento da violência contra as mulheres (Figura 4; REDES..., 2018; 2020a).

Figura 4 - Roda de conversa – Ser mulher Negra.



Fonte: Redes... (2018; 2020a).

A seguir, serão abordados os fundamentos metodológicos que direcionaram esta pesquisa. Diante disso, para este trabalho, foi utilizada a Sociologia do Conhecimento relacionada à construção da realidade, de Berger e Luckmann, e das representações sociais de Moscovici criadas no campo da Psicologia Social.

#### 4 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Sociologia do Conhecimento se preocupa com tudo que pode ser considerado “conhecimento” em uma sociedade e procura compreender o processo pelo qual o conhecimento “desenvolve-se, transmite e mantém-se em situações sociais”. Em outras palavras, ela se preocupa com tudo que os sujeitos “conhecem” como “realidade” em sua vida cotidiana, de modo que uma “realidade” quando reconhecida, torna-se verdade para o “homem da rua” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 13).

Os autores Berger e Luckmann trazem para elaboração de suas propostas teóricas, a ideia de que a realidade é construída no dia a dia e a sociologia do conhecimento deve se ocupar em estudar os processos nos quais o conhecimento é gerado (ARAYA UMAÑA, 2002). Neste contexto, para Berger e Luckmann (2014, p. 29), “o ‘conhecimento’ do senso comum, e não as ideias, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este ‘conhecimento’ que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir”.

Berger e Luckmann (2014, p. 14) defendem que “a sociologia do conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade”. De acordo com os autores, “a vida cotidiana se mostra como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 35). Ademais, a realidade é construída objetiva e subjetivamente simultaneamente, e a sociedade existe dentro dessa realidade, a qual é denominada como “realidade por excelência, ou realidade predominante”.

Silva (2011, p. 53) menciona que a “sociedade como realidade objetiva se constrói mediante processos de institucionalização e legitimação e como realidade subjetiva através dos processos de interiorização da realidade e da estrutura social”. Essa sociedade deve ser entendida num processo composto por três momentos: a exteriorização, objetivação e interiorização. Elas não podem ser consideradas em uma sequência temporal, mas sim, de forma simultânea. Diante disso, a análise que considera apenas um ou dois desses momentos é insuficiente (SILVA, 2011; BERGER; LUCKMANN, 2014).

Berger e Luckmann contextualizam como a realidade da vida cotidiana se apresenta a eles:

Apresenta-se como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência. Estou sozinho no

mundo de meus sonhos, mas sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para mim mesmo. De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. Sei que minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 39-40).

A autora Araya Umaña (2002, p. 13) evoca a fala dos autores Berger e Luckmann para refletir que a construção social da realidade concerne “à tendência fenomenológica das pessoas de considerar os processos subjetivos como realidades objetivas”. Posto isto, a realidade é entendida pelos sujeitos como independente de sua própria apreensão, haja vista que se apresenta a eles de forma objetiva e como se existisse por si só ou como algo natural (BERGER; LUCKMANN, 1991 apud ARAYA UMAÑA, 2002, p. 13).

A construção da realidade social foi um conceito inicialmente desenvolvido por Èmile Durkheim, e mais tarde aprofundado por Alfred Schutz, o qual se utiliza de aportes filosóficos da fenomenologia de Edmund Husserl e das teorias weberianas, culminando na sócio-fenomenologia. Tal conceito está relacionado com as representações expressadas pelos “atores sociais” (SILVA, 2011). Essas representações “são produções mentais que se originam e se transformam nesta realidade, são fruto de um processo de socialização que incide sobre os sujeitos e os fazem refletir e atuar na vida cotidiana” (SILVA, 2011, p. 69).

Araya Umaña (2002, p. 14) argumenta que a vida cotidiana é vista como uma realidade que é constituída pelo senso comum, o qual se apresenta como a “realidade por excelência”. Desta forma, consegue se estabelecer na consciência dos sujeitos, pois é apresentado a eles como uma realidade de caráter ordenado, objetivado e ontogenizado. A autora traz em sua pesquisa alguns questionamentos: “Como a visão da realidade se forma nas pessoas? É formado individualmente ou socialmente? Como essa visão afeta seus comportamentos diários?” Ao final, a autora responde a esses questionamentos dizendo que cada pessoa forma a sua própria opinião e cria uma visão particular da realidade sem que, de algum modo, isso signifique que essa elaboração constitua um processo individual ou idiossincrático.

Pizarro (2010) destaca que o conhecimento na vida cotidiana é adquirido de diferentes formas pelos indivíduos, que por sua vez, exercem papéis sociais diversos. Os sujeitos, nem sempre, estão inseridos na mesma realidade cotidiana, assim como podem não compartilhar do mesmo conhecimento. Nesse contexto, a autora salienta que na sociedade onde há divisão do trabalho é observada, também a divisão social do conhecimento.

O estudo das representações que um coletivo expressa sobre sua vida cotidiana, no processo de construção da realidade, é essencial para que a construção de significados possa ser compreendida, pois são esses significados que darão pertencimento à essa realidade. Durante o processo, o sujeito se relaciona de forma subjetiva por meio de seus pensamentos e de forma objetiva por meio de suas ações. A partir disso, pode ser entendido que a teoria das representações sociais é uma abordagem da psicologia social, pois ela se ocupa das “interações sociais” (STUMPF, 2012, p. 50).

Os sujeitos constroem representações pela necessidade de saber o que eles têm a ver com o mundo que os cerca, de modo que é fundamental “ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe” (JODELET, 2001, p. 17). Diante das coisas, pessoas, eventos e/ou ideias, os sujeitos não são seres que vivem isolados. Eles compartilham o mundo com outros, apoiam-se “às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar” (JODELET, 2001, p. 17). Por conta disso, as representações são sociais e são extremamente importantes na vida diária. Elas guiam modos “de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos da realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la” (JODELET, 2001, p. 17). Serge Moscovici (2015, p. 20), por sua vez, explicita que as representações sociais não se manifestam somente como uma forma de entender um objeto específico, mas também o modo como o sujeito ou grupo tem a capacidade de definição – uma função de identidade – e pode-se dizer que é uma das maneiras como as representações expressam um “valor simbólico”.

A teoria da representação social é apenas uma maneira específica de apresentar a construção social da realidade. Esse enfoque apresenta como vantagens, contudo, levar em consideração e combinar por igual às dimensões cognitivas e as dimensões sociais da construção da realidade (ARAYA UMAÑA, 2002).

De acordo com Stumpf (2012, p. 51), a teoria das representações sociais foi construída no campo da psicologia social por Serge Moscovici com base em outros autores que o antecederam. Destaca-se o autor Émile Durkheim, o qual afirma que o “objeto de qualquer ciência é descobrir”, e essas novas descobertas mexem com as ideias e opiniões já estabelecidas. Para Durkheim, o conhecimento é uma ferramenta social de poder e liberdade, sobretudo, nas relações de trabalho. O autor criou um método sociológico com regras definidas, para estudar o comportamento humano. No entanto, afirmava que os métodos eram provisórios, pois eles se modificavam de acordo com a evolução da ciência. Nesse sentido,

Arruda (2002) corrobora inferindo que, apesar da teoria da representação social ser originária da sociologia de Durkheim, é no campo da psicologia social que ela começa a ser teorizada por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet.

Serge Moscovici foi conduzido na tarefa da ressignificação do conceito durkheimiano pela necessidade em atualizar o termo para sociedades atuais, nas quais a divisão do trabalho e dimensão da especialização da informação são elementos fundamentais nas vidas das pessoas e dos grupos. O autor se preocupou em tornar o conceito operacional e aplicável em sociedades contemporâneas, onde a velocidade da informação é alta, ocorrendo mudanças a todo tempo (ARRUDA, 2002). Para os autores Gama, Santos e Fofonca (2010, s.p.), o conceito de Moscovici sobre as representações sociais “[...] nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim, uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade na atualidade.”

Moscovici deu início aos estudos sobre a teoria da representação social em 1950, em sua tese de doutorado e sua primeira edição foi publicada em 1961 (ARRUDA, 2002; SILVA, 2011). Ele evidencia que a teoria das representações sociais tem como ponto de partida as diferenças dos sujeitos, atitudes e fenômenos. O objetivo dessa teoria é entender como esses sujeitos e grupos constroem um senso comum, “um mundo estável, previsível”, tendo em vista essas diversidades (MOSCOVICI, 2015, p. 79). O autor evidencia que a primeira tarefa do estudo científico que se ocupa das representações sociais,

é tornar o não familiar familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômenos e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas. A descrição, é claro, nunca PE independente da teorização dos fenômenos e, nesse sentido, a teoria das representações sociais fornece o referencial interpretativo tanto para tornar as representações visíveis como para torná-las inteligíveis como formas de prática social. (MOSCOVICI, 2015, p. 25).

As representações sociais devem ser entendidas como um modo característico de compreender e transmitir saberes, cujo objetivo é materializar o sentido do mundo e estabelecer ordens e percepções, que reproduzam o mundo de forma significativa (MOSCOVICI, 2015). Nas palavras de Moscovici (2015, p. 21), o conceito de representação social se refere a

[...] um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código

para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Ainda de acordo com Moscovici (2015), as representações sociais são fenômenos que precisam ser descritos e explicados. Elas são fenômenos singulares que estão relacionados com um modo particular de como os sujeitos (sujeitos ou grupo) compreendem e se comunicam – elas criam tanto a realidade como o senso comum (MOSCOVICI, 2015). Nesse sentido,

As representações entram para o mundo comum e cotidiano em que nós habitamos e discutimos como nossos amigos e colegas e circulam na mídia que lemos e olhamos. Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2015, p. 8).

Arruda (2002, p. 137) infere que

[...] a representação social na verdade opera uma transformação do sujeito e do objeto na medida em que ambos são modificados no processo de elaborar o objeto. O sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais um habitante. A representação portanto, repito, não é cópia da realidade, nem uma instância intermediária que transporta o objeto para perto/dentro do nosso espaço cognitivo. Ela é um processo que torna conceito e percepção intercambiáveis, uma vez que se engendram mutuamente, como no caso do inconsciente agitado ou do complexo visível a olho nu.

Moscovici (2015) salienta que a sociedade demanda de forma constante uma necessidade de reconstruir o “senso comum” ou a maneira em que os sujeitos compreendem a essência das “imagens e sentidos”, que são imprescindíveis para uma coletividade funcionar. Neste contexto, o autor afirma que se não fossem criadas representações sociais alicerçadas nas teorias e ideologias, a coletividade que se conhece hoje não seria capaz de funcionar, essas representações se transformam em realidades compartilhadas. É percebido como característica específica dessas representações que elas “‘corporificam ideias’ em experiências coletivas e interações em comportamento” (MOSCOVICI, 2015, p. 48). Uma vez que o entendimento do senso comum reflete como os sujeitos agem e se posicionam em relação a diferentes objetos sociais, as representações aproximam as pessoas da “visão de mundo” que outras pessoas ou grupos compartilham (MOSCOVICI, 2015, p. 48).

Segundo Arruda (2002), a definição que alcançou consenso entre os pesquisadores do campo da psicologia social sobre essa teoria foi dada por Denise Jodelet (2001, p. 22), a qual explicita que “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente

elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Jodelet (2001) afirma que as representações, enquanto sistemas de interpretação que governam a relação dos sujeitos com os outros, que orientam e organizam o modo que se dão as comunicações sociais, também exercem influências em diversos aspectos, são eles: de como os conhecimentos são assimilados e disseminados, no desenvolvimento individual e coletivo, na construção das identidades pessoais e sociais, como os grupos se expressam e nas transformações sociais.

Almeida (2005, p. 44-45) sublinha que é importante ressaltar que as representações sociais, enquanto representações socialmente construídas, podem contribuir na constituição da base ideológica na qual um grupo se baseia na tomada de decisões em variadas situações do cotidiano, essas representações tem o potencial de determinar o comportamento de uma ação individual ou coletiva. As representações sociais que já estão estabelecidas podem influenciar os sujeitos “na ordenação mental do mundo como este se apresenta, isto é, na forma de uma realidade socialmente construída e compartilhada”. Ainda neste contexto, o autor supracitado complementa que a manifestação do senso comum é uma parte importante na teoria das representações sociais por mostrar a forma de pensar de um determinado grupo a respeito de algo. É pela análise dos sujeitos e de seus grupos que serão estabelecidos indicativos do pensamento social e, deste modo, será possível analisar como o pensamento social atua em conjunto com o sujeito para compreensão da realidade (ALMEIDA, 2005).

Os autores Araújo e Moura (2012) destacam que alguns elementos e relações são imprescindíveis para se compreender as representações sociais. Em seu estudo, Jodelet (2001, p. 26) elenca esses elementos e relações:

- As representações sociais são “sempre uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito)”;
- A representação social está com seu objeto numa relação de “simbolização” e de interpretação. Na “simbolização” ela ocupa seu lugar, já na “interpretação” ela lhe confere significações. “Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma ‘construção’ e uma ‘expressão’ do sujeito”;
- A representação é uma forma de saber, apresenta-se como um modelo do objeto;
- Qualificar esse saber de “prático” se refere à experiência a partir da qual ele se produz, aos quadros e condições nos quais se insere, e sobretudo, ao fato de que a

representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que esclarece suas funções e sua eficácia sociais.

A representação social como conhecimento do senso comum pode ser notada numa “opinião, posicionamento, manifestação ou postura de um sujeito”, em sua vida cotidiana (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 503). Para Lefèvre e Lefèvre (2014, p. 503), uma maneira de reafirmar o que foi dito anteriormente é que “sempre é possível agrupar e reconstituir, em grandes categorias de sentido, depoimentos ou outras manifestações de pensamentos individuais”.

Araya Umaña (2002, p. 33) afirma que as representações sociais são construídas a partir de materiais de diferentes origens e que todos estes elementos contribuem para sua construção. A autora destaca alguns desses elementos:

1. A bagagem cultural: essa bagagem acumulada na sociedade ao longo de sua história se constitui “por crenças amplamente compartilhadas, valores considerados básicos e referências históricas e culturais que compõem a memória coletiva e a identidade da própria sociedade”. Que se traduz nas mais diversas instituições sociais (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 33, tradução nossa);
2. Mecanismos de ancoragem e objetivação: o mecanismo de ancoragem se refere à maneira como “o conhecimento e as ideias sobre determinados objetos passam a fazer parte das representações sociais desses objetos por meio de uma série de transformações específicas”. E o mecanismo de objetivação se preocupa de que maneira as estruturas sociais influenciam a construção das representações sociais e como as estruturas já existentes influenciam na construção de novas representações sociais (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 33, tradução nossa);
3. Conjunto de práticas sociais que se relacionam com as diversas modalidades de comunicação social: a elaboração das representações sociais ocorre nos processos de comunicação social. A partir dessa afirmação anterior, faz-se a reflexão de que os meios de comunicação em massa têm um papel significativo em relação à transmissão de “valores, conhecimentos, crenças e modelos de comportamento”. Diante disso, a televisão, enquanto um meio de comunicação de alcance geral, e “as revistas populares da ciência” que são voltadas para um

grupo social específico, exercem uma importante função na construção da realidade dos sujeitos que acessam e utilizam esses meios de comunicação. Uma outra modalidade que tem um papel significativo, é a comunicação interpessoal, como por exemplo, as inúmeras conversas que as pessoas partilham ao longo de um dia (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 34, tradução nossa).

Por fim, para Araújo e Moura (2012), a representação social sobre informação e conhecimento é encontrada nas opiniões, crenças e valores que os sujeitos expressam em relação a esses conceitos. Elas são construídas e alicerçadas aos elementos que atravessam o espaço social desses sujeitos. São eles: elementos históricos, sociais e culturais. Dessa forma, a teoria das representações sociais irá servir de subsídio teórico e metodológico para a pesquisa aqui proposta, pois por meio das representações contidas nos discursos das mulheres negras que frequentam a Casa de Mulheres da Maré, pretendemos compreender o que tais mulheres entendem por informação, bem como identificar os usos informacionais efetivamente realizados por elas. A ideia é trabalhar com as concepções tanto subjetivas (entendimentos) quanto objetivas (usos) da informação a partir do discurso que emana das próprias mulheres negras aqui estudadas seguindo a técnica de análise de Discurso, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, estão descritos os procedimentos metodológicos adotados para realização desta pesquisa. Gil (2008, p. 26) define a pesquisa como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Em relação à pesquisa social, Gil (2008, p. 26) ressalta que a mesma pode ser definida como o processo que, através do uso da metodologia científica,

[...] permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. Realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais (GIL, 2008, p. 26).

A pesquisa qualitativa “aprofunda-se no universo dos significados das ações e relações humanas um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” (MINAYO, 2002, p. 22). Esta é uma pesquisa qualitativa, visto que a Casa das Mulheres da Maré serviu de fonte para a coleta de dados, bem como os discursos das entrevistadas foi a base para interpretação de fenômenos sociais e as representações do grupo de mulheres negras sobre o que atribuem como informação, assim como quais informações recebem na Casa das Mulheres da Maré e utilizam para ampliar seus conhecimentos, empoderar-se intelectualmente e mudar suas realidades sociais. Entende-se que para a realização e compreensão de uma pesquisa científica se deve observar certos critérios metodológicos. Nesse sentido, o Quadro 2 apresenta de forma breve os aspectos metodológicos desta pesquisa.

Quadro 2 - Aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspecto	Descrição
Natureza da pesquisa	Aplicada
Objetivos	Exploratória
	Descritiva
Abordagem	Qualitativa
Problema	Qualitativo
Procedimento	Bibliográfico e pesquisa de campo
Instrumento de coleta de dados	Questionário de caracterização
	Entrevista semiestruturada via Google Meet

Fonte: Elaborado pela autora.

## 5.1 UNIVERSO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O universo da pesquisa foi composto pelas mulheres negras moradoras do Conjunto de Favelas da Maré e frequentadoras da Casa de Mulheres da Maré, as quais responderam ao instrumento de coleta de dados, a saber: a) um questionário de caracterização (para definição do perfil) e b) a entrevista semiestruturada contendo quatro questões abertas.

Para a seleção das entrevistadas utilizamos as seguintes etapas: primeiro, entramos em contato com a Casa das Mulheres da Maré explicando sobre a pesquisa e solicitando que repassassem o *e-mail* divulgando a pesquisa para as mulheres negras que frequentassem a Casa das Mulheres da Maré ou ainda que informassem o contato de mulheres negras para que a pesquisadora pudesse fazer o convite para participação da pesquisa. Infelizmente, após três tentativas, não obtivemos retorno da coordenação da Casa. Diante disso, entramos em contato com pessoas amigas da autora deste estudo que frequentavam a Casa das Mulheres da Maré, e solicitamos a ajuda na divulgação da pesquisa para encontrar mulheres negras que frequentassem a Casa das Mulheres da Maré e que gostariam de participar da pesquisa; a segunda etapa esteve relacionada à seleção de mulheres negras para participarem da pesquisa. As que se autodeclaravam como mulheres brancas não foram entrevistadas, sendo consideradas somente as que se autodeclaravam como negras e pardas, conforme classificação do IBGE; a terceira etapa consistiu na aplicação do questionário e na realização das entrevistas com as mulheres negras participantes. É importante destacar que a seleção das entrevistadas aconteceu de forma orgânica e em rede, na qual, uma mulher foi indicada a partir da outra que indicou outra(s) e assim por diante. A escolha pelo espaço da Casa das Mulheres da Maré se deu por ser um local onde se oferece serviços e programas voltados apenas para as mulheres desta comunidade e por ser um espaço cujo trabalho é referência para outras comunidades vizinhas.

## 5.2 COLETA DO DISCURSO

A entrevista foi a modalidade escolhida e utilizada para coleta de dados desta pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 195), a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Portanto, este procedimento é utilizado quando se trabalha com a técnica DSC (ver descrição mais abaixo) para tratamento e análise dos dados.

Nesta pesquisa, em um primeiro momento, pretendíamos fazer o contato e entrevistas de forma presencial. No, entanto, por conta da pandemia ocasionada pela Covid-19, as entrevistas foram realizadas via internet, por meio do Google *Meet* (<https://meet.google.com/>). Utilizamos como ferramenta para registro da entrevista a opção de gravação do próprio Google *Meet*. Posteriormente, os registros das falas das participantes foram organizados e transcritos na íntegra para que fossem aplicados no instrumento de análise do discurso I (APÊNDICE F).

Nesta etapa, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE B). Lefèvre e Lefèvre (2003) destacam alguns pontos importantes na elaboração de um roteiro de entrevistas, a saber: a) definir os objetivos que se têm a intenção de alcançar antes de elaborar qualquer questão; b) evitar questões que façam com que a entrevistada produza representações cognitivas, quando se procura obter representações comportamentais ou atitudinais por parte da pesquisadora; c) deve-se evitar questões com respostas induzidas; d) não formular pergunta que tenha como único objetivo produzir reações emocionais; e) não formular questões que não fomentem o discurso; f) não fazer perguntas inadequadas para as entrevistadas; e g) não fazer pergunta que o enunciado não possa ser compreendido pela pessoa que está sendo entrevistada.

O período de realização das entrevistas foi de 9 de dezembro 2020 a 11 de janeiro de 2021. No total, entramos em contato com nove mulheres negras, e destas, quatro entrevistas foram efetivamente realizadas. Entre as justificativas da recusa para participação apresentadas pelas mulheres esteve a indisponibilidade de tempo por conta do trabalho, não saber utilizar a ferramenta Google *Meet* ou *Zoom* e cuidado com parentes por questões de saúde.

### 5.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DO DISCURSO

O tratamento e análise dos discursos coletados foram realizados com a aplicação da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) entendida “[...] como um método de resgate da Representação Social (RS) caracterizado pelo fato de buscar reconstituir tais representações preservando a sua dimensão individual articulada com a sua dimensão coletiva” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 503). O DSC é um modo de resgatar e apresentar as representações sociais metodologicamente adquiridas através de pesquisas empíricas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014).

Lefèvre e Lefèvre (2005, p. 30) refletem que uma das maneiras de se compreender as representações sociais se baseia em compreendê-las como a “expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema”. Segundo os mesmos autores, essas percepções podem se manifestar através dos discursos orais dos sujeitos de uma determinada população (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Nesta dissertação, objetivamos extrair as percepções do coletivo de mulheres negras que frequentam a Casa das Mulheres da Maré sobre a informação e suas percepções, as quais podem se manifestar através dos discursos verbais emitidos pelas mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré.

Segundo Almeida (2005, p. 189), o DSC “é a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo na forma de discursos. Esse discurso expressa os traços do pensamento da coletividade na qual o sujeito individual está inserido, exprime o que o grupo pensa e como pensa”. Posteriormente à aplicação das entrevistas e as transcrições destas, foram utilizadas algumas figuras metodológicas que compõem a técnica do DSC que são: as Expressões-chave (ECH), partes dos discursos selecionados pela pesquisadora que apresentam a natureza do que está contido no conteúdo discursivo; as Ideias Centrais (IC) que são nomes ou expressões linguísticas que expressam de forma resumida, o sentido empregado pela entrevistada em cada resposta; e, por último, a Ancoragem (AC), que correspondem a uma expressão de uma teoria ou ideologia específica que a autora do discurso sustenta para “formulá-lo e justificá-lo” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17). A partir disso, elaborou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), uma síntese do discurso escrita na primeira pessoa e “composta pelas Expressões-chave com as mesmas ideias centrais ou ancoragem” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Com o DSC, almejou-se, “[...] reconstruir com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tanto discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 19). Ainda, Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 21) destacam que, para construir o DSC, precisa-se seguir alguns princípios como coerência, posicionamento próprio, tipos de distinção entre os DSCs e a produção de uma “artificialidade natural”. Silva (2019) infere que o DSC é um modo de permitir que um determinado coletivo “fale” de maneira direta.

Neste contexto, em um primeiro momento, apresentamos o resultado da elaboração do DSC, o qual se encontra na sexta seção desta pesquisa, assim como as transcrições na íntegra de cada entrevista (APÊNDICE E). Em um segundo momento, após as transcrições das respostas, as questões foram analisadas, destacando-se as expressões-chaves e as ideias

centrais dos discursos, respectivamente, presentes nos instrumentos de análise presentes no apêndice deste estudo (APÊNDICE F), destacamos que a organização dos instrumentos seguiu o padrão adotado na tese da pesquisadora Daniella Camara Pizarro (PIZARRO, 2017).

#### 5.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS NA PESQUISA

Esta pesquisa está de acordo com o regimento do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, que foi criada no ano de 1997, registrado junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS), em cumprimento das Resoluções n.º 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde. Neste sentido, antes da aplicação do questionário e da entrevista foi enviado um *e-mail* para as entrevistadas com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e o documento de consentimento de gravação (APÊNDICE D) para aceitação e assinatura das mesmas.

## 6 O QUE DIZEM AS MULHERES NEGRAS FREQUENTADORAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ?

### 6.1 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTADAS

No que tange aos instrumentos de coleta de dados, em primeiro momento, foi aplicado um questionário de caracterização com a finalidade de obter informações que permitissem entender o perfil das mulheres negras participantes. A pesquisa foi realizada com quatro mulheres negras, as quais foram respondentes deste estudo. A faixa etária das entrevistadas está entre 21 e 60 anos, das quais três entrevistadas se declararam negras, e uma, como parda. Seguindo os critérios estabelecidos pelo IBGE, as mesmas serão consideradas nesta pesquisa como mulheres negras.

Com exceção de uma entrevistada que está desempregada, as outras três possuem ocupação profissional como costureiras e artesãs. Quanto às relações familiares, apenas uma das entrevistadas reside sozinha, uma delas reside com os pais, outra com o marido, netos e bisnetos, e a última, com o marido e a filha. Uma das respondentes é responsável por chefiar a família enquanto mãe-solo e faz parte das três respondentes que informaram possuir filhos. No que se refere à escolaridade, duas entrevistadas responderam que possuem o ensino fundamental incompleto, uma respondeu que possui o ensino fundamental completo e outra o ensino médio completo.

Quadro 3 - Perfil das entrevistadas que responderam ao questionário de caracterização.

Entrevistada	Idade	Pertencimento étnico-racial	Escolaridade	Ocupação profissional
<b>Entrevistada 1</b>	40	Preta	Ensino fundamental incompleto	Costureira
<b>Entrevistada 2</b>	60	Parda	Ensino Fundamental completo	Costureira e Artesã
<b>Entrevistada 3</b>	21	Preta	Ensino Médio completo	Desempregada
<b>Entrevistada 4</b>	40	Preta	Ensino Fundamental incompleto	Costureira

Fonte: Elaborado pela autora.

## 6.2 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC

De posse das entrevistas, foi elaborado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) seguindo a metodologia citada na seção de procedimentos metodológicos desta pesquisa. Apresentamos a seguir, o discurso das mulheres negras entrevistadas, que segue a ordem de respostas da entrevista:

*Entendo que a informação é importante, pois auxilia na transmissão do conhecimento para outras pessoas que não possuem informação sobre determinado assunto, seja ela de ordem religiosa, política, entre outras. **São entendidas como informação**<sup>15</sup> aquelas notícias transmitidas por intermédio da televisão, rádio, celular e redes sociais (online). **No que concerne à informação sobre a Casa das Mulheres da Maré**, esta é importante para mostrar a outras pessoas sobre o que se faz e aprende no projeto. Dentre suas ações, fornece cursos, permite conhecer e saber da história e se aprende a fortalecer outras mulheres.*

***Com relação aos tipos de informação obtida**, tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial, racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres. Entre uma atividade e outra, há uma aula sobre Mulheridade, na qual se aprende sobre informação e violência, assim como opções jurídicas e de denúncias. **Ademais**, a Casa oferece acesso a apoio jurídico e psicológico, oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria, **assim como** são oferecidas também rodas de conversas que propõem diversos debates sobre variados assuntos. Dentre os assuntos abordados, oferecem informação sobre violência contra mulher e seus tipos como violência doméstica, profissional, territorial, racial, policial e cotidiana pelo fato de ser mulher. As informações são obtidas através da internet, aulas e vídeos, assim como por intermédio de profissionais como professores e assistentes sociais.*

***No que se refere à resolução dos problemas cotidianos**, a partir das informações obtidas foi possível conseguir se empoderar, superar a timidez, obter confiança e voz para vencer as opressões. **Além das informações**, as profissionais contratadas oferecem afeto e auxílio na resolução de problemas pessoais, existenciais e familiares. **A Casa permite, por intermédio de suas ações**, total liberdade para as mulheres aprenderem e se expressarem. **O sentimento de liberdade é incitado nessas mulheres** que aprendem que podem ser de qualquer profissão e não somente se ater aos moldes da sociedade machista e patriarcal. **Além disso, obtivemos autoconscientização das violências sofridas**, inclusive as informações as auxiliaram a intervir no caso de presenciar uma violência. Se conscientizaram que sofrerão preconceitos, mas que precisam colocar em prática seus aprendizados. **Além disso**, foi possível aprender sobre métodos contraceptivos em aulas sobre saúde da mulher e vida sexual e saber quando buscar apoio psicológico para as vítimas de violências e as auxiliarem a enfrentar os traumas sofridos e a não normalizarem essas situações. **Com relação ao mercado de trabalho**, obtive aprendizado e informações sobre comportamento profissional, elaboração de currículo e inscrições em vagas. As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira, e a conseguir um trabalho assalariado.*

---

<sup>15</sup> Partes negritadas não são parte do discurso das mulheres. São elementos de ligação elaborados pela autora do trabalho.

*A Casa fornece muitas oportunidades e benefícios para mulheres. Nela, as mulheres passam a estabelecer redes de sociabilidades e laços afetivos com as **outras integrantes da Instituição** e fora dela. Isso auxilia a transformar a sua realidade social e das pessoas que vivem na mesma comunidade. Quando estamos sobrecarregadas com afazeres e cuidados com a casa, marido, filho e pais, as mulheres recebem apoio psicológico e também oportunidades de trabalho em ambientes externos. **No entanto**, a pandemia trouxe mudanças de cenários de trabalho, estudos, amizades e estrutura financeira e familiar. O suporte fornecido permite enfrentar os problemas do seu dia a dia, **assim como as consequências de perdas familiares para a COVID-19. Nesse sentido**, as experiências vividas na Casa foram positivas e trazem consciência de que é preciso ir atrás dos objetivos e sonhos, **ao mesmo tempo em que se prioriza o autocuidado e a busca por novos conhecimentos.***

O discurso acima apresentado representa a manifestação sobre a informação de mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré. Com intuito de responder aos objetivos específicos desta dissertação, o referido discurso será distribuído em quatro pontos principais de discussão, a saber:

- a) A informação sob a perspectiva de mulheres negras;
- b) A obtenção das informações na Casa das Mulheres da Maré;
- c) Informação para transformação da realidade social de mulheres negras: violência e mercado de trabalho;
- d) A importância da Casa das Mulheres para apoio psicológico, jurídico e construção de afetos.

### **6.2.1 A voz das mulheres negras: o entendimento sobre a informação**

Como primeira questão, foi perguntado a cada uma das respondentes sobre qual era o entendimento que elas possuem sobre informação. O DSC construído a partir da percepção das entrevistadas aponta para o seguinte:

*Entendo que a **informação é importante, pois auxilia na transmissão do conhecimento para outras pessoas que não possuem informação sobre determinado assunto, seja ela de ordem religiosa, política, entre outras.** (DSC, 2021).*

O referido DSC apresenta que, na percepção das mulheres negras respondentes, a informação auxilia a comunicar o conhecimento. Na perspectiva trazida por Araújo (2014), a informação é o ato de informar, a comunicação do conhecimento ou da notícia de algum fato ou ocorrência. O pesquisador Buckland (1991) traz na literatura o conceito de informação, no

qual a informação é vista como conhecimento. Entendemos que corrobora também com o entendimento de Barreto (1944), pois este afirma que a informação quando assimilada produz o conhecimento, modifica o estoque mental de informações do sujeito e traz benefícios para sua vida e contexto em que ele vive, seja essa informação de ordem religiosa, política, entre outras. Para Araújo (2018, p. 92), a “informação não representa apenas a entrega de algo de um emissor para um receptor, ela produz efeitos, é uma forma de ação no mundo - ela precisa [...], necessariamente ser compreendida em seus vínculos com dimensões social, cultural, política e econômica”. Assim, compreendemos que as mulheres recebem as informações, juntam com suas experiências cotidianas e conhecimentos anteriormente criados e elaboram novos conhecimentos.

Ainda sobre o entendimento do que são informações, as entrevistadas responderam:

*São entendidas como informação aquelas **notícias** transmitidas por **intermédio da televisão, rádio, celular e redes sociais (online)**. (DSC, 2021).  
[...]*

Nessa passagem do DSC, as mulheres informaram que as informações são notícias transmitidas por intermédio da televisão, rádio, celular e redes sociais (*on-line*) e que as informações que elas obtêm na Casa vem através da internet, aulas, vídeos, assim como por intermédio das professoras e assistentes sociais. No entanto, percebemos através do discurso das entrevistadas, um fato preocupante: elas recebem informações por redes sociais (*on-line*), telefone celular (*WhatsApp*), televisão, rádio entre outros meios de comunicação, os quais podem vir a ser fontes não confiáveis de informação.

Conforme Marta Valentim (2017), fonte de informações confiáveis são aquelas produzidas em livros, artigos, relatórios, materiais oriundos de pesquisa científica etc. A autora ressalta “que as informações acessadas na rede Internet e nas redes sociais sempre devem ser objeto de análise, pois há muita contra informação ou manipulação de informação e, por essa razão, é necessário verificá-las no que tange à fidedignidade” (VALENTIM, 2017, p. 497). Além disso, por meio deste discurso, entende-se que essas informações não são obtidas pelos meios citados anteriormente e, a partir disso, podemos refletir se essas mulheres acessam informações falsas e se essas informações não iram auxiliá-las no processo de sua emancipação cidadã.

Muitas vezes, não há confiabilidade nas informações transmitidas via *WhatsApp* (um aplicativo de celulares) e demais meios de comunicação em massa, pois esses meios podem

ser propulsores de *fake news* (notícias falsas) e de informações manipuladas. Conforme Lazer et al. (2018, p. 1094), as *fake news* são um problema da sociedade atual, haja vista que é uma “informação fabricada que imita notícias na forma, mas não no processo organizacional ou no intuito”. São textos que possuem processos de “*misinformation*’ (informação falsa) e *disinformation*’ (informação falsa propositalmente divulgada para enganar pessoas)” (VALENTE, 2019, s.p.). A televisão e rádio, meios de comunicação em massa tradicionais, segundo a inferência de Cademartori e Meneses Neto (2013, p. 188),

Enquanto as *media* tradicionais da esfera pública [...] atingiam geralmente as camadas sociais com maior poder econômico, na atualidade a situação passa a ser oposta, e a penetração e influência das *media* é mais forte nos círculos menos favorecidos, especialmente em virtude do barateamento da tecnologia necessária e do menor tempo de escolaridade associado a determinados públicos.

Essas informações falsas ou manipuladas podem impactar seriamente na realidade social destas mulheres e fazer com que propaguem falsos entendimentos e argumentos sobre fatos da sociedade. Dessa forma, a arte de manipular o público com a finalidade de propagar a desinformação pode servir a interesses das camadas sociais com maior poder aquisitivo e deixar as mulheres negras, as quais estão na base da pirâmide social, em constante espaço de subordinação (CADEMARTORI; MENESES NETO, 2013).

Podemos trazer ainda como exemplo de propagação de notícias falsas o processo eleitoral para Presidência da República de 2018. Durante o período de eleição aconteceram vários casos de disseminação massiva de notícias falsas, as quais tiveram importante função na eleição do atual governo. O *WhatsApp* foi analisado por especialistas e apontado como maior vetor de desinformação e conteúdo falso ou distorcido, onde informações falsas foram disseminadas com objetivo de manipulação de massas (LIBÓRIO; CUNHA, 2018; MARQUES; ALVES; MEDEIROS, 2019).

Pode ser vistas também, neste período de pandemia da Covid-19, diversas notícias falsas circulando nas redes sociais (*Facebook, Instagram e Twitter*), pelo *WhatsApp* (celular) e pelo rádio, informações falsas sobre, por exemplo, a divulgação sobre o uso de medicamentos ineficazes<sup>16</sup> para o tratamento e a cura para a Covid-19. Pessoas morreram ou desenvolveram doenças pelo excesso do uso de cloroquina, ivermectina, entre outros medicamentos ingeridos por conta própria. Outras notícias falsas ou manipuladas sobre o uso

---

<sup>16</sup> Inclusive o Ministério da Saúde, sob a coordenação de Eduardo Pazuello, elaborou o TrateCOV, aplicativo do ministério da saúde que indicava remédios sem eficácia comprovada para tratar sintomas da Covid-19. Maiores informações em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/aplicativo-do-ministerio-da-saude-receita-cloroquina-e-ivermectina-para-sintomas-de-covid-19.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

de vacinas estão circulando via *WhatsApp* e outras redes sociais *on-line* gerando recusas no recebimento da vacina por pessoas acreditarem que iriam morrer depois de 15 dias ou que a vacina ao ser administrada terá implantado um *chip* no corpo da pessoa vacinada<sup>17</sup>. Outro caso importante de ser relatado é a denúncia feita pelos profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS) que atuam no Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) Rio Tapajós, no Pará, onde indígenas se recusaram a tomar a vacina por acreditarem nas notícias falsas disseminadas via redes sociais *on-line* (DANTAS, 2021). No capítulo “*Aprendendo com Carolina Maria de Jesus a enfrentar os preconceitos e as informações e notícias falsas*”, Dandara Baça de Jesus Lima aponta as consequências dessas informações falsas na vida de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade em diversos âmbito da sua vida, em especial, a população negra. A autora destaca que “a violência é um dos efeitos das notícias falsas que podem repercutir em diversos âmbitos da vida” dos sujeitos (LIMA, 2019, p. 184), seja ele educacional, político, social e econômico.

Todos os casos supracitados foram trazidos para que nos conscientizemos como as informações disseminadas via televisão, rádio, redes sociais *on-line* e celulares não são fontes fidedignas de informação e, no caso desta pesquisa, entende-se que essas informações podem alterar a compreensão das mulheres negras sobre suas próprias vidas e saúde pública, impedindo-as de tomar os devidos cuidados para si e suas famílias e manter-se seguras em tempos de calamidades.

Outro fator que nos chamou a atenção foi que as mulheres não citaram o acesso à informação científica, à leitura, ao livro (digital ou impresso) e à biblioteca seja por intermédio da Casa das Mulheres da Maré, seja por seu próprio desejo. A reflexão aqui é como as bibliotecas ainda precisam avançar para que, primeiro, consigam auxiliar na construção da identidade étnico-racial da população negra – e por consequência, das mulheres negras – e para isso é preciso que deixe de ser um dispositivo de propagação de ideologias racistas e coloniais (CARDOSO, 2011; SILVA, 2020). Em segundo momento, as bibliotecas devem se tornar um espaço para busca, recuperação e acesso a fontes de informação por mulheres negras que as auxiliem na transformação de suas realidades; e, no terceiro momento, realize a mediação das informações necessárias a essas mulheres, pois, conforme infere Francilene Cardoso (2011, p. 83), “trabalhar para a (re) construção da identidade negra exige a mediação de informação e conhecimento, portanto perpassa o espaço da biblioteca”. E por último, os bibliotecários e profissionais de informações que estão inseridos em espaços dentro

---

<sup>17</sup> Maiores informações: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/04/verificamos-vacina-5g-microchip/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

de comunidades periféricas ou que tem como público sujeitos que estão às margens da sociedade, como é o caso das mulheres negras. Devem se atentar também em transformar essas mulheres competentes em informação para que essas informações possam auxiliar na transformação de sua realidade social. Assim, elas poderão desenvolver habilidades para a busca, uso, filtragem e análise das informações para que possam, de fato, usufruir de informações de qualidade (SOUSA; VALÉRIO; CAMPOS, 2021).

## 6.2.2 A obtenção de informações na Casa das Mulheres da Maré

No que se refere ao onde as informações são obtidas, as mulheres entrevistadas responderam:

*As informações são obtidas através da internet, aulas e vídeos, assim como por intermédio de profissionais como professores e assistentes sociais. (DSC, 2021).*

Um outro ponto identificado no DSC são as principais fontes de informações utilizadas pela Casa para disseminar conteúdos informacionais para mulheres que lá frequentam. Foram citadas a internet, aulas, vídeos, profissionais e professores como fontes de informação. Esse tipo de fonte de informação no campo biblioteconômico-informacional são denominadas como fontes secundárias (CUNHA, 2016).

Na dissertação intitulada “*Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba*”, a autora Leyde Klebia Rodrigues da Silva relata, a partir do discurso do sujeito coletivo de suas entrevistadas, que as fontes informacionais utilizadas pela organização pesquisada para disseminação de informação foram: a) as fontes formais (livros, revistas/periódicos, fontes científicas); b) fontes informais (cartilhas, adesivos, pôsteres, banners, estética afro e oralidade); e c) as fontes *web* (*Facebook, blog, e-mail*). Esses eram meios de transmissão de informação utilizados pela organização, os quais também utilizavam aulas e rodas de conversa. A autora aponta que as fontes obtidas via *web* foram as mais utilizadas pelas mulheres negras frequentadoras da Bamidelê, uma organização não governamental (ONG) de mulheres negras, e que o uso da internet se dá pela facilidade do acesso a essas fontes, e por esse acesso ser em tempo real (SILVA, 2014).

A internet é considerada uma fonte de informação, pois, a partir dos recursos que ela dispõe, contribui para busca e recuperação de informações científicas disponibilizadas a partir de bases de dados e outros locais de busca de material informacional oriundo de pesquisas. Ademais, a internet fornece as informações cotidianas, aquelas que os sujeitos pesquisam para saber sobre vagas de emprego, lazer, entretenimento, letramento informacional sobre determinado tema, entre outros. Os recursos informacionais possibilitam a interação com diversas formas de produção do conhecimento, sejam elas constituídas por textos, imagens, sons, fotos, vídeos, músicas, animação, multimídia etc., que alcançam os sujeitos e os envolve num espaço informacional com fins múltiplos: trabalhar, estudar, pesquisar, divertir-se etc. (TOMAÉL, 2008).

No discurso das respondentes, surgiu a indicação das profissionais atuantes na Casa como aquelas que mediam a informação. Não foi possível identificar se as pessoas profissionais da Casa baseiam em informações científicas a construção de suas aulas e das discussões trazidas para mulheres negras da Casa. Entretanto, é importante entender que as pessoas possuem influências a partir dos contextos em que estão inseridas e que as ações educativas dentro da Casa também podem auxiliar no empoderamento e conscientização de mulheres negras sobre diversos aspectos de suas realidades. Um dos pontos de como essa influência acontece se encontra no trecho do discurso abaixo:

*[...] tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial, racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres. Entre uma atividade e outra, há uma aula sobre Mulheridade, na qual se aprende sobre informação e violência, assim como opções jurídicas e de denúncias. (DSC, 2021).*

Conforme acima, percebemos que os assuntos e temas sobre os quais as mulheres aprenderam, a partir da disseminação de informações realizadas pela Casa, são diversos. Essa diversidade de temas e assuntos de debate é salutar para o desenvolvimento da emancipação intelectual de mulheres negras, ao mesmo tempo em que se apropriam desses conhecimentos para mudanças reais de suas vidas cotidianas. A pesquisadora Ingrid dos Passos (2018, p. 42) infere sobre a necessidade de se ter

*[...] atividades lúdicas que busquem reforçar a identidade da mulher negra, atividades culturais que possam resgatar diferentes aspectos culturais de África. Tais práticas devem ser constantemente revisitadas e desenvolvidas pelos profissionais da informação, buscando manter a atualização e a qualidade de seus serviços prestados com o objetivo de promover a informação à comunidade.*

Nesse sentido, entendemos o papel da Casa no debate do que é gênero, um dos enfoques de aprendizado apontado pelas respondentes. Gênero é um termo emergido nos fins do século XX para debater e refletir sobre a organização social entre os sexos (CÔRTEZ, 2012). Conforme Scott (1990, p. 4), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um modo primordial de dar significado às relações de poder”. A importância do aprendizado e debate sobre esse tema na Casa está em construir o entendimento nessas mulheres negras sobre as relações de poder e entre sexos que influenciam suas realidades, reforçam as opressões sofridas sobre seus corpos, além de mantê-las segregadas em diversas esferas, como o mercado de trabalho, a esfera

política, econômica e sexual, assim como a objetificação de seus corpos e ridicularização de sua estética (CÔRTEZ, 2012).

Aliado ao gênero, o aprendizado sobre sexo e sexualidade também é essencial para disseminação de informações sobre métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e tabus relacionados à sexualidade feminina, como masturbação, entre outros temas. Tais debates podem contribuir para a diminuição de casos de gravidez indesejada, menores ocorrências de transmissão de DSTs, permitir a construção de um planejamento familiar e também a autonomia de mulheres sobre as decisões relacionadas aos seus corpos (PAZ; DITTERICH, 2009).

As informações sobre empreendedorismo também foram apontadas pelas mulheres negras respondentes. No Brasil, mulheres negras representam a metade das proprietárias de negócios no país, sendo que em sua grande maioria, as mulheres negras empreendem por necessidade e os negócios conduzidos por elas são marcados pela informalidade (REDAÇÃO..., 2019). No capítulo de Críchyna da Silva Madalena e Kariane Regina Laurindo, intitulado “*Mulheres negras empreendedoras: um breve estudo*”, as autoras inferem que as mulheres encontram no fato de empreender uma saída digna como forma de se inserir no mercado de trabalho e também sobreviver e manter sua família (MADALENA; LAURINDO, 2018). Com relação ao alto número de mulheres negras empreendedoras, as autoras inferem que tal fato acontece por diversos motivos, os quais podem ser: a) por serem chefes de família e ser financeiramente responsável por ela; b) a alta dificuldade de acesso ao mercado de trabalho; c) o desemprego; d) por receberem menos que homens e mulheres brancas e homens negros no mercado de trabalho; e) cargos abaixo de sua expectativa e/ou formação; f) por questões de gênero e questões étnico-raciais. Adicionamos ainda: g) a falta de qualificação e escolaridade para os cargos disponíveis, haja vista que a escolaridade de mulheres negras ainda se encontra aquém do que se espera para o seu desenvolvimento social; f) falta de consistente representatividade política, que reduz as possibilidades de se estabelecer políticas públicas destinadas às mulheres negras.

A construção de identidade étnico-racial, as relações raciais e o preconceito de classe e racial também foram elencados como assuntos estudados na Casa, conforme o trecho do DSC supracitado. As relações sociais são as interações estabelecidas entre seres humanos. No entanto, dentro da sociedade brasileira, essas relações são demarcadas por elementos raciais, o que promove tensões entre grupos étnico-raciais presentes dentro do contexto brasileiro. Márcia Cristina Costa Pinto e Ricardo Franklin Ferreira abordam que:

As teorias racistas, agregadas à historicidade das relações raciais no Brasil, desenvolveram a perspectiva que prima pela exclusão e trata as diferenças como deficiências, prejudicando a construção de uma identidade baseada na negritude, já que todos sonham desenvolver um dia uma identidade branca, por julgarem-na superior. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262).

Como trouxemos na construção teórica desta pesquisa a partir dos estudos de Kabengele Munanga e Antonio Sérgio Guimarães, a raça é um construto social, o qual interfere nas relações sociais estabelecidas em nossa sociedade. O racismo está presente na estrutura do Brasil, haja vista os processos coloniais e escravistas que colocaram historicamente a população negra em lugar de subordinação. Dessa forma, atualmente a construção identitária de pessoas negras ainda sofre diversas ameaças, conforme infere Silva (2019, 2020) ao citar os impeditivos para construção de uma identidade étnico-racial positivada em pessoas negras, a saber: o racismo, a ideologia do branqueamento, o mito da democracia racial e da meritocracia e, por fim, a branquitude.

No que concerne ao aprendizado sobre preconceito racial e de classe, estudos têm demonstrado que enquanto categorias, a cor da pele e a classe social influenciam no julgamento social e podem atuar de forma independente na vida dos sujeitos. O estudo de Tiago Jessé Souza de Lima (2016) aponta que a cor da pele e a classe social se inter-relacionam para prenunciar a discriminação. Como objeto de pesquisa, o autor enfocou sobre como a informação sobre classe social pode influenciar no julgamento social feito sobre pessoas negras e brancas que cometem delitos. Como resultados, demonstrou que quando a informação sobre cor da pele e classe social são enunciadas, há maior probabilidade de se condenar pessoas negras de classe social baixa e que as pessoas brancas de classe alta são aquelas que recebem menor condenação. A partir dessa perspectiva, consideramos que ao fornecer informações sobre questões étnico-raciais e identidade, a Casa das Mulheres da Maré está fortalecendo o entendimento de mulheres negras sobre as formas de preconceito, racismo e exclusão e as consequências dos mesmos nas suas vidas, assim como as torna cientes dos direitos e deveres enquanto cidadãs brasileiras.

Ainda nessa toada, os assuntos como violência contra mulheres e seus tipos também foram elencados pelas entrevistadas, conforme excerto do DSC abaixo.

*Dentre os assuntos abordados, oferecem informação sobre **violência contra mulher e seus tipos como violência doméstica, profissional, territorial, racial, policial e cotidiana pelo fato de ser mulher.** (DSC,2021).*

Conforme já elucidado nas seções 2.2 e 2.3 desta pesquisa, a violência está presente na vida de mulheres, independentemente da sua esfera social, condição econômica ou pertencimento étnico-racial. De acordo com o Dossiê da Mulher publicado em 2019, no estado do Rio de Janeiro – estado onde se encontra a Casa das Mulheres da Maré – as mulheres negras e pardas se encontram em maior situação de vulnerabilidade, o que as coloca em lugar de serem propensas a sofrerem algum tipo de violência. Conforme a pesquisadora Gisele Côrtes, a violência doméstica é “um problema social que afeta milhares de mulheres cotidianamente em todo o mundo, em todas as idades, de variadas classes sociais, etnias, graus de escolaridade, orientação sexual e religiosa, é uma grave manifestação da violência de gênero” (CÔRTEES, 2012, p. 149).

O racismo, a pobreza, desigualdades e a discriminação racial e institucional contribuem decisivamente para que as mulheres negras sejam bruscamente afetadas pela violência. Santos e Schucman (2015, p. 118) inferem que são as mulheres negras aquelas que “apresentam maior índice de mortalidade materna em relação às mães brancas e probabilidade de ter o primeiro filho antes dos 16 anos de idade”. Ademais, possuem menores chances de realizar consultas ginecológicas, exames ginecológicos e pré-natal, assim como de conseguir informações sobre o parto e pós-parto (PERPÉTUO, 2000; LOPES, 2005; SANTOS; SCHUCMAN, 2015). Entendemos que as mulheres negras não contam efetivamente com o apoio do Estado, haja vista a inexistência de políticas públicas eficazes para coibir e combater esses problemas.

“A intervenção do poder público através da implementação de estruturas institucionais de apoio é fundamental no processo de fortalecimento e empoderamento das mulheres para o enfrentamento à violência e para a garantia de sua vida”, advoga Côrtes (2012, p. 155). Na ausência do Estado, as mulheres negras dependem de si mesmas para viver uma vida sem violências ou de coletivos como a Casa das Mulheres da Maré para que se unam com outras mulheres na mesma situação e reúnam forças para lutar contra o racismo, o machismo e violências (MORAES; MANSO, 2019).

Porém, a Casa como um coletivo que se dispõe a informar e abordar essas questões, deve voltar especial atenção para o recorte racial das frequentadoras, pois assim poderá suprir as necessidades de informação demandadas pelas mulheres negras. É preciso estar atenta e promover a conscientização dos obstáculos causados pela inter-relação entre o racismo, o gênero e a pobreza, os quais fazem com que múltiplas formas de violências cruzem a vida das mulheres negras em seu cotidiano. Tais debates devem elucidar questões como as barreiras de

acesso aos serviços de saúde e a baixa preocupação do Estado com as especificidades que são vinculadas à vivência das mulheres negras, como a violência obstétrica, morte pós-parto, as ações de violência produzidas pelas forças de segurança do Estado, do crime organizado e das milícias, como também a maior exposição às drogas e ao fato de serem as principais vítimas quando se fala em tráfico de mulheres (CARNEIRO, 2002; AGÊNCIA..., 2014; CARNEIRO, 2017; AGÊNCIA..., 2018).

### **6.2.3 Informação para transformação da realidade social de mulheres negras: violência e mercado de trabalho**

Nessa seção terciária, nosso enfoque será a informação mediada pela Casa que promoveu a transformação da realidade social de mulheres negras, em especial no que se refere ao enfrentamento da violência e à inclusão no mercado de trabalho. Sobre este último, o trecho do DSC abaixo apresenta que a Casa fornece informações que auxiliam na procura por trabalho, assim como provê instrumentos (tais como elaboração de currículo e auxílio nas inscrições) que permitam essas mulheres negras a concorrerem às vagas disponíveis no mercado.

*Com relação ao mercado de trabalho, obtive aprendizado e informações sobre comportamento profissional, elaboração de currículo e inscrições em vagas. As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira, e a conseguir um trabalho assalariado. (DSC, 2021).*

A partir das respostas das respondentes ao questionário de caracterização pode ser percebido que apenas uma delas se formou no ensino médio. A partir do referencial teórico desta pesquisa, explicamos que as mulheres negras têm mais dificuldades em ocupar postos de trabalhos (dentre os vários motivos, a baixa qualificação profissional) e são as que mais sofrem com o desemprego, um dos fatores que fazem com essas mulheres negras não alcancem a sua emancipação financeira e, muitas vezes, as obriguem a se manter em ciclos de violência para poder ter recursos financeiros e alimentares para si e seus filhos. Para fortalecê-las e instrumentalizá-las para o mercado de trabalho, a Casa oferece “*cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria*” (DSC, 2021) para que essas mulheres possam ressignificar seu contexto econômico e alcançar a sua emancipação financeira. Além disso, é

uma maneira de interromper os ciclos de violência contra as mulheres, que podem ser fatais para as mesmas (IPEA, 2018a,b; CUNHA, 2020).

A confiança profissional foi elencada no DSC construído a partir da conversa com as entrevistadas como uma das consequências ocorridas a partir do fornecimento das informações e treinamentos oferecidos por intermédio de cursos ministrados na Casa a essas mulheres. Rosa Maria Fischer e José Gaspar Nayme Novelli (2008, p. 69) inferem que a confiança “se manifesta como elemento moderador de relacionamentos, na relação pessoa com pessoa, até em relações mais complexas, envolvendo, por exemplo, várias organizações”. Os autores chamam de confiança relacional aquela “derivada de interações repetidas no tempo e no espaço entre confiado e confiante” (FISCHER; NOVELLI, 2008, p. 69). Portanto, a confiança se relaciona à compreensão de expectativas dentro de uma estrutura de comportamento inserida no sistema das organizações (FISCHER; NOVELLI, 2008).

O fato de mulheres negras adquirirem confiança em suas habilidades profissionais as possibilita entender o ambiente e o mercado de trabalho e, assim, emanciparem-se e transformarem suas realidades. A confiança permite ainda assumirem compromissos e riscos profissionais, ao mesmo tempo em que as fortalece para cobrarem o preço justo pelo produto ou serviço oferecido, criarem seu próprio negócio, denunciarem violências e assédios no ambiente pessoal e profissional, entre outros aspectos. Isso sugere que a informação se torna um instrumento de inclusão das mulheres negras nos sistemas que estimulam as relações sociais, e o acesso à informação vira o caminho para que aconteça a emancipação social de mulheres marginalizadas dentro do mercado de trabalho permitindo o pleno exercício da sua cidadania (HANADA, 2007).

Outro ponto de destaque é sobre o enfrentamento à violência, o qual esteve presente no discurso da Entrevistada n.º 1:

*[...] ontem foi de grande importância, porque [...] segunda-feira no caso, ocorreu uma grave violência aqui na vizinhança e eu intervi nisso. [...] eu tive essa consciência de entender que eu tinha que agir de alguma forma, né, uma menina estava prestes a ser violentada, né. O pessoal aqui ajudou, sendo que a minha preocupação maior foi a cabeça dessa criança. E aí, eu lembrei da Casa das Mulheres que lá a gente tem apoio psicológico. (Entrevistada n.º 1).*

A respondente relatou ter impedido que uma violência contra uma menina acontecesse e isso se deve às informações fornecidas pela Casa, as quais possibilitaram, primeiramente, ter consciência de que o episódio era uma violência contra a mulher, posteriormente, enfrentar a

pessoa que estava prestes a violentar a criança e denunciar para a comunidade e, por fim, procurar ajuda para a vítima visando mantê-la em segurança, assim como seu estado psicológico. Conforme infere Côrtes (2012), a denúncia é o momento de subversão às relações de poder que estruturam a violência contra as mulheres, em especial, a violência doméstica. Caso a denúncia não se concretize ou as mulheres não recebam apoio de órgãos e instituições de apoio, isso pode ser fatal para essas vítimas. É possível perceber que a entrevistada se tornou fortalecida para materializar em suas ações os conhecimentos assimilados a partir das informações que recebeu dentro da Casa.

#### **6.2.4 A importância da Casa das Mulheres da Maré para apoio psicológico, jurídico e construção de afetos**

Nosso último ponto de análise se refere especificamente sobre a importância da Casa das Mulheres da Maré, especialmente no fortalecimento psicológico, jurídico e de construção de afetos das mulheres negras frequentadoras.

*[...] a Casa oferece acesso a apoio jurídico e psicológico, oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria, assim como são oferecidas também rodas de conversas que propõem diversos debates sobre variados assuntos. (DSC, 2021).*

*Além das informações, as profissionais contratadas oferecem afeto e auxílio na resolução de problemas pessoais, existenciais e familiares. A Casa permite, por intermédio de suas ações, total liberdade para as mulheres aprenderem e se expressarem. O sentimento de liberdade é incitado nessas mulheres que aprendem que podem ser de qualquer profissão e não somente se ater aos moldes da sociedade machista e patriarcal. (DSC, 2021).*

*A Casa fornece muitas oportunidades e benefícios para mulheres. Nela, as mulheres passam a estabelecer redes de sociabilidades e laços afetivos com as outras integrantes da Instituição e fora dela. Isso auxilia a transformar a sua realidade social e das pessoas que vivem na mesma comunidade. Quando estão sobrecarregadas com afazeres e cuidados com a casa, marido, filho e pais, as mulheres recebem apoio psicológico e também oportunidades de trabalho em ambientes externos. No entanto, a pandemia trouxe mudanças de cenários de trabalho, estudos, amizades e estrutura financeira e familiar. O suporte fornecido permite enfrentar os problemas do seu dia a dia, assim como as consequências de perdas familiares para a COVID-19. Nesse sentido, as experiências vividas na Casa foram*

*positivas e trazem consciência de que é preciso ir atrás dos objetivos e sonhos, ao mesmo tempo em que se prioriza o autocuidado e a busca por novos conhecimentos. (DSC, 2021).*

Conforme o DSC elaborado do discurso das entrevistadas, a Casa oferece apoio psicológico, visto que essas formas de violência sofridas por mulheres, assim como responsabilidade financeira e do cuidar dos seus e da sua casa, impactam diretamente na saúde mental da mulher negra. Tendo em vista que elas se encontram em contexto periférico, a saúde mental ainda não é vista como prioridade em suas vidas. O acesso a tratamento de saúde mental nas periferias destinado a mulheres negras é ainda um obstáculo a ser enfrentado e considerado ao se pautar saúde pública e ao se elaborar políticas públicas para o enfrentamento das desigualdades.

Importante também voltar o olhar para a formação de psicólogos(as), haja vista que nem todas as pessoas graduadas em psicologia possuem o entendimento dos aspectos raciais e as desigualdades sociais que colocam mulheres negras em lugares de fragilidade mental devido às violências psicológicas, psíquicas, patrimonial, física e outros tipos aos quais são submetidas. Nesse sentido, é preciso formar profissionais capacitados para entender essas desigualdades, gênero e relações étnico-raciais, uma vez que psicólogos(as) que atuam em serviços de saúde necessitam saber “que existem especificidades em relação aos agravos e formas de adoecimento para os segmentos da população negra, indígena, amarela e branca no Brasil” (SANTOS; SCHUCMAN, 2015, p. 119).

Ainda, a fragilidade psíquica é considerada como um estigma pelas pessoas negras e o julgamento daquela pessoa que procura ou recebe atendimento psicológico é ainda presente dentro das comunidades mais vulneráveis. Entendemos que esse olhar de julgamento se deve a diversos fatores, dentre eles, o fato de que pessoas negras sempre foram consideradas aquelas que são fortes, que não podem ficar doentes e nem sentir dor, especialmente porque se ficam doentes não poderão trabalhar e, conseqüentemente, não conseguirão prover suas famílias. Isso é um dos resquícios do pensamento colonial que ainda se mantém nas comunidades negras e pobres.

Embora tenhamos consciência de que a Casa fornece informações e apoio psicológico para as mulheres lidarem com os obstáculos do dia a dia, ainda é preciso fazer o recorte racial para direcionar esforços nas especificidades apresentadas pelas mulheres negras. No tocante, a psicóloga Laura Augusta de Almeida reflete que os profissionais da saúde (psicólogos e psiquiatras) precisam aprender formas de manejar ferramentas, que não foram elaboradas

levando em consideração os marcadores presentes na vida das mulheres negras (VIEIRA, 2018, *on-line*).

No artigo intitulado “*A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD*”, já citado anteriormente na construção teórica desta pesquisa, as autoras enfocam na importância de pesquisas vinculadas à saúde das mulheres negras que se preocupem em identificar as necessidades informacionais sobre saúde e entender como, para que, quando e onde elas utilizam essas informações obtidas. Assim, poderão ser pensadas medidas e ações de prevenção, desenvolvimento de políticas públicas relacionadas a saúde dessas mulheres e também da população negra como um todo. Ainda, reforçam que as mulheres negras tenham acesso à informação sobre “medicamentos que afetam a saúde da população negra, informações sobre maternidade, pré-natal, sexualidade, entre outros aspectos essenciais para prover os direitos básicos de quaisquer cidadãos” (SILVA et al., 2019, *on-line*). Tais medidas são essenciais para retirar essas mulheres dos grupos de pessoas vulneráveis em informação e permitir a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos (SILVA et al., 2019, *on-line*).

Com relação ao apoio jurídico, citado do excerto supra apresentado, consideramos este fundamental para que as mulheres se emancipem dentro da nossa sociedade a partir o conhecimento de seus Direitos. Conforme Ivanete Aparecida da Silva Santos (2015) infere, embora na Constituição de 1988 esteja dito que todas as pessoas são iguais em direitos e deveres, há historicamente uma distinção histórica na garantia de direitos entre povos brancos, negros, indígenas e outros. Não há igualdade de direitos dentro da sociedade brasileira, pois os povos negros sempre foram discriminados quando se trata da efetivação dos seus direitos. Aliado ao discurso da democracia racial, racismo estrutural e branquitude, a população negra foi construída como aquela que é criminoso, ardiloso e infrator dentro do imaginário social da população brasileira (SILVA, 2020). Por conta desse imaginário, atualmente a maior parte da população carcerária é negra (BRASIL, 2018) e a juventude negra é a que se encontra como vítima de armas de fogo e força policial (QUEIROZ, 2015; APP SINDICATO, 2016). Isso se deve, em grande parte, ao preconceito racial incentivado pelos meios de comunicação em massa, dispositivos de controle e discursos promovidos pelos detentores do poder em nosso país (MBEMBE, 2014; SILVA, 2020).

Dessa forma, fomentar o conhecimento dos Direitos Humanos e Civis da população negra é fundamental para que se quebre os ciclos que colocam a população negra em lugar de marginalidade e marginalização dentro da sociedade brasileira. A informação possibilita às

mulheres negras o entendimento de seus direitos constitucionais, assim como aspectos sobre procedimentos jurídicos que envolvem situações de denúncia, violências sofridas por elas e seus familiares, como também por injustiças praticadas por forças policiais, representantes do Estado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nossas considerações iniciais, esta dissertação versou sobre representações sociais acerca da informação a partir das entrevistas com as mulheres negras frequentadoras da Casa de Mulheres da Maré. A construção se deu através de duas seções teóricas, as quais apresentaram sobre a informação para emancipação social de mulheres negras e o contexto da Casa de Mulheres da Maré. Entendemos que esta pesquisa respondeu ao seu objetivo geral, uma vez que foi possível compreender, através do discurso das mulheres negras entrevistadas, as percepções sobre o conceito de informação, as informações obtidas que impactam nas suas realidades e também a importância da Casa das Mulheres da Maré.

Com relação ao primeiro objetivo específico, o qual visava “*Contextualizar o coletivo Casa das Mulheres da Maré, do Rio de Janeiro*”, o mesmo foi atendido quando da escrita da seção primária 2 presente nesta pesquisa, a qual apresenta a Casa, seus projetos e enfoques. Sobre o objetivo específico que enfocava em “*Coletar discursos das mulheres negras frequentadoras da Casa das Mulheres da Maré de modo a manifestar a representação social deste coletivo a respeito da informação e seu uso*”, apresentamos na análise e discussão do DSC que as mulheres utilizam as informações fornecidas pela Casa para conseguirem alterar suas realidades. Em primeiro lugar, as informações obtidas servem para ingressar e atuar no mercado de trabalho, a partir dos cursos, treinamentos e mediação da informação fornecidos pela Casa e realizados pelos profissionais que lá atuam. As ações mediadas pela Casa também são feitas via aulas e rodas de conversas que permitem a essas mulheres aprenderem sobre diversos assuntos, entre eles, questões de gênero, étnico-racial, empreendedorismo, violência contra a mulher, direitos humanos, entre outros. Ainda, os conteúdos aprendidos sobre violência contra a mulher permitiram que as mesmas se tornassem conscientes das relações de poder e entre sexos, bem como das influências do patriarcado em suas vidas, e assim, possibilitaram que enfrentassem situações de violência, denunciassem e buscassem ajuda quando elas aconteceram.

O objetivo específico “*Compreender como o conceito de informação é estabelecido pelas mulheres negras integrantes da Casa das Mulheres da Maré*” foi respondido a partir das percepções das mulheres negras respondentes sobre o que é informação, onde as mesmas consideram que informação é notícia comunicada para alguém via rádio, televisão, redes sociais *on-line* e celular (*WhatsApp*). Esta resposta é preocupante, pois esses meios de comunicação em massa não são fontes confiáveis de informação e podem disseminar

informações falsas e manipuladas, conforme explicitamos. Ademais, as mulheres não indicaram como fontes de informação livros, artigos científicos e demais conteúdos oriundos de pesquisas e também não citaram a biblioteca como um espaço de procura e acesso à informação quando precisam. Não indicaram também o auxílio de profissionais da informação na capacitação dessas mulheres no sentido de as tornarem competentes em informação. Como indicamos na discussão desta pesquisa, a competência em informação pode ser instrumento para ajudar essas mulheres a se tornarem sujeitas de suas próprias vidas a partir da aquisição de habilidades de busca, uso, filtragem e análise das informações que elas obtém através desses meios já citados. Entretanto, não foi possível inferirmos se as mesmas recebem essas informações científicas ou confiáveis via mediação da informação realizada pelas profissionais da Casa, haja vista que não conseguimos retorno da Coordenação para podermos aprofundar as análises.

Embora existam bibliotecas inseridas na Comunidade e nas próprias Redes da Maré, das quais a Casa das Mulheres da Maré faz parte, a falta de ligação entre a biblioteca e mulheres negras é um fator inquietante. Primeiro, porque isso demonstra que a biblioteca precisa ainda se voltar para entender as mulheres negras e suas necessidades de informação. Essas informações, como o DSC apontou, se enfocam principalmente na informação de ordem étnico-racial, jurídica, saúde, social, educacional, psicológica e profissional. Em segundo, porque as bibliotecas necessitam se vincular a espaços que essas mulheres frequentam, como é o caso da Casa das Mulheres da Maré. O questionamento que fica, a partir das reflexões apontadas, é se nesses espaços estão profissionais que entendem as necessidades específicas desse público e se estão conscientes quanto a oferecer serviços e produtos demandados por essas mulheres. Importante lembrar que existe um contexto histórico e social que separa as mulheres negras dos espaços da biblioteca. O entendimento que tenho é de que devemos oferecer além da informação em si mesma: o que se precisa é fazer com que as informações e ações cheguem até elas para que haja a transformação de suas realidades. Nesse sentido, esse contato precisa ser estabelecido primeiramente pelos profissionais da informação e bibliotecários(as) que fazem parte desses espaços com a comunidade estabelecendo parcerias com a própria Casa, e realizando ações que promovam o contato com o livro, a leitura e à informação relevante para esse grupo.

Enquanto ponto positivo, foi importante entender que, mesmo tendo obtido informações mediadas por profissionais da Casa e por fontes de informações informais (nem sempre confiáveis), as mulheres negras conseguiram se conscientizar sobre a estrutura social e

racial na qual estão inseridas. Tal consciência foi elemento que permitiu enfrentarem situações que as colocam em lugares de opressão e exploração. Criaram também autoestima profissional que as possibilitou se inserirem no mercado de trabalho e ganhar confiança para estarem à frente de seus negócios e se tornarem donas do seu próprio dinheiro. Como consequência, se desvinculam de ciclos opressores e de violências vivenciados por elas. Neste sentido, entendo que a Casa ajudou nessa conscientização sobre os direitos das mulheres e no fortalecimento dos pensamentos das mesmas para auxiliar na transformação de suas realidades e em sua emancipação social e dos seus. Ademais, foi possível identificar a construção das relações de afetos com outras mulheres negras e não negras que fortaleceram percepções de mundo a partir de outros olhares e permitiram vivenciar e compartilhar experiências de sororidade.

A partir do discurso dessas mulheres e do referencial teórico trazido nesta pesquisa foi possível perceber também que existe um certo distanciamento sobre o que elas percebem como informação e o que o campo biblioteconômico-informacional aborda. Nesse sentido, pesquisas como esta que foi apresentada precisam ser replicadas, enfatizadas e debatidas na academia para que aconteça uma vinculação entre esses dois mundos (acadêmico e o de mulheres negras) que proporcione relações interseccionais e dialógicas, sempre colocando as mulheres negras como sujeitos de suas próprias vozes.

Como dificuldades da pesquisa encontramos o fato de a mesma ter sido realizada em período de pandemia da Covid-19, o que nos impossibilitou de fazer um trabalho de campo dentro da Casa e acompanhar essas mulheres negras no dia a dia de obtenção de informações cotidianas. Ademais, a falta de resposta da Coordenação da Casa também restringiu o acesso à informação sobre os projetos e demais ações, haja vista que as informações presentes nesta pesquisa partem do discurso das entrevistadas e das informações fornecidas no *site* e mídias sociais da Casa.

Como indicação de pesquisas futuras, esperamos que as mulheres negras sejam cada vez mais sujeitos de pesquisas na Ciência da Informação, em especial, no que concerne à obtenção de informações sobre saúde e violências. Esperamos que esta pesquisa ajude a ampliar o conhecimento sobre as mulheres negras e sua condição enquanto sujeito dentro da Sociedade da Informação.

## REFERÊNCIAS

- AAP SINDICATO. **Juventude negra é vítima da violência**. Curitiba, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/juventude-negra-e-vitima-da-violencia/>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ABATH, R. J.; IRELAND, T. A tecnologia da informação e comunicação e o empoderamento da mulher. *In*: AQUINO, M. A. (Org.). **O Campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2002.
- AGÊNCIA BRASIL. **Saúde lança campanha contra o racismo no SUS**. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-11/saude-lanca-campanha-contra-racismo-no-sus>. Acesso em: 19 maio 2019.
- AGÊNCIA IBGE. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 19 maio 2019.
- ALMEIDA, C. A. de. **O campo da Ciência da Informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil**. 2005. 396 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ALMEIDA, M.; FERNANDES, A. P. A. S.; ARAÚJO, E. C. S.; ALVES, J. F. S.; ARAGÃO, P. C. Gênero e racismo: “cansei de ver minha gente nas estatísticas, das mães solteiras, detentas, diaristas”. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 3., 2018, Campina Grande, PB. **Anais...** Campina Grande: CINTEDI, 2018.
- AQUINO, M. A. A. Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p. 26-37, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/viewFile/1629/1835>. Acesso em: maio 2019.
- AQUINO, M. A. (Org.). **O Campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2002.
- ARAÚJO, A. R. S.; BEZERRA, M. G.; OLIVEIRA, H. P. C. Arquitetura da informação no website geledés: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, v. 3, n. 1, p. 97-112, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41006>. Acesso em: 6 maio 2020.
- ARAÚJO, C. A. Á. A. Ciência da Informação: origem e evolução. *In*: ARAÚJO, C. A. Á. A. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2014. p. 99-151.
- ARAÚJO, C. A. Á. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAÚJO, S. S. S.; MOURA, M. A. Representações sociais sobre informação e conhecimento na educação a distância: um estudo de caso na UFMG. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 79-96, abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p79/21712>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

ARAYA UMAÑA, Sandra. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. **Cuadernos de Ciencias Sociales**, San José, n. 127, out., 2002. Disponível em: <http://www.efamiliarcomunitaria.fcm.unc.edu.ar/libros/Araya%20Uma%F1a%20Representaciones%20sociales.pdf>. Acesso em: dez. 2020.

BARIFOUSE, R. Fetos abortados, microchips e Bill Gates: as mentiras sobre a vacina da covid-19 que já contam por aí. **BBC News Brasil**, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53533697>. Acesso em: 2 mar. 2021.

BARRETO, A. A. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, 1994. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>. Acesso em: abril 2019.

BARRETO, A. A. O tempo e o espaço da sociedade da informação no brasil. **Informação & Informação**, v. 8, n. 1, p. 5-13, 2003. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/33489>. Acesso em: maio 2019.

BARRETO, A. A. A estrutura do texto e a transferência da informação. **DataGramZero**, v. 6, n. 3, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6598>. Acesso em: 14 jan. 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 248 p.

BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/10/16466-50750-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Ribeiro; Pólen, 2019.

BOND, L. Negras são 28% dos brasileiros, mas têm baixa participação política: em 2016, 3,2% das prefeitas eleitas eram mulheres negras. **Agência Brasil**, Brasília, out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/eleicoes-2020/noticia/2020-10/negras-sao-28-dos-brasileiros-mas-tem-baixa-participacao-politica>. Acesso em: 3 mar. 2021.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod\\_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf). Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Sistema carcerário brasileiro: negros e pobres na prisão**. Brasília, 06 ago. 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRITO, R. S.; ESTEVES, L. C.; VENTURA, J. C. S. Mulheres negras não foram feitas para carregar livros: tensionamento e resposta social em rede na feira Pan-amazônica do livro no Pará. **Logeion: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 106-125, 2019. Disponível em: [10.21728/logeion.2019v6n1.p106-125](http://10.21728/logeion.2019v6n1.p106-125). Acesso em: 7 maio 2020.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, v. 18, n. 3, p. 199-214, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/11473>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CADEMARTORI, D. M. L.; MENEZES NETO, E. J. Poder, meios de comunicação de massas e esfera pública na democracia constitucional. **Sequência**, Florianópolis, n. 66, p. 187-212, jul. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217770552013000100008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217770552013000100008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 22 fev. 2021.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CARDOSO, F. C. **A Biblioteca Pública na (re) construção da identidade negra**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10219/1/Diss\\_FrancileneCarmo.pdf](https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10219/1/Diss_FrancileneCarmo.pdf). Acesso em: 1 mar. 2021.

CARNEIRO, A. S. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **NQF**, v. 24, n. 2, 2002. Disponível em: [http://www.unicap.br/neabi/?page\\_id=137](http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137). Acesso em: 20 maio 2019.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 340 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020.

CARNEIRO, S. **Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números**. São Paulo: **Geledés Instituto da Mulher Negra**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/e-BOOK-MULHERES-NEGRAS-e-VIOL%C3%8ANCIA-DOM%C3%89STICA-decodifancando-os-n%C3%BAmeros-isbn.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Brasília: IPEA, 2014.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

COLLINS, P. H. **O pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DIAS, L. C. Desmentindo as fake news sobre vacinas. **UNICAMP: Cultura e Sociedade**, 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/10/13/desmentindo-fake-news-sobre-vacinas>. Acesso em: 3 mar. 2021.

CÔRTEZ, G. R. Violência Doméstica: Centro de Referência da Mulher. **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v. 17, p. 149-168, 2012.

CÔRTEZ, G. R.; LUCIANO, M. C. F.; DIAS, K. C. O. A informação no enfrentamento à violência contra mulheres: Centro de Referência da Mulher “Ednalva Bezerra”: relato de experiência. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. esp. p. 134-151, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/14199>. Acesso em: 4 mar. 2021.

CÔRTEZ, G. R.; ALVES, E. C.; SILVA, L. K. R. da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3028/1050>. Acesso em: 3 jun. 2020.

COSTA, D. Aula 9: Ângela Davis e Lélia Gonzalez e a imbricação entre gênero, classe e raça. **Youtube**, 29 de maio de 2020. 3h18min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=80dks6IIe-I>. Acesso em: 29 maio 2020.

CRENSHAW, K. **A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. São Paulo: Ação Educativa, 2002. Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.

CUNHA, M. Dossiê mulher: quase 70% dos feminicídios são contra mulheres negras. **Catarinas**, [s.l.], 31 ago. 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/dossie-mulher-quase-70-dos-femicidios-sao-contra-mulheres-negras/>. Acesso em: 6 fev. 2021.

DANTAS, C. 71% dos indígenas aldeados da Amazônia não foram vacinados contra Covid, indicam dados do governo. **G1 Bem estar**, [s.l.], 18 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/18/71percent-dos-indigenas-aldeados-da-amazonia-nao-foram-vacinados-contra-covid-indicam-dados-do-governo.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2021.

DANTAS, E. R. F.; GARCIA, J. C. R. Do tradicional ao atual conceito de Responsabilidade Social da Ciência da Informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 3-18, 2013. Disponível em: [https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/arti\\_cle/view/15281](https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/arti_cle/view/15281). Acesso em: 1 mar. 2020.

DAVIS, A. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.

ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIAS/OS NEGRAS/OS E ANTIRRACISTAS. **Sobre**. Florianópolis: UDESC, 2019.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES BRASILEIRA DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES (FEBAB). **Comissões e Gts.** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/etnico>. Acesso em: 1 ago. 2020.

FERNÁNDEZ, A. M. Femicídio: la ferocidade del patriarcado. **Revista Nomadías**, n. 16, p. 47-73, nov. 2012. Disponível em: <https://actascoloquiogiannini.uchile.cl/index.php/NO/article/download/24957/26310/> Acesso em: 1 ago. 2020.

FISCHER, R. M.; NOVELLI, J. G. N. Confiança como fator de redução da vulnerabilidade humana no ambiente de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 2, p. 67-78, abr-jun 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v48n2/v48n2a06.pdf> Acesso em: 1 mar. 2021.

FRANCO, M. **UPP: a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2\\_cb9b1f2357cfc51dafe5fabead0084f2](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_cb9b1f2357cfc51dafe5fabead0084f2). Acesso em: 4 mar. 2021.

GAMA, A. F.; SANTOS, A. R. B. dos; FOFONCA, E. Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia. **Revista Eletrônica Temática**, ano VI, n. 10, out. 2010.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, G. B. Ketty Valêncio e a importância de livrarias especializadas em autoria negra. *In:* SILVA, F. C. G. (Org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia.** Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota). Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf). Acesso em: 15 jun. 2020.

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644#:~:text=Resumo,informa%C3%A7%C3%A3o%20como%20sua%20a%C3%A7%C3%A3o%20central>. Acesso em: 3 mar. 2021.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais bo Brasil: uma breve discussão. *In:* BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: SECAD, 2005. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=16224](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16224). Acesso em: 10 fev. 2021.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. *In:* LUZ, M. T. (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In:* **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos.** Brasília: ANPOCS, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 13 maio 2020.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 18 dez. 2020.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando uma teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, p. 193-210, abril de 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**: aglomerados subnormais, primeiros resultados. Brasília, 2011. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 23 maio 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatística de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). **Atlas da Violência 2018**. Brasília, DF, 5. jun. 2018a. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253). Acesso em: maio 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Jovens e mulheres negras são mais afetados pelo desemprego**. Brasília: Ipea, 31 out. 2018b. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34371](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34371). Acesso em: 15 fev. 2021.

GALTON, F. Natural abilities and the comparative worth of races. *In*: BEENJAMIN JR., L. T. (Org.). **A history of psychology: original sources and contemporary research**. Nova York: McGraw Hill, 1988. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2005000200006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200006). Acesso em: mar. 2021.

G1. Exclusivo: 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros. **G1 Fantástico**, Rio de Janeiro, 21 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/02/21/exclusivo-83percent-dos-presos-injustamente-por-reconhecimento-fotografico-no-brasil-sao-negros.ghtml>. Acesso em: fev. 2021.

HAJE, L. **Mulheres negras são as mais atingidas pelo feminicídio e pela criminalização do aborto**. Câmara dos Deputados, Brasília, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/548218-mulheres-negras-sao-as-mais-atingidas-pelo-femicidio-e-pela-criminalizacao-do-aborto/>. Acesso em: fev. 2021.

HANADA, H. **Os psicólogos e a assistência a mulheres em situação de violência**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

JESUS, A. C. S.; MORAES, I.; MACEDO, L. H. S. A importância da inclusão de obras de escritoras negras nos acervos das bibliotecas públicas municipais do Estado de São Paulo. *In*: SILVA, F. C. G.; LIMA, G. dos S. (Org.). **Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 319-348. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 1 ago. 2020.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

KILOMBA, G. **Memórias de uma plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAZER, D. M.; BAUM, M. A.; BENKLER, Y.; BERINSKY, A. J.; GREENHILL, K. M.; MENCZER, F.; METZGER, M. J.; NYHAN, B.; PENNYCOOK, G.; ROTHSCHILD, D.; SCHUDSON, M.; SLOMAN, S. A.; SUNSTEIN, C. R.; THORSON, E. A.; WATTS, D. J.; ZITTRAIN, J. L. The science of fake news. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do Sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. ed. rev. e ampl. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e soluções comunicativas. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, junho de 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072014000200502&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000200502&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 out. 2020.

LIBÓRIO, B.; CUNHA, A. R. Notícias falsas foram compartilhadas ao menos 3,84 milhões de vezes durante as eleições. **Aos fatos**, 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/noticias-falsas-foram-compartilhadas-ao-menos-384-milhoes-vezes-durante-eleicoes/> Acesso em: 10 mar. 2021.

LIMA, D. B. J. Aprendendo com Carolina Maria de Jesus a enfrentar os preconceitos e as informações e notícias falsas. *In*: SILVA, F. C. G. (Org.). **Mulheres Negras na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha gráfica e Editora Ltda, 2019a. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 11 ago. 2020.

LIMA, G. S. Resistência é o seu nome: representatividade é para nós, alunas (os) negras (os) da Biblioteconomia e Ciência da informação! *In*: BARROSO, D. et al. (Org.). **Epistemologias Negras: relações Raciais na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha gráfica e Editora Ltda, 2019b. p. 35-72. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 19 jul. 2020.

LIMA, T. J. S. **O papel de representações sobre raça e classe social no preconceito e discriminação**. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 2016.

LYON, T. Chame-o do que é: hegemonia branca. **Huffpost**, jan. 2015. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/call-it-what-is-is-white-\\_b\\_6234484](https://www.huffpost.com/entry/call-it-what-is-is-white-_b_6234484). Acesso em: 4 mar. 2021.

MADALENA, C. S.; LAURINDO, K. R. Mulheres negras empreendedoras: um breve estudo. *In: SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. (Org.). O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da informação*. Florianópolis: ACB, 2018. p. 309-331. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponível em: <http://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARQUES, J. F.; ALVES, E. C.; MEDEIROS, J. W. M. Fake news e (des)informação como estratégia política. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. Anais Eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122680>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MASSONI, F. H.; MORIGI, V. J. Ética e teoria das representações sociais: uma discussão a partir da ciência da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 73-85, Set./Fev. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4002/3334>. Acesso em: maio 2019.

MASIERO, André Luís. A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 2, p. 199-206, ago. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2005000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 4 mar. 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2016.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MENDONÇA, M. L. M.; JORDÃO, J. V. P. Nojo de pobre: representações do popular e preconceito de classe. **Contemporânea**, v. 12, n. 1, ago. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/10094>. Acesso em: 26 fev. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MIGNOLO, W. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. **The South Atlantic Quarterly**, v. 101, n. 1, p. 57-95, 2002. Disponível em: [http://www.unice.fr/crookall-cours/iup\\_geopoli/docs/Geopolitics.pdf](http://www.unice.fr/crookall-cours/iup_geopoli/docs/Geopolitics.pdf). Acesso em: 31 jan. 2021.

MORAES, A. C. Jovens negros são presos injustamente através de reconhecimento fotográfico nas delegacias. **O São Gonçalo**, São Gonçalo, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/seguranca-publica/104179/jovens-negros-sao-presos-injustamente-atraves-de-reconhecimento-fotografico-nas-delegacias>. Acesso em: fev. 2021.

MORAES, O. C. R.; MANSO, F. V. (Orgs.). **Dossiê mulher: 2019**. 14. ed. Rio de Janeiro: Instituto Segurança Pública, 2019. (Série Estudos; 2). Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=48>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 403 p.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB*. Rio de Janeiro, 2003. **Anais...** Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>. Acesso em: 26 jan. de 2021.

MUNANGA, K. Relações África-Brasil: O que seria? **Novos olhares sociais**, v. 1, n. 1, p. 6-25, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharsociais/article/view/413>. Acesso em: 4 mar. 2021.

OLIVEIRA, H. P. C. **Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto “A Cor da Cultura”**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, H. P. C.; AQUINO, M. A. O conceito de informação etnicorracial na ciência da informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 466-492, set. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96476>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OLIVEIRA, P. S.; CÔRTEZ, G. R.; LUCIANO, M. C. F.; MOURA, A. P.; ALVES, F. A. C. Informação para enfrentar a violência contra as mulheres negras. *In: SILVA, F. C. G.; LIMA, G. S. (Org.). Bibliotecári@s negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações*. Florianópolis: Rocha gráfica e Editora Ltda, 2019.

OLIVEIRA, R. C. A.; GARCIA, C. C. Marielle, presente! Genocídio juvenil, feminismo e a vida dos negros e negras das favelas do Rio de Janeiro: a luta da vereadora brutalmente assassinada. **Revista latinoamericana de ciencias sociales, Niñez y Juventud, Manizales**, v. 16, n. 2, jul.-dez. 2018.

Organização das Nações Unidas (ONU). **17 objetivos para transformar nosso mundo**. S.l., 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods5/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Glossário de termos do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/06/Glossario-ODS-5.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Resolution adopted by the General Assembly on 18 November 2014: programme of activities for the implementation of the International Decade for People of African Descent**. S.l., 2014. Disponível em:

afro-onu.org/en/events/africandescentdecade/pdf/A.RES.69.16\_IDPAD.pdf. Acesso em: 4 jul. 2020.

PASSOS, I. **Infoeducação como prática colaborativa no processo de empoderamento da mulher negra**. 2018. 58 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/000009/0000093b.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PAZ, E. C. M.; DITTERICH, R. G. O conhecimento das mulheres sobre os métodos contraceptivos no planejamento familiar. **Revista Gestão & Saúde**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-10. 2009.

PENNAFORT, R. É #FAKE que três jovens morreram depois de tomar CoronaVaC. **G1 Fato ou Fake – Coronavírus**, 15 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/09/15/e-fake-que-tres-jovens-morreram-depois-de-tomar-coronavac.ghtml>. Acesso em; 1 mar. 2021.

PORTELA, L. Morte de Miguel expõe o racismo estrutural por trás das desigualdades no Brasil. **Marco Zero Conteúdo**, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://marcozero.org/morte-de-miguel-expoe-o-racismo-estrutural-por-tras-das-desigualdades-no-brasil/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PEREIRA, B. P. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o “lugar” das mulheres negras no pós-abolição. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH-Bergman.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf). Acesso em: 2 mar. 2021.

PEREIRA, C. C. M. **Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua - Maranhão**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7632129](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7632129). Acesso em: 15 jun. 2020.

PINHEIRO, J. W. B. **Alunos na educação a distância: representações sociais de alunos do sistema de educação a distância da Academia Nacional de Polícia**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=533](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=533). Acesso em: maio 2019.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 9, n. 2, jul./dez., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2021.

PIZARRO, D. C. **Ética profissional do bibliotecário atuante no segmento empresarial em Santa Catarina**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2012. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_e4\\_845afbc2b072ef0276edc39e3e8a3](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_e4_845afbc2b072ef0276edc39e3e8a3). Acesso em: 20 out. 2020.

PIZARRO, D. C. **Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_455cfab25483698a0c3d3f2331861735](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_455cfab25483698a0c3d3f2331861735). Acesso em: 21 out. 2020.

QUEIROZ, L. O genocídio da juventude negra no Brasil. **Geledés**, São Paulo, 11 maio 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-genocidio-da-juventude-negra-no-brasil/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000. Disponível em: <https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/228>. Acesso em: 30 jan. 2021.

REDAÇÃO. Trabalho doméstico: mulheres negras são a maioria na categoria e têm os piores salários. **Nós, Mulheres da periferia**, 08 mar. 2015. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/trabalho-domestico-mulheres-negras-sao-a-maioria-na-categoria-e-tem-os-piores-salarios/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

REDE BRASIL ATUAL. Índice de feminicídio aumenta em 2020, e mulheres negras são as principais vítimas. **Redação RDA**, São Paulo, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/09/feminicidio-2020-mulheres-negras/>. Acesso em: fev. 2021.

REDES MARÉ. **Censo populacional da Maré**. Rio de Janeiro, [2014?]. Disponível em: [https://redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare\\_WEB\\_04MAI.pdf](https://redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf). Acesso em: 4 ago. 2019.

REDES MARÉ. **Desenvolvimento territorial: casa das mulheres da Maré**. Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <https://redesdamare.org.br/br/info/36/casa-das-mulheres-da-mare>. Acesso em: 17 fev. 2020.

REDES MARÉ. **Relatório anual 2018 da Redes da Maré**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Relatorio-Anual-Redes-da-Mare-.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

REDES MARÉ. **Desenvolvimento territorial: censo Maré**. Rio de Janeiro. 2020b. Disponível em: <https://redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>. Acesso em: 17 fev. 2020.

REIS, A. S.; SILVA, A. S.; MASSENSINI, R. L. Informação e cidadania: conceitos e saberes necessários à ação. In: MOURA, M. A. (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: UFMG / PROEX, 2011. cap. 1, p. 16-24.

REIS, V. J. S. **A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social**. 2019. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7725173](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7725173). Acesso em: 5 jun. 2020.

RIBEIRO, D. **O pequeno manual antirracista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, L. M. A vida e as lutas de Marielle Franco. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, p. 274-280, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/39439/27898>. Acesso em: maio 2019.

ROMEIRO, N. L. **Vamos fazer um escândalo:** a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a folksonomia como ativismo em oposição a violência sexual no Brasil. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1074>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ROMEIRO, N. L.; SILVA, F. C. G. A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. esp., p. 112-130, 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100007&script=sci_arttext). Acesso em: 10 jul. 2020.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramu, 2007.

SALDANHA, G. S. et al. Quem matou Marielle? Organização do conhecimento e os caminhos do tesouro do mal. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina, 2018. **Anais eletrônicos...** Londrina, 2018. p. 1019-1039. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1014/1411>. Acesso em: jun. 2019.

SANTANA, B.; ALMEIDA, M. A. Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 57-61, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3733>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTO, P. E. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 2, v. 14, p. 317-332, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389/4877>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos(as). **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, jul-dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v6n2/07.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SANTOS, I. A. S. **O peso da cor no acesso aos direitos fundamentais.** 2015. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SANTOS, G. **Relações raciais e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SELO NYOTA. **Catálogo**: livros. [2020]. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. C. P. de O. É preciso estar atento: A ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2011. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_b6dd07a87efb1886693f9daabcd83f47](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_b6dd07a87efb1886693f9daabcd83f47). Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, A. C. E. Bibliotecária educadora: o ensino da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. *In*: BARROSO, D. et al. (Org.). **Epistemologias Negras**: relações Raciais na Biblioteconomia. Florianópolis: Rocha gráfica e Editora Ltda, 2019a. p. 105-138. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 19 jul. 2020.

SILVA, D. M. F. de. Informação étnico-racial: o eco de vozes mulheres que não aceitam o lugar de “Quarto de Despejo”. *In*: BARROSO, D. et al. (Org.). **Epistemologias Negras**: relações Raciais na Biblioteconomia. Florianópolis: Rocha gráfica e Editora Ltda, 2019b. p. 105-138. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 19 jul. 2020.

SILVA, F. C. G. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. *In*: CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil, Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota). Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_ad9118af99b647f982983508c8093589.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_ad9118af99b647f982983508c8093589.pdf). Acesso em: 29 jan. 2021.

SILVA, F. C. G. Clara Stanton Jones e sua contribuição para a Biblioteconomia Negra Americana. *In*: SILVA, F. C. G. (Org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019c. (Selo Nyota). Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf). Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, F. C. G. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, D. M. F. Bibliotecárias negras cearenses: contribuições para a luta antirracista. *In*: SILVA, F. C. G. (Org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019d. (Selo Nyota). Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf). Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, E. S. Censo Maré: criação de uma base para desenvolvimento territorial em um grande conjunto de favelas. *In: SEMINÁRIO URBFAVELAS, 2.*, 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2016/ARQUIVOS/GT1-61-179-20160814222647.pdf>. Acesso em: maio 2019.

SILVA, F. C. G.; GARCEZ, C. D. As mulheres negras e a Sociedade da Informação. *In: SILVA, F. C. G.; LIMA, G. S. (Org.). Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política.* Florianópolis: ACB, 2018a. p. 209-236. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 1 ago. 2020.

SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. Ann Allen Shockley: uma bibliotecária negra e feminista na literatura lésbica e na Biblioteconomia. *In: SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. (Org.). O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação.* Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NIVNF760mcDOWejojDLJJwt1sWzAIIbt/view>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, F. C. G.; ALVES, A. P. M.; LIMA, G. D. S.; GARCEZ, D. C.; SILVA, A. S.; FEVRIER, P. R. A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20.*, 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCIB, UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122519>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SILVA, L. K. R. **Bamidelê**: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2\\_84ca3268c52d1eb2af3da2e01e481abb](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPB-2_84ca3268c52d1eb2af3da2e01e481abb). Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVA, T. P. TICs: resistência das mulheres negras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 67-71, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1433>. Acesso em: 6 ago. 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. [s.l.]: Lebooks, 2019.

STUMPF, K. **Ética em Bibliotecas Universitárias**: Representações expressas no discurso de bibliotecários. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_5d16f3f85ab636d96328ea9900bca408](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_5d16f3f85ab636d96328ea9900bca408). Acesso em: 20 out. 2020.

TEIXEIRA, M. S. S. P.; QUEIROZ, J. M. Corpo em Debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2017, Salvador. Anais...* Salvador, 2017. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID402\\_17072017210303.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf). Acesso em: maio 2019.

TEODOSIO, T. S. J. **Espaço Maré: histórias, trajetórias e desafios**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp079274.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

THIESEN, I. Informação identificatória, memória institucional e conhecimento - Isabel Jacinta da Silva, de cativa à prisioneira na casa de correção da corte. **DataGramZero**, v. 10, n. 3, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6503>. Acesso em: 7 maio 2020.

TOMÁEL, M. I. **Fontes de informação na internet**. Londrina: EDUEL, 2008.

TORRES, L. L. Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário “Homo sapiens 1900” de Peter Cohen. **Ponto Urbe**, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1914#bibliography>. Acesso em: 4 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Trabalho acadêmico: guia fácil para diagramação: formato A5**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/design/GuiaRapido2012.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2019.

VALENTIM, M. L. P. Percepções do valor da informação: a importância da gestão da informação e do conhecimento em ambientes empresariais. In: CERVERÓ, A. C. et al. (Coord.). **Investigación en Información, documentación y sociedad. Perspectivas y tendencias**. Madrid: UCM, 2017. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/49084/7/Libro%20%20Investigaci%C3%B3n%20en%20Informaci%C3%B3n.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

VALENTE, J. C. L. Regulando desinformação e fake news: um panorama internacional das respostas ao problema. **Comunicação Pública**, v. 14, n. 27, dez. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/5262#tocto1n2>. Acesso em: 16 fev. 2021.

VIEIRA, K. Mulheres negras se unem para cuidar da saúde mental: “ser negra é viver em sofrimento psíquico”. **Hypeness**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/09/mulheres-negras-se-unem-para-cuidar-da-saude-mental-ser-negra-e-viver-em-sofrimento-psiquico/#:~:text=Debate-,Mulheres%20negras%20se%20unem%20para%20cuidar%20da%20sa%C3%BAde%20mental%3A%20'Ser,%C3%A9%20viver%20em%20sofrimento%20ps%C3%ADquico'&text=Tempos%20de%20liquidez%20pedem%20an%C3%A1lises,obst%C3%A1culos%20enfrentados%20pelas%20mulheres%20negras>. Acesso em: 19 fev. 2021.

**APÊNDICES****APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO****DADOS PESSOAIS**

Idade: \_\_\_\_\_.

Pertencimento étnico-racial: ( ) Branco ( ) Pardo ( ) Preto ( ) Amarelo ( ) Indígena

Mora com quem?

Você é chefe de família?

Tem filhas (os)? Se sim. Quantos?

**ESCOLARIDADE:**

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) Ensino Superior incompleto

( ) Ensino Superior completo

**OCUPAÇÃO PROFISSIONAL:** \_\_\_\_\_



## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questão 1 – Na sua percepção, o que é informação?

Questão 2 – Comente sobre quais os tipos de informações que você tem acesso na Casa de Mulheres da Maré?

Questão 3 – Como você acha que essas informações que você obtém na Casa de Mulheres da Maré te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?

Questão 4 – Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou para fazer algum comentário.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa intitulada “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INFORMAÇÃO PARA MULHERES NEGRAS DA CASA DAS MULHERES DA MARÉ NO RIO DE JANEIRO”, sob a responsabilidade da pesquisadora Priscila Rufino Fevrier sob orientação do pesquisador Prof. Dr. Rodrigo de Sales e co-orientação da Profa. Dra. Daniella Camara Pizarro. A pesquisa procura compreender as Representações Sociais sobre o significado de informação das mulheres negras da Casa de Mulheres da Maré.

Serão entrevistados mulheres negras que frequentam a Casa de mulheres da Maré, sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas *online* via *Google meet*, *Skype* ou *Appear.In*. Serão previamente marcados a data e horário para a realização das perguntas, utilizando de entrevista semiestruturada que serão gravadas com o auxílio de um gravador de áudio. Não é obrigatório responder a todas as perguntas e o(a) senhor(a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, caso deseje.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos. O participante poderá sentir desconforto físico ao participar da entrevista e/ou um possível pequeno cansaço. Tendo em vista estes riscos, as entrevistas serão realizadas em local apropriado escolhido pelo (a) entrevistado (a), de acordo com o horário disponível do(a) mesmo(a). O local escolhido para a realização das entrevistas será confortável e iluminado, para que o(a) participante possa ficar acomodado e relaxado. Antes do começo da entrevista o(a) participante será informado(a) que poderá desistir a qualquer momento e parar a entrevista quantas vezes forem necessárias.

Se depois de consentir em sua participação, o(a) Senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Priscila Rufino Fevrier por email: [priscila.fevrier@gmail.com](mailto:priscila.fevrier@gmail.com) ou pelo telefone (21) 98676-0681.

## Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: / /

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

APÊNDICE D – CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES

Permito que seja realizada gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “**Representações Sociais sobre informação para Mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio De Janeiro**”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Local e Data

\_\_\_\_\_  
Nome do Sujeito Pesquisado

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Sujeito Pesquisado

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

**Entrevistada 1 – Mulher negra – 09.12.2020**

**Questão 1 - Entrevistadora:** Tá, então, vamos lá. Bom, a primeira pergunta é: Na sua percepção, o que é a informação?

**Entrevistada:** *É, eu acho que nesse sentido... para essa pesquisa, né? Que informação sobre as mulheres que frequentam a Casa das Mulheres, né? É importante... é importante para mostrar para outras pessoas o que a gente faz lá, o que a gente aprende lá.*

**Entrevistadora:** Sim! Pode ficar à vontade para falar, se quiser falar mais coisa... Fica à vontade.

**Entrevistada:** *É, assim, para mim foi de grande... foi muito importante passar pela Casa das Mulheres, aprender... eu ainda... eu ainda, não por conta da pandemia, né? Não tenho frequentado, mas para mim foi de grande importância fazer os cursos, conhecer, saber da história, o que a gente aprende lá, a fortalecer também outras mulheres. É, resumindo é isso. (risos) É extenso isso, sabe?*

**Entrevistadora:** Se quiser falar mais... mais alguma coisa para falar?

**Entrevistada:** *Não, eu acho que se eu for lembrando, eu falo.*

**Questão 2 - Entrevistadora:** Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na Casa de Mulheres da Maré.

**Entrevistada:** *É... apoio jurídico, lá gente tem apoio psicológico... É o que elas ensinam para gente, que as informações que... importante... e ensinam para gente o que é de fato violência contra mulher. Que muitas que até vão fazer o curso, vão fazer qualquer tipo de curso lá, não entendem nem que estão vivendo uma violência ou se já viveram uma violência. Seja doméstica, profissional ou até mesmo na rua, elas não sabem, elas não têm essa “ideia” do que a gente como mulher sofre. E lá, entre uma aula e outra, né? A gente tem a aula de*

*“Mulheridade” que fala sobre a violência territorial, a violência racial, a violência profissional, todo tipo de violência que nós mulheres passamos. Então assim, é muito importante sim, toda essa informação que elas passam para a gente.*

**Entrevistadora:** E essa aula sobre mulheridade... É em todos os cursos? Vocês precisam fazer? Vocês fazem? Como é que funciona? O que mais essa aula trata?

**Entrevistada:** *Então é... Ela, essa é uma aula extra, mas é... não é obrigatória, mas ressalva que tem que fazer essa aula sim, porque mantendo a presença nessas aulas garante os cursos que são de: gastronomia, de cabeleireiro, de bordado... E aí, o que trata nessa aula, fala sobre a violência da polícia quando entra na favela, a violência do corpo, né, que, quando a mulher diz não, é não! E de que forma, né, esse não... de como que a gente pode falar, a quem a gente pode recorrer... É sobre toda essa violência, né, que a gente passa, que a gente convive, e acaba achando que é normal, e que não é.*

**Questão 3 - Entrevistadora:** Entendi... É, como que você acha que essas informações que você obtém na Casa de Mulheres da Maré, te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no teu dia a dia?

**Entrevistada:** *Então... bom... ontem foi de grande importância, porque, ontem... (terça) segunda-feira no caso, ocorreu uma grave violência aqui na vizinhança e eu intervi nisso. Eu pude... eu tive essa consciência de entender que eu tinha que agir de alguma forma, né, uma menina estava prestes a ser violentada, né. O pessoal aqui ajudou, sendo que a minha preocupação maior foi a cabeça dessa criança. E aí, eu lembrei da Casa das Mulheres que lá a gente tem apoio psicológico. E aí, eu recorri, né, a uma consulta, e consegui uma consulta para acompanhar esse processo dessa criança para não normalizar o que aconteceu com ela. Achar que isso é normal... para fortalecer ela, para ensinar ela que ela... se ela tiver confiança em alguém para contar o que está acontecendo com ela, ela conte sem nenhuma vergonha.*

**Entrevistadora:** Entendi... Bom, a última pergunta...Risos!

**Questão 4 - Entrevistadora:** A última pergunta é bem aberta: Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou para fazer algum comentário relacionado ao que a gente falou aqui.

Mais algum ponto que você ache importante falar sobre as informações que você recebe na Casa de Mulheres da Maré, ou algum outro tipo de uso que você teve dessas informações que você recebeu lá...

**Entrevistada:** *Se é importante compartilhar isso?*

**Entrevistadora:** É sim...algum uso que você teve... Aonde você identificou também essas informações que você utilizou, né, conforme você relatou anteriormente...

**Entrevistadora:** *Bom, é no caso, para mim foi de grande importância sobre o curso da Gastronomia né? Porque quando se fala em gastronomia, pensa que é só aqueles pratos caros, aquelas coisas que tem ingredientes que a gente nem tem acesso. Mas por ser uma gastronomia desenvolvida dentro da favela, o que a gente aprende lá, são pratos que você pensa que são caríssimos, mas coisas..., mas elas ensinam a gente tanto a substituir alguns alimentos, reconstruir pratos com coisas que a gente tem acesso. E, assim eu tenho conquistado algumas pessoas com pequenas “pitadas” que eu conheci lá né, pratos que eu conheci, pessoas que eu conheci, amizades também... histórias né, porque lá a gente compartilha as histórias de cada uma... Acho que é isso, é isso... é importante, né, o que a gente aprende lá para usar adiante, e de uma maneira saudável e educativa também, né? E entender que a gente como mulher a gente sim pode transformar o mundo, e não precisa ser lá fora, e sim a partir do lugar, do território que você vive.*

**Entrevistadora:** Quais foram os cursos que você fez lá, sem ser o de gastronomia?

**Entrevistada:** *Eu fiz só de gastronomia..., mas aí eu fiz o... Ah não, não foi só de gastronomia.*

*Eu fiz o básico, a gastronomia básica, a gastronomia avançada e panificação. Eu também participei do buffet, né, o buffet Maré de Sabores que é o que atua em locais... a gente... o buffet, ele exige que... aí, a gente é convidada... algumas alunas, né, dependendo da... do desenvolvimento da aluna em aula, ela é convidada para trabalhar como freelancer, né, no*

*buffet para entender como funciona a área da Gastronomia, tanto no servir quanto na preparação.*

**Entrevistadora:** Legal! É... Bom acho que é isso!! Risos!

Queria agradecer a sua participação, com a gente... Depois da pesquisa eu vou... posso dar um *feedback* para vocês né, da pesquisa pronta. Mas é isso então, muito obrigada, tá.  
[Entrevistada 1]!

**Entrevistada:** *Eu que agradeço!*

Fim da entrevista.

**Entrevistada 2 – Mulher negra – 15.12.2020**

**Questão 1 - Entrevistadora:** Bom, a primeira pergunta é: Na sua percepção, o que é a informação?

**Entrevistada:** [Silêncio - 9 segundos] *Olha, a informação é muito importante. Eu não sei se eu vou saber te responder agora. Posso pular?*

**Entrevistadora:** Pode.

**Entrevistada:** Ok.

**Questão 2 - Entrevistadora:** Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na Casa das Mulheres da Maré?

Não tem uma resposta certa, tá? Fique à vontade para responder.

**Entrevistada:** *Sim. Eu tive acesso a redes sociais. Inclusive, lá aprendi a lidar com elas, tá? Olha, foram tantas coisas que aprendi lá em nível de informação. Foram muitas coisas. Lá, a gente tinha aula abrangendo o lado... É a gente tinha aula de gênero. Eu aprendi muita coisa. Tive muita informação a respeito disso que eu não sabia. Assim, não lidava com isso antes. Eu não tinha informação a respeito disso. Minha... Eu era muito limitada, né, em relação a isso. Éee... aprendi também... tive muitas informações sobre empreendedorismo, é... como eu... se eu quiser montar um negócio meu, né? Aprendi também informação a respeito de rede social, como lidar com elas, né. Foi muito importante para mim. Nessa altura, eu já achava que não precisava aprender mais nada, que tô com 60 anos agora, né. Na verdade, eu conheci a Casa das Mulheres há dois anos, eu estava com 58. Na verdade, tinha muita coisa e tenho ainda para aprender, porque, até inclusive, ... é... vou começar um outro curso lá em janeiro, assim que essa pandemia começar, é...melhorar, né. Foi muito bom.*

**Entrevistadora:** E qual o curso que você vai fazer em janeiro?

**Entrevistada:** *É... panificação.*

**Entrevistadora:** Legal.

**Entrevistada:** *Eu gostaria de fazer Confeitaria, né, mas não deu para mim. Porque quando eu me formei não havia mais, entendeu? Porque eu gostaria muito de seguir nessa... nesse campo, confeitaria. E como eu não tenho condições de pagar um curso. É... Já pesquisei, já vi que é muito caro. Eu gostaria de fazer. De conseguir um curso gratuito, só que não conseguir, não. Mas vou entrar pra panificação que também é bom. E depois quem sabe, né, no futuro.*

**Entrevistadora:** Você já participou das rodas de conversa que tem na Casa?

**Entrevistada:** *Já. Sim. Várias vezes.*

**Entrevistadora:** Das quais que você participou, era sobre o quê?

**Entrevistada:** *Olha, a gente conversamos a respeito de muita coisa. É... A respeito de gênero, a gente conversava muito a respeito disso, porque existe muito preconceito, né. Inclusive no nosso meio, né. Assim, pessoas mais humildes, né, existe muito preconceito. Aprendi muita coisa, nossa. A gente conversava a respeito dos nossos direitos também quanto mulheres, sabe. Dos nossos deveres também quanto sociedade e entre outras coisas. Foi muito gratificante, sabe, as nossas rodas de conversa. Porque eram pessoas de bastante, assim, eu acho, né, qualificadas para isso.*

**Questão 3 - Entrevistadora:** **Você, éee. Como você acha que as informações que você obtém na Casa das Mulheres da Maré te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?**

**Entrevistada:** *Olha, assim, a partir dali, tá, da Casa das Mulheres. Porque, assim, eu sempre cozinhei muito bem, mas... sempre fiz bolo, assim, em casa para família, pro meus filhos e tal. Mas eu nunca tive muita confiança em nada, assim, no que eu faço, tá. Nunca... levei isso pro o lado profissional, porque eu não confiava, isso foi é muito trabalhado comigo, sabe? Para eu confiar no que eu faço, para eu aprender a dar preço, aprender como negociar o meu produto, sabe? Eu aprendi muito. Então, a partir daí, eu comecei a fazer bolos para fora, para algumas pessoas que me pedem, também, assim, eu seleciono porque eu*

*não gosto de fazer pra muita gente. Porque ainda não tenho total confiança, mas, já faço, entendeu? É, eu também consegui um trabalho em meio à pandemia, porque eu já tava muito tempo fora do campo de trabalho, né, porque eu tive que sair do trabalho. Na verdade, eu estudava também e tive que parar de trabalhar, estudar, porque comecei a ter meus netos e fui cuidando, fui criando e abri mão das minhas coisas, dos meus projetos. Só que lá, nossa, eu... eu aprendi a confiar em mim, aprendi a... assim... a saber que eu existo, a pensar em mim um pouco, né, e conseguir um trabalho a partir dali, né. Tô trabalhando inclusive até hoje, graças ali, desde abril. Tenho meu salário.*

*A partir dali, olha, foi muito gratificante, tá, eu ter entrado na Casa das Mulheres, ter conhecido. E outra coisa, tá, mais importante, tá. Ali a gente é abraçada, sabe? E enquanto, temos algumas coisas, alguns problemas... Eu, particularmente, tenho muitos problemas existenciais e familiares, sabe, e ali, é... você sente abraçada, apoiada, sabe? Ali, somos mulheres como você, entendeu? Como eu e são pessoas, sabe? E as professoras parecem que, assim, que foram escolhidas a dedo, sabe, para fazer esse tipo de trabalho com as mulheres que frequentam aquele espaço, entendeu? Então, já tava em produção, eu tenho que entregar essa produção. Então, eu to, assim, meio que às vezes me foge as coisas da mente, entendeu? Eu trabalho em casa, mas também tenho que fazer as coisas em casa. [Wilson! (entrevistada chama seu cachorro)] quer dizer, às vezes me foge alguma coisa da mente, a vontade para acrescentar mais alguma coisa ou de algum comentário sobre entrevista. Se você quiser me fazer alguma pergunta, eu também... fique à vontade, tá bom? Pergunta alguma coisa para gente de boa.*

**Questão 4 - Entrevistadora:** Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou para fazer algum comentário relacionado ao que a gente falou aqui.

**Entrevistada:** *Eu gostei muito de participar da pesquisa. Espero ter ajudado em alguma coisa.*

**Entrevistadora:** Com certeza ajudou. Eu vou dar um feedback para vocês após a pesquisa. Queria agradecer a sua participação, com a gente.

**Entrevistada:** *Nada.*

Fim da entrevista.

**Entrevistada 3 – Mulher negra – 11.01.2021**

**Questão 1 - Entrevistadora:** Tá, então, vamos lá. Bom, a primeira pergunta é: Na sua percepção, o que é a informação?

**Entrevistada:** *Bom, na minha percepção, no meu ponto de vista, Informação, ela... te ajuda a... passar o conhecimento pra pessoa que não tem total informação do assunto, seja ela religiosa, política.... Você ser uma fonte para uma pessoa que não sabe, que não tem conhecimento, que não teve oportunidade de aprender... é tal assunto, e você tá ali representando como se fosse um professor para com o aluno*

**Questão 2 - Entrevistadora:** Certo. Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na casa de mulheres da Maré.

**Entrevistada:** *Então, é o meu período... que eu tive na Casa das Mulheres... na Casa das Mulheres, eu fiz curso de gastronomia e também teve um curso... um curso a parte, junto, que você lá você falava abertamente com outras mulheres. Você escutava em relação a tudo, né, porque cada um teve uma criação diferente, cada um teve uma oportunidade diferente, e era isso que eles passavam. Eles davam conhecimento do curso de gastronomia, mas eles também, eles davam um auxílio [...] à parte de você aprender certas coisas que você nunca foi capaz de conversar com seus amigos e familiares. Lá, você tinha... você tinha liberdade para falar o que você quisesse. E você tava segura, porque era só mulher e não ia sair dali. Você se sentia confortável, amada, que é o que todos nós desejamos, né, como ser humano. Você chegar no ambiente, você ser abraçada, ser amada, você ser você. E lá, a gente era acolhido dessa forma.*

**Entrevistadora:** Sim, e quais eram essas informações que vocês tinham a parte? eram relacionadas sobre o quê?

**Entrevistada:** *Então, era relacionado, é cada semana você abordava um tema diferente. E nesse tema, você, conseqüentemente... você fazia uma dinâmica, uma participação de grupo. A gente falava sobre violência, sobre sexo, falávamos sobre você ser negra também, você ser pobre, morador de comunidade. Mais o quê? A gente ia falando assim, tinha total liberdade*

*para falar do que fosse, porque ou...ou o tema levava a outro e outro e outro, e você tinha liberdade total para falar o que quisesse ali.*

**Questão 3 - Entrevistadora:** Certo. É... Como que você acha que essas informações que você obtém na Casa de Mulheres da Maré, te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?

**Entrevistada:** *Então... É... eu sempre, por exemplo, antes, eu já falava assim... eu tenho total liberdade, eu sou bem tímida, mas, assim, quando é para falar eu falo de boa, apresentar um trabalho e tal. E lá, eu via que muitas mulheres ainda não tinham essa coragem e no passar do tempo... no passar das semanas, você lá, você ia, você se sentia segura para você apresentar um trabalho, sabe? As mulheres se libertavam da timidez, de falar em público, de ficar em pé, de falar mesmo. Bom, eu aprendi isso daqui... vamos fazer essa dinâmica aqui... e tal, você tinha total liberdade para levantar, falar, apresentar um trabalho com toda a timidez, e às vezes não tinha vocabulário 100%, mas a gente levantava, falava o que tinha para falar, a professora... a professora também auxiliava a gente... você tinha total liberdade para isso.*

**Entrevistadora:** E você acha então que essas informações lá, te ajudaram para o seu dia a dia, para resolver os seus problemas que iam surgindo na sua vida?

**Entrevistada:** *Com certeza, porque eu acho que quando a gente está em um ambiente para aprender pode até escapar certos assuntos, pode esquecer... porque são muitas coisas na nossa cabeça. Mas tem coisas que ficam, tem palavras que a professora usou que fica. Fica lá martelando. Como... assim como eu aprendi quando era mais nova no Jardim de Infância, lá é a mesma coisa. Que levamos para o dia a dia que podemos ser mulheres libertas, mulheres que têm total liberdade. Às vezes, a gente se prende sim, por ainda estarmos numa sociedade muito machista, que não nos reconhece como mulher é... dentro da sociedade. Mas lá, lá você tinha a liberdade de você agir como você quisesse. Não, eu sou uma mulher, mas eu também posso ser uma delegada, sabe? É dessas atitudes que você tira forças olhando para outras mulheres a vencer mesmo. Ah! não só o homem pode fazer isso. Não, a mulher também pode. A mulher também tem um espaço dela, a mulher também consegue. A mulher não é uma mulher que só tem que ficar em casa, cuidando dos filhos, na cozinhando. Não! A mulher*

*também tem que estar na delegacia, a mulher também tem que estar na rua, como uma policial, é... não tem essa igualdade. Lá, ela ensinou muito, que nós somos mulheres maduras, nós conseguimos... é... e não tem essa de ah! vão nos julgar, não. A gente tem que passar pelo preconceito, eu sei que é difícil, falar é muito fácil, chegar para você e falar, falar, e falar. Falar é muito fácil, mas a gente tem que pôr em prática... em prática!*

**Entrevistadora:** Você trabalha hoje em dia com algum curso do que você fez lá?

**Entrevistada:** *Não, não trabalho em nenhum curso. Eu já procurei emprego na área, né, que eu terminei o curso de gastronomia, mas ainda não consegui. Atualmente, eu não trabalho em área nenhuma, minha última experiência foi como auxiliar de loja, mas a minha experiência mesmo na carteira é como auxiliar administrativo.*

**Questão 4 - Entrevistadora:** Certo, bom... Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou para fazer algum comentário.

**Entrevistada:** *Não, assim, eu gostei muito, por mais que assim, a gente... é... a nossa agenda meio que não bateu, e tal. Mas eu queria participar dessa entrevista, eu gosto de conversar, eu gosto de dar minha opinião, eu gosto de participar de palestra, eu gosto de coisas que agregam meu conhecimento. Eu gosto de ir a museus... Assim, a minha situação atual, eu não estou trabalhando, eu estou dentro de casa, terminei agora, né, como falei com você que até eles mandaram mensagem, terminei agora o último trabalho, como auxiliar de loja, foi uma nova experiência, porque eu nunca trabalhei nessa área. Foi um desafio, né? Eu praticamente me joguei e fui. E assim, foi uma boa experiência, mas, assim, quando a gente tem objetivos, por mais difícil que seja, a gente luta, e eu creio eu vou conseguir um novo trabalho na área que eu goste, com o salário “maneiro”. Isso é só questão de tempo. A pandemia, ela veio também para nos ajudar em questão abriremos nossos olhos a vermos que a gente tava muito acomodada, em certas coisas, em relação a tudo, a estudo, amizade, a tudo. E a pandemia, ela trouxe muitos males para a vida de muita gente, mas também trouxe muito o acordar na vida de muitas pessoas que estavam acomodadas. E isso eu digo de mim mesma, que às vezes a gente para no tempo, não evolui, e assim eu quero avançar e vamos aí, estamos aí para tudo que der. Eu até recebi outro convite para... trabalhar. Não... para fazer outro curso, só que quando a professora me mandou mensagem, que é uma das responsáveis*

*da Casa das Mulheres, ela me mandou mensagem convidando para fazer outro curso só que não daria para mim, porque eu tava trabalhando nesse outro trabalho como auxiliar de loja, e não tinha como conciliar. Mas tá tudo bem, vai surgir outra oportunidade. Eu falei com ela que eu estava priorizando os meus estudos, em conseguir um trabalho. Por que eu no momento não estou trabalhando, meu pai também não. Então, as prioridades mudam, eu sei que a gente tem que estudar, fazer curso, mas também a gente tem que trabalhar, né? Porque, infelizmente a minha vida é outra, a minha vida é ter que ajudar dentro de casa, eu sou uma adolescente... eu sou uma mulher, né, 21 anos. Que precisa ajudar dentro de casa com as compras, tudo mais. E, assim tem... isso me incomoda por estar passando por esse momento, mas, assim, a gente tem que sempre pensar positivo, se a gente não pensar positivo, é... nada vai dar certo. Uma coisa que eu aprendi também é que se não tiver... minha cabeça não estiver bem, eu dentro... não tiver bem, nada envolta vai estar bem. Eu também não vou fluir em outros trabalhos, eu acho que uma coisa que eu aprendi é que eu tenho que cuidar de mim também, antes de qualquer outra coisa.*

**Entrevistadora:** Certo. É... perai que eu vou só mexer aqui... Tá.

Óh, então, eu queria muito te agradecer pela sua participação, rs. É uma entrevista rápida, mas ela é de grande significado para minha pesquisa. É... após terminar as análises e terminar a dissertação, eu vou dar um *feedback* para vocês também, se vocês quiserem sobre a pesquisa. A minha ideia na verdade era ter ido aí, mais perto de você, pra fazer assim bem de pertinho a entrevista, mas por conta da pandemia não foi...não foi possível...

**Entrevistada:** *Eu espero ter ajudado... Com certeza... Com certeza.*

*Você mora onde?*

Fim da entrevista.

**Entrevistada 4 – Mulher negra – 03.02.2021**

**Questão 1 - Entrevistadora:** Bom, [Entrevistada 4], na sua percepção, o que é a informação?

**Entrevistada:** *Informação? Informação é as notícias que chegam para gente através de televisão, rádio, celular, notícia redes sociais... para mim são informações.*

**Entrevistadora:** Certo... mais alguma coisa a acrescentar?

**Entrevistada:** Não!

**Questão 2 - Entrevistadora:** É... Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na casa de mulheres da Maré.

**Entrevistada:** *Na Casa das Mulheres da Maré? na Casa das Mulheres, a gente tinha... Quer dizer, nem todo mundo tinha acesso à internet, tinha também informações com as aulas que a gente tinha, que a gente tinha muitas informações como a aula que chamava... aí eu esqueci o nome da aula. A gente tinha de gastro[nomia] e tinha outra aula que era com assistente social também, que ela passava muitas informações pra gente e... muitos vídeos que a gente assistia, entendeu? são... eram os tipos de informações que a gente tinha por lá. (inaudível)*

**Entrevistadora:** Certo. É... Quais eram os tipos de informação que vocês tinham pela assistente social, pelos vídeos?

**Entrevistada:** *Óh, pelos vídeos era na aula que a gente fazia com a menina chamada [nome da assistente social], que aí ela passava para gente os direitos da mulher, violência contra mulher, racismo, preconceito... Eram os tipos de assuntos que ela abordava com a gente sempre, drogas... tudo isso. Entendeu? Uma aula muito boazinha a dela, gostava mais da aula dela do que da de culinária em si. Muito boa mesmo, muito bom. Pena que acaba... pena que está parado.*

**Questão 3 - Entrevistadora:** Sim né...Como você acha que essas informações que você obtém na Casa das Mulheres da Maré da Maré, te ajudam nas suas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?

**Entrevistada:** *Olha, tinha muita coisa assim que eu era leiga, muita coisa mesmo. Até o fato de eu me expressar com as pessoas, eu era muito assim, fechada, melhorei muito nesse aspecto. Saber abordar as pessoas também, comecei, até por essas informações que nós tivemos lá eu comecei num... nuns “negocinhos” que eu não fazia, comecei a produzir bolo, comecei a fazer roupa, oferecer... minha filha fez uma lojinha para mim no Instagram. Quer dizer, para mim foi bem, foi bom, pra mim foi muito bom, foi bom.*

**Entrevistadora:** Você tinha acesso também às questões de mercado do trabalho? a questão da saúde da mulher? E como era esse acesso a essas informações, sobre mercado de trabalho, saúde da mulher?

**Entrevistada:** *Sim, tudo isso. Mercado de trabalho era na aula da [professora X] que agora... tô... tô em branco. A aula da [professora X] falava muito no mercado de trabalho, como agente se portar, quem trabalhava por conta própria, tudo isso... ela ensinava fazer conta - é você vai cobrar tanto se gastar tanto - e era assim, e o mercado de trabalho... e até hoje ela manda informações para gente no grupo que tem no Zap [Whatsapp] quem quiser fazer um currículo, quem quiser fazer uma inscrição... tudo isso.*

**Entrevistadora:** Sobre a saúde da mulher vocês também tinham informações?

**Entrevistada:** *É... tínhamos informações, sim, tivemos uma aula com a [professora Y], acho que foi umas duas aulas que nós tivemos com ela foi sobre saúde da mulher, sobre a vida sexual, violência sexual, tudo isso. É... Distribuíam também preservativo para gente, tanto feminino quanto o masculino. Tentavam de alguma forma, se alguém tivesse uma emergência conseguir uma vaga de postinho quando a gente não conseguia, elas tentavam fazer por onde a gente conseguir... e assim andava sempre tentando ajudar a gente.*

**Questão 4 - Entrevistadora:** Bom, agora fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos ou para fazer algum comentário sobre todo o seu

**processo na Casa das Mulheres da Maré, o que você realmente achou de importante lá das informações que recebeu, dos cursos...**

**Entrevistada:** *Olha, quando eu entrei lá... eu entrei mais por... em busca de uma válvula de escape. Que no meu caso eu cuidava da minha mãe... minha mãe faleceu, vai fazer...tem dois meses que faleceu, e aí eu cuidava dela sete dias por semana 30 dias por mês. E aí quer dizer, aquilo ali me sobrecarregava, eu tinha minha mãe, tenho minha casa, tenho meu marido, tem minha filha... e me deixava mais aborrecida ainda essa situação porque eu tinha mais nove irmãos... aí eu via que a responsabilidade estava toda em cima de mim. Eu não achava aquilo justo! E aí, eu me sentia assim, sobrecarregada e eu começava a ficar de mal humor, e aí brigava, discutia, era impaciente...e aí eu fui atrás, dei meu jeito, botei minha filha para ficar com a minha mãe, falei assim: Óh, se você vai ficar com ela enquanto eu faço curso... Foi quando deu uma melhorada, conversei com a psicóloga da casa comecei a ter... fazer amizade coisa que eu não tinha. Foi assim que eu melhorei muito, comecei também consegui trabalhar no buffet, também foi muito bom para mim... ó o que eu tenho a dizer a Casa das Mulheres da Maré é que só me beneficiou! Não tenho nada a dizer, tanto é que todo dia eu venho da academia, eu passo por lá para beijar as meninas, abraçar, até hoje eu tô por lá, entendeu... só me beneficiou mesmo, não tenho nada de negativo para falar, nada entendeu? Até a psicóloga de lá me mandou mensagem esses dias...porquê de novembro... novembro... novembro não foi um mês bom, perdi minha mãe, com 14 dias depois perdi meu irmão... para covid, quer dizer, foi complicado. E aí ela pediu para eu ir lá, e acabou que eu não fui... acabou que eu não fui porque aí eu entrei nessa lojinha do Instagram, e não tive tempo, tô sem tempo. Tô costurando, costurando... costuro, faço bolo e assim vai... E tudo coisa que... quer dizer, costura eu aprendi com a minha mãe, bolo eu aprendi na Casa das Mulheres da Maré que foi um meiozinho de renda que eu arrumei... então quer dizer, de todas as formas eu só saí de lá beneficiada... Fora as amizades... risos, muito bom, muito bom.*

**Entrevistadora:** Ah sim, né... então, tá [entrevistada 4], foram só essas perguntas, mesmo.

Fim da entrevista.

## APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO – IAD 1

## Questão 1 - Na sua percepção, o que é a informação?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>É, eu acho que nesse sentido... para essa pesquisa, né? <u>Que informação sobre as mulheres que frequentam a Casa das Mulheres, né? É importante...é importante para mostrar para outras pessoas o que a gente faz lá, o que a gente aprende lá.</u></i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i>[...] É assim, para mim foi de grande... <u>foi muito importante passar pela Casa das Mulheres, aprender... eu ainda... eu ainda, não por conta da pandemia, né? Não tenho frequentado, mas para mim foi de grande importância fazer os cursos, conhecer, saber da história, o que a gente aprende lá, a fortalecer também outras mulheres.</u></i></p>	<p>A informação sobre a Casa das Mulheres da Maré é importante para mostrar a outras pessoas sobre o que se faz e aprende no projeto.</p> <p>A Casa fornece cursos, permite conhecer e saber da história e se aprende a fortalecer outras mulheres.</p>
E2	<p><i>Olha, <u>a informação é muito importante.</u> Eu não sei se eu vou saber te responder agora. Posso pular?</i></p>	<p>A informação é importante.</p>
E3	<p><i>Bom, na minha percepção, no meu ponto de vista, <u>Informação, ela... te ajuda a... passar o conhecimento pra pessoa que não tem total informação do assunto, seja ela religiosa, política.... Você ser uma fonte para uma pessoa que não sabe, que não tem conhecimento, que não teve oportunidade de aprender... é tal assunto, e você tá ali representando como se fosse um professor para com o aluno.</u></i></p>	<p>Informação auxilia na transmissão do conhecimento para outras pessoas que não possuem informação sobre determinado assunto, seja ela informação de ordem religiosa, política, entre outras.</p>
E4	<p><i>Informação? <u>Informação é as notícias que chegam para gente através de televisão, rádio, celular, notícia em redes sociais... para mim são informações.</u></i></p>	<p>Informação são notícias transmitidas por intermédio da televisão, rádio, celular, redes sociais (online).</p>

**Questão 2 – Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na Casa de Mulheres da Maré.**

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>É... apoio jurídico, lá gente tem apoio psicológico... É o que elas ensinam para gente, que as informações que... importante... e ensinam para gente o que é de fato violência contra mulher. Que muitas, que até vão fazer o curso, vão fazer qualquer tipo de curso lá, não entendem nem que estão vivendo uma violência ou se já viveram uma violência, seja doméstica, profissional ou até mesmo na rua, elas não sabem, elas não têm essa “ideia” do que a gente como mulher sofre.</i></p> <p><i>E lá, entre uma aula e outra, né? A gente tem a aula de “Mulheridade” que fala sobre a violência territorial, a violência racial, a violência profissional, todo tipo de violência que nós mulheres passamos. Então assim, é muito importante sim, toda essa informação que elas passam para a gente.</i></p> <p>[...]</p> <p>[...] Então é... Ela, essa é uma aula extra, mas é... não é obrigatória, mas ressalva que tem que fazer essa aula sim porque, mantendo a presença nessas aulas garante os cursos que são de: gastronomia, de cabeleireiro, de bordado...</p> <p><i>E aí, o que trata nessa aula, fala sobre a violência da polícia quando entra na favela, a violência do corpo né? que, quando a mulher diz não, é não! E de que forma né, esse não... de como que a gente pode falar, a quem a gente pode recorrer...É sobre toda essa violência, né, que a gente passa, que a gente convive, e acaba achando que é normal, e que não é.</i></p>	<p>Acesso a apoio jurídico e psicológico.</p> <p>Informação sobre violência contra mulher e seus tipos, como violência doméstica, profissional, territorial, racial, policial e cotidiana pelo fato de ser mulher.</p> <p>Entre uma atividade e outra há uma aula sobre Mulheridade, na qual se aprende sobre informação e violência, assim como opções de denúncias e jurídicas.</p>
E2	<p>[...] Olha, foram tantas coisas que aprendi lá em nível de informação. Foram muitas</p>	<p>Tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, identidade étnico-racial (ser</p>

<p><i>coisas. Lá, a gente tinha aula abrangendo o lado... É a gente tinha aula de gênero. Eu aprendi muita coisa. <u>Tive muita informação a respeito disso que eu não sabia.</u> Assim, não lidava com isso antes. Eu não tinha informação a respeito disso. Minha... Eu era muito limitada, né, em relação a isso.</i></p> <p><i>Éee... <u>aprendi também.... tive muitas informações sobre empreendedorismo, é... como eu... se eu quiser montar um negócio meu, né? Aprendi também informação a respeito de rede social, como lidar com elas, né.</u> Foi muito importante para mim. Nessa altura, eu já achava que não precisava aprender mais nada, que tô com 60 anos agora, né. Na verdade, eu conheci a Casa das Mulheres há dois anos, eu estava com 58. Na verdade, tinha muita coisa e tenho ainda para aprender, porque, até inclusive,... é... vou começar um outro curso lá em janeiro, assim que essa pandemia começar, é...melhorar, né. Foi muito bom.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>[...] Eu gostaria de fazer Confeitaria, né, mas não deu para mim. Porque quando eu me formei não havia mais, entendeu? Porque eu gostaria muito de seguir nessa... nesse campo, confeitaria. E como eu não tenho condições de pagar um curso. É... Já pesquisei, já vi que é muito caro. Eu gostaria de fazer. De conseguir um curso gratuito, só que não conseguir, não. Mas vou entrar pra panificação que também é bom. E depois quem sabe, né, no futuro.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>[...] Já. Sim. Várias vezes.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>[...] Olha a gente conversamos a respeito de muita coisa. É... <u>A respeito de gênero, a</u></i></p>	<p>negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial, racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres.</p> <p>Existem oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria.</p> <p>São oferecidas também rodas de conversas que propõem diversos debates sobre variados assuntos.</p>
--	---

	<p><i>gente conversava muito a respeito disso, porque existe muito preconceito né. Inclusive no nosso meio, né. Assim pessoas mais humildes, né, existe muito preconceito. Aprendi muita coisa, nossa. A gente conversava a respeito dos nossos direitos também quanto mulheres, sabe. Dos nossos deveres também quanto sociedade e entre outras coisas.</i></p> <p><i>Foi muito gratificante sabe. As nossas rodas de conversa. Porque eram pessoas de bastante, assim, eu acho, né. qualificada para isso.</i></p>	
E3	<p><i>Então, é o meu período... que eu tive na Casa das Mulheres... na Casa das Mulheres Eu fiz curso de gastronomia e também teve um curso... um curso a parte, junto, que você lá você falava abertamente com outras mulheres. Você escutava em relação a tudo, né, porque cada um teve uma criação diferente, cada um teve uma oportunidade diferente, e era isso que eles passavam. Eles davam conhecimento do curso de gastronomia, mas eles também, eles davam um auxílio [...] à parte de você aprender certas coisas que você nunca foi capaz de conversar com seus amigos e familiares. Lá, você tinha... você tinha liberdade para falar o que você quisesse. E você tava segura, porque era só mulher e não ia sair dali. Você se sentia confortável, amada, que é o que todos nós desejamos, né, como ser humano. Você chegar no ambiente, você ser abraçada, ser amada, você ser você. E lá, a gente era acolhido dessa forma.</i></p> <p>[...]</p> <p>[...] Então, era relacionado, é cada semana você abordava um tema diferente. E nesse tema, você, conseqüentemente... você fazia uma dinâmica, uma participação de grupo. A gente falava sobre violência, sobre sexo, falávamos sobre você ser negra também, você ser pobre, morador de comunidade. Mais o quê? A gente ia falando assim, tinha total liberdade para falar do que fosse, porque ou...ou o tema levava a outro e outro e outro, e você tinha liberdade total para falar o que quisesse ali.</p>	<p>Existem oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria.</p> <p>Tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, sobre identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial e racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres.</p>
E4	<p><i>Na Casa das Mulheres da Maré? na Casa das Mulheres a gente tinha... Quer dizer,</i></p>	<p>As informações vinham através da</p>

	<p><i>nem todo mundo tinha acesso à internet, tinha também informações com as aulas que a gente tinha, que a gente tinha muitas informações como a aula que chamava... aí eu esqueci o nome da aula. <u>A gente tinha de gastro[nomia] e tinha outra aula que era com assistente social também, que ela passava muitas informações pra gente e... muitos vídeos que a gente assistia, entendeu? são... eram os tipos de informações que a gente tinha por lá. (inaudível)</u></i></p> <p>[...]</p> <p><i>[...] Óh, pelos vídeos era na aula que a gente fazia com a menina chamada [nome da assistente social], que aí ela passava <u>para gente os direitos da mulher, violência contra mulher, racismo, preconceito... Eram os tipos de assuntos que ela abordava com a gente sempre, drogas... tudo isso. Entendeu? Uma aula muito boazinha a dela, gostava mais da aula dela do que da de culinária em si. Muito boa mesmo, muito bom. Pena que acaba... pena que está parado.</u></i></p>	<p>internet, aulas e vídeos, assim como obtidas através de profissionais como professores e assistentes sociais.</p> <p>Tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, sobre identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial e racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres.</p>
--	--	--

**Questão 3 - Como você acha que essas informações que você obtém na Casa de Mulheres da Maré te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?**

Ent revistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Então... bom... ontem foi de grande importância, porque [...] segunda-feira no caso, ocorreu uma grave violência aqui na vizinhança e eu intervi nisso.</i></p> <p><i>Eu pude... eu tive essa consciência de entender que eu tinha que agir de alguma forma, né, uma menina estava prestes a ser violentada, né. O pessoal aqui ajudou, sendo que a minha preocupação maior foi a cabeça dessa criança. E aí, eu lembrei da Casa das Mulheres que lá a gente tem apoio psicológico. E aí, eu recorri, né, a uma consulta, e consegui uma consulta para acompanhar esse processo dessa criança para não normalizar o que aconteceu com ela. Achar que isso é normal... para fortalecer ela, para ensinar ela que ela... se ela tiver confiança em alguém para contar o que está acontecendo com ela, ela conte sem nenhuma vergonha.</i></p>	<p>Autoconscientização das violências sofridas pelas mulheres, inclusive as informações obtidas ajudaram a intervir no caso de presenciar uma violência.</p> <p>Permite que busque apoio psicológico para as vítimas de violências e as auxiliem a enfrentar os traumas sofridos e a não normalizar essas situações.</p>
E2	<p><i>Olha, assim, a partir dali, tá, da Casa das Mulheres. Porque, assim, eu sempre cozinhei muito bem, mas... sempre fiz bolo, assim, em casa para família, pro meus filhos e tal. Mas eu nunca tive muita confiança em nada, assim, no que eu faço, tá. Nunca... levei isso pro o lado profissional, porque eu não confiava, isso foi é muito trabalhado comigo, sabe? Para eu confiar no que eu faço, para eu aprender a dar preço, aprender como negociar o meu produto, sabe? Eu aprendi muito. Então, a partir daí, eu comecei a fazer bolos para fora, para algumas pessoas que me pedem, também, assim, eu seleciono porque eu não gosto de fazer pra muita gente. Porque ainda não tenho total confiança, mas, já faço, entendeu? É, eu também consegui um trabalho em meio à pandemia, porque eu já tava muito tempo fora do campo de trabalho, né, porque eu tive que sair do trabalho. Na verdade, eu estudava também e tive que parar de trabalhar, estudar, porque comecei a ter meus netos e fui cuidando, fui criando e abri mão das</i></p>	<p>As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira.</p> <p>Por intermédio das informações obtidas na Casa foi possível conseguir um trabalho assalariado.</p> <p>Além das informações as</p>

	<p><i>minhas coisas, dos meus projetos. Só que lá, nossa, eu... eu aprendi a confiar em mim, aprendi a... assim... a saber que eu existo, a pensar em mim um pouco, né, e <u>conseguir um trabalho a partir dali, né. Tô trabalhando inclusive até hoje, graças ali, desde abril. Tenho meu salário. A partir dali, olha, foi muito gratificante, tá, eu ter entrado na Casa das Mulheres, ter conhecido. E outra coisa, tá, mais importante, tá. Ali a gente é abraçada, sabe? E enquanto, temos algumas coisas, alguns problemas... Eu, particularmente, tenho muitos problemas existenciais e familiares, sabe, e ali, é...você sente abraçada, apoiada, sabe? Ali, somos mulheres como você, entendeu? Como eu e são pessoas, sabe? E as professoras parecem que, assim, que foram escolhidas a dedo, sabe, para fazer esse tipo de trabalho com as mulheres que frequentam aquele espaço, entendeu?</u></i></p>	<p>profissionais contratadas, oferecem afeto e auxílio na resolução de problemas pessoais, existenciais e familiares.</p>
E3	<p><i>Então... É... eu sempre, por exemplo, antes, eu já falava assim... eu tenho total liberdade, eu sou bem tímida, mas, assim, quando é para falar eu falo de boa, apresentar um trabalho e tal. E lá eu via que muitas mulheres ainda não tinham essa coragem e no passar do tempo... no passar das semanas, você lá, você ia, você se sentia segura para você apresentar um trabalho, sabe? <u>As mulheres se libertavam da timidez, de falar em público, de ficar em pé, de falar mesmo. Bom, eu aprendi isso daqui... vamos fazer essa dinâmica aqui... e tal, você tinha total liberdade para levantar, falar, apresentar um trabalho com toda a timidez, e às vezes não tinha vocabulário 100%, mas a gente levantava, falava o que tinha para falar, a professora... a professora também auxiliava a gente... você tinha total liberdade para isso.</u></i></p> <p>[...]</p> <p><i>[...] Com certeza, porque eu acho que, quando a gente está em um ambiente para aprender, pode até escapar certos assuntos, pode esquecer... porque são muitas coisas na nossa cabeça. Mas tem coisas que ficam, tem palavras que a professora usou que fica. Fica lá martelando. Como... assim como eu aprendi quando era mais nova no Jardim de Infância, lá é a mesma coisa. <u>Que levamos para o dia a dia, que podemos ser mulheres libertas, mulheres que têm total liberdade. Às vezes, a gente se prende sim, por ainda estarmos numa sociedade muito machista,</u></i></p>	<p>As informações permitiram com que as mulheres conseguissem se empoderar, superar a timidez, obter confiança e voz para vencer as opressões.</p> <p>A Casa permite, por intermédio de suas ações, total liberdade para as mulheres aprenderem e se expressarem.</p> <p>O sentimento de liberdade é incitado nas mulheres que aprendem que podem ser de qualquer profissão e não somente se ater aos moldes da sociedade machista e</p>

	<p><u>que não nos reconhece como mulher é... dentro da sociedade. Mas lá, lá você tinha a liberdade de você agir como você quisesse. Não, eu sou uma mulher, mas eu também posso ser uma delegada, sabe? É dessas atitudes que você tira forças olhando para outras mulheres a vencer mesmo. Ah! não só o homem pode fazer isso. Não, a mulher também pode. A mulher também tem um espaço dela, a mulher também consegue. A mulher não é uma mulher que só tem que ficar em casa, cuidando dos filhos, na cozinando. Não! A mulher também tem que estar na delegacia, a mulher também tem que estar na rua, como uma policial, é... não tem essa igualdade. Lá, ela ensinou muito, que nós somos mulheres maduras, nós conseguimos... é... e não tem essa de ah! vão nos julgar, não. A gente tem que passar pelo preconceito, eu sei que é difícil, falar é muito fácil, chegar para você e falar, falar, e falar. Falar é muito fácil, mas a gente tem que pôr em prática... em prática!</u></p>	<p>patriarcal.</p> <p>Se conscientizam que sofrerão preconceitos, mas que precisam colocar em prática seus aprendizados.</p>
E4	<p><u>Olha, tinha muita coisa assim que eu era leiga, muita coisa mesmo. Até o fato de eu me expressar com as pessoas, eu era muito assim, fechada, melhorei muito nesse aspecto. Saber abordar as pessoas também, comecei, até por essas informações que nós tivemos lá eu comecei num... nuns “negocinhos” que eu não fazia, comecei a produzir bolo, comecei a fazer roupa, oferecer... minha filha fez uma lojinha para mim no Instagram. Quer dizer, para mim foi bem, foi bom, pra mim foi muito bom, foi bom.</u></p> <p>[...]</p> <p><u>[...] Mercado de trabalho era na aula da [professora X] que agora... tô... tô em branco. A aula da [professora X] falava muito no mercado de trabalho, como agente se portar, quem trabalhava por conta própria, tudo isso... ela ensinava fazer conta - é você vai cobrar tanto se gastar tanto - e era assim, e o mercado de trabalho... e até hoje ela manda informações para gente no grupo que tem no Zap [Whatsapp] quem quiser fazer um currículo, quem quiser fazer uma inscrição... tudo isso.</u></p> <p>[...]</p>	<p>As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira.</p> <p>As informações permitiram com que as mulheres conseguissem se empoderar, superar a timidez, obter confiança e voz para vencer as opressões.</p> <p>Obteve aprendizado sobre o mercado de trabalho e informações sobre comportamento profissional, elaboração de currículo e</p>

	<p><i>[...] É... tínhamos informações, sim, tivemos uma <u>aula com a [professora Y], acho que foi umas duas aulas que nós tivermos com ela foi sobre saúde da mulher, sobre a vida sexual, violência sexual, tudo isso. É... Distribuíam também preservativo para gente, tanto feminino quanto o masculino. Tentavam de alguma forma, se alguém tivesse uma emergência conseguir uma vaga de postinho quando a gente não conseguia, elas tentavam fazer por onde a gente conseguir... e assim andava sempre tentando ajudar a gente.</u></i></p>	<p>inscrições em vagas.</p> <p>Além de aprender sobre métodos contraceptivos, realizavam-se aula sobre saúde da mulher e vida sexual.</p>
--	---	---

**Questão 4 - Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos ou para fazer algum comentário.**

Ent revistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>E, assim, eu tenho conquistado algumas pessoas com pequenas “pitadas” que eu conheci lá, né, pratos que eu conheci, pessoas que eu conheci, amizades também... histórias, né, porque lá a gente compartilha as histórias de cada uma... Acho que é isso, é isso... <u>é importante, né, o que a gente aprende lá para usar adiante, e de uma maneira saudável e educativa também, né?</u></i></p> <p><i><u>E entender que a gente como mulher... a gente, sim, pode transformar o mundo, e não precisa ser lá fora, e sim a partir do lugar, do território que você vive.</u></i></p>	<p>As mulheres passam a estabelecer redes de sociabilidades e laços afetivos com as outras integrantes da Casa e fora dela. Isso auxilia a transformar a sua realidade social e das pessoas que vivem na mesma comunidade.</p>
E2	<p><i>Eu gostei muito de participar da pesquisa. Espero ter ajudado em alguma coisa.</i></p>	<p>NC</p>
E3	<p><i>Mas eu queria participar dessa entrevista, <u>eu gosto de conversar, eu gosto de dar minha opinião, eu gosto de participar de palestra, eu gosto de coisas que agregam meu conhecimento. Eu gosto de ir a museus...</u></i></p> <p><i>[...]</i></p> <p><i><u>A pandemia, ela veio também para nos ajudar em questão abriremos nossos olhos a vermos que a gente tava muito acomodada, em certas coisas, em relação a tudo, a estudo, amizade, a tudo. E a pandemia, ela trouxe muitos males para a vida de muita gente, mas também trouxe muito o acordar na vida de muitas pessoas que estavam acomodadas. E isso eu digo de mim mesma, que às vezes a gente para no tempo, não evolui, e assim eu quero avançar e vamos aí, estamos aí para tudo que der. Eu até recebi outro convite para... trabalhar. Não... para fazer outro curso, só que quando a professora me mandou mensagem, que é uma das responsáveis da Casa das</u></i></p>	<p>Pandemia trouxe mudanças de cenários de trabalho, estudos, amizades e estrutura financeira familiar.</p> <p>As experiências vividas na Casa foram positivas e trazem consciência de que é preciso ir atrás dos objetivos e sonhos, ao mesmo tempo em que se prioriza o autocuidado e a busca por novos conhecimentos.</p>

	<p><i>Mulheres, ela me mandou mensagem convidando para fazer outro curso só que não daria para mim, porque eu tava trabalhando nesse outro trabalho como auxiliar de loja, e não tinha como conciliar. Mas tá tudo bem, vai surgir outra oportunidade. <u>Eu falei com ela que eu estava priorizando os meus estudos, em conseguir um trabalho. Por que eu no momento não estou trabalhando, meu pai também não.</u> Então, as prioridades mudam, eu sei que a gente tem que estudar, fazer curso, mas também a gente tem que trabalhar, né? Porque, infelizmente a minha vida é outra, a minha vida é ter que ajudar dentro de casa, eu sou uma adolescente... eu sou uma mulher, né, 21 anos. Que precisa ajudar dentro de casa com as compras, tudo mais. E, assim tem... isso me incomoda por estar passando por esse momento, mas, assim, a gente tem que sempre pensar positivo, se a gente não pensar positivo, é... nada vai dar certo.</i></p> <p><i>Assim, a minha situação atual, eu não estou trabalhando, eu estou dentro de casa, terminei agora, né, como falei com você que até eles mandaram mensagem, terminei agora o último trabalho como auxiliar de loja, foi uma nova experiência, porque eu nunca trabalhei nessa área. Foi um desafio, né? Eu praticamente me joguei e fui. E, assim, foi uma boa experiência, <u>mas, assim, quando a gente tem objetivos, por mais difícil que seja, a gente luta, e eu creio eu vou conseguir um novo trabalho na área que eu goste, com o salário “maneiro”.</u> Isso é só questão de tempo. [...] Uma coisa que eu aprendi também, é que se não tiver... minha cabeça não estiver bem, eu dentro... não tiver bem, nada envolta vai estar bem. <u>Eu também não vou fluir em outros trabalhos, eu acho que uma coisa que eu aprendi é que eu tenho que cuidar de mim também, antes de qualquer outra coisa.</u></i></p>	
E4	<p><i>Olha, quando eu entrei lá... eu entrei mais por... em busca de uma válvula de escape. Que no meu caso eu cuidava da minha mãe... minha mãe faleceu, vai fazer... tem dois meses que faleceu, e aí, <u>eu cuidava dela sete dias por semana, 30 dias por mês.</u> E aí, quer dizer, aquilo ali me sobrecarregava, eu tinha minha mãe, tenho minha casa, tenho meu marido, tem minha filha... e me deixava mais aborrecida ainda essa situação, porque eu tinha mais nove irmãos... aí, eu via que a responsabilidade estava toda em cima de mim. <u>Eu não achava aquilo justo!</u> E aí, eu me sentia assim, <u>sobrecarregada e eu começava a ficar de mal humor, e aí brigava,</u></i></p>	Ingressam na Casa e conseguem suporte para enfrentar os problemas do seu dia a dia, assim como as consequências de perdas familiares para a COVID-19.

	<p><i><u>discutia, era impaciente..e aí, eu fui atrás, dei meu jeito, botei minha filha para ficar com a minha mãe, falei assim: óh, se você vai ficar com ela enquanto eu faço curso. Foi quando deu uma melhorada, conversei com a psicóloga da Casa, comecei a ter... fazer amizade coisa que eu não tinha. Foi assim que eu melhorei muito, comecei também, consegui trabalhar no buffet, também foi muito bom para mim... óh, o que eu tenho a dizer a Casa das Mulheres da Maré é que só me beneficiou! Não tenho nada a dizer, tanto é que todo dia eu venho da academia, eu passo por lá para beijar as meninas, abraçar, até hoje eu tô por lá, entendeu? só me beneficiou mesmo, não tenho nada de negativo para falar. Nada, entendeu? Até a psicóloga de lá me mandou mensagem esses dias... porquê de novembro... novembro... novembro não foi um mês bom, perdi minha mãe com 14 dias depois perdi meu irmão... para covid, quer dizer, foi complicado. E aí, ela pediu para eu ir lá, e acabou que eu não fui... acabou que eu não fui, porque aí eu entrei nessa lojinha do Instagram, e não tive tempo, tô sem tempo. [...]</u></i></p>	<p>A Casa fornece muitas oportunidades e benefícios. por exemplo, quando estão sobrecarregadas com afazeres e cuidados com a casa, marido, filho e pais recebem apoio psicológico e também oportunidades de trabalho em ambientes externos.</p>
--	--	---

## APÊNDICE G – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2

**Questão 1 - Na sua percepção, o que é a informação?**

<b>Síntese das Ideias Centrais</b>	<b>Entrevistada</b>
A informação sobre a Casa das Mulheres da Maré é importante para mostrar a outras pessoas sobre o que se faz e aprende no projeto.	E1
A Casa fornece cursos, permite conhecer e saber da história e se aprende a fortalecer outras mulheres.	E1
A informação é importante.	E2
Informação auxilia na transmissão do conhecimento para outras pessoas que não possuem informação sobre determinado assunto, seja ela informação de ordem religiosa, política, entre outras.	E3
Informação são notícias transmitidas por intermédio da televisão, rádio, celular, redes sociais (online).	E4

## Resposta Questão 1:

A informação é importante, pois auxilia na transmissão do conhecimento para outras pessoas que não possuem informação sobre determinado assunto, seja ela de ordem religiosa, política, entre outras. São entendidas como informação aquelas notícias transmitidas por intermédio da televisão, rádio, celular e redes sociais (online). No que concerne à informação sobre a Casa das Mulheres da Maré esta é importante para

mostrar a outras pessoas sobre o que se faz e aprende no projeto. Dentre suas ações, fornece cursos, permite conhecer e saber da história e se aprende a fortalecer outras mulheres.

**Questão 2 - Comente sobre quais os tipos de informação que você tem acesso na Casa de Mulheres da Maré.**

<b>Síntese das Ideias Centrais</b>	<b>Entrevistada</b>
Acesso a apoio jurídico e psicológico.	E1
Informação sobre violência contra mulher e seus tipos, como violência doméstica, profissional, territorial, racial, policial e cotidiana pelo fato de ser mulher.	E1
Entre uma atividade e outra há uma aula sobre Mulheridade, na qual se aprende sobre informação e violência, assim como opções de denúncias e jurídicas.	E1
Tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, sobre identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial e racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres.	E2, E3, E4
Existem oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria.	E2, E3
São oferecidas também rodas de conversas que propõem diversos	E2

debates sobre variados assuntos.	
As informações vinham através da internet, aulas e vídeos, assim como obtidas através de profissionais como professores e assistentes sociais.	E4

#### Resposta Questão 2:

Tive informação e aprendi sobre gênero, sexo, drogas, identidade étnico-racial (ser negra), redes sociais (online), empreendedorismo, preconceito racial, racismo, preconceito de classe social por ser pobre e pertencente à comunidade periférica, direitos humanos e das mulheres. Entre uma atividade e outra há uma aula sobre Mulheridade, na qual se aprende sobre informação e violência, assim como opções de denúncias e jurídicas. Ademais, a Casa oferece acesso a apoio jurídico e psicológico, oportunidades de fazer cursos gratuitos, como panificação, gastronomia e confeitaria, assim como são oferecidas também rodas de conversas que propõem diversos debates sobre variados assuntos. Dentre os assuntos abordados, oferecem informação sobre violência contra mulher e seus tipos, como violência doméstica, profissional, territorial, racial, policial e cotidiana pelo fato de ser mulher. As informações são obtidas através da internet, aulas e vídeos, assim como por intermédio de profissionais como professores e assistentes sociais.

**Questão 3 - Como você acha que essas informações que você obtém na Casa de Mulheres da Maré te ajudam nas resoluções dos seus problemas e no seu dia a dia?**

<b>Síntese das Ideias Centrais</b>	<b>Entrevistada</b>
Autoconscientização das violências sofridas pelas mulheres, inclusive as informações obtidas auxiliaram a intervir no caso de presenciar uma violência.	E1
Permite que busque apoio psicológico para as vítimas de violências e as auxiliem a enfrentar os traumas sofridos e a não normalizar essas situações.	E1
As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira.	E2, E4
Por intermédio das informações obtidas na Casa foi possível conseguir um trabalho assalariado.	E2
Além das informações as profissionais contratadas, oferecem afeto e auxílio na resolução de problemas pessoais, existenciais e familiares.	E2
As informações permitiram com que as mulheres conseguissem se empoderar, superar a timidez, obter confiança e voz para vencer as opressões.	E3, E4
A Casa permite, por intermédio de suas ações, total liberdade para as mulheres aprenderem e se expressarem.	E3

O sentimento de liberdade é incitado nas mulheres que aprendem que podem ser de qualquer profissão e não somente se ater aos moldes da sociedade machista e patriarcal.	E3
Se conscientizam que sofrerão preconceitos, mas que precisam colocar em prática seus aprendizados.	E3
Obteve aprendizado sobre o mercado de trabalho e informações sobre comportamento profissional, elaboração de currículo e inscrições em vagas.	E4
Além de aprender sobre métodos contraceptivos, realizavam-se aula sobre saúde da mulher e vida sexual.	E4

### Resposta Questão 3:

No que se refere à resolução dos problemas cotidianos, a partir das informações obtidas foi possível que as mulheres conseguissem se empoderar, superar a timidez, obter confiança e voz para vencer as opressões. Além das informações, as profissionais contratadas oferecem afeto e auxílio na resolução de problemas pessoais, existenciais e familiares. A Casa permite, por intermédio de suas ações, total liberdade para as mulheres aprenderem e se expressarem. O sentimento de liberdade é incitado nessas mulheres que aprendem que podem ser de qualquer profissão e não somente se ater aos moldes da sociedade machista e patriarcal. Além disso, obtiveram autoconscientização das violências sofridas, inclusive as informações as auxiliaram a intervir no caso de presenciar uma violência. Se conscientizaram que sofrerão preconceitos, mas que precisam colocar em prática seus aprendizados. Além disso, foi possível aprender sobre métodos contraceptivos em aulas sobre saúde da mulher e vida sexual e saber quando buscar apoio psicológico para as vítimas de violências e as auxiliarem a enfrentar os traumas sofridos e a não normalizarem essas situações. Com relação ao mercado de trabalho, obtive aprendizado e informações sobre comportamento profissional,

elaboração de currículo e inscrições em vagas. As informações auxiliaram a ter confiança na habilidade profissional, tanto quanto boleira, enquanto costureira, e a conseguir um trabalho assalariado.

**Questão 4 - Fique à vontade para acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos ou para fazer algum comentário.**

<b>Síntese das Ideias Centrais</b>	<b>Entrevistada</b>
As mulheres passam a estabelecer redes de sociabilidades e laços afetivos com as outras integrantes da Casa e fora dela. Isso auxilia a transformar a sua realidade social e das pessoas que vivem na mesma comunidade.	E1
Pandemia trouxe mudanças de cenários de trabalho, estudos, amizades e estrutura financeira familiar.	E3
As experiências vividas na Casa foram positivas e trazem consciência de que é preciso ir atrás dos objetivos e sonhos, ao mesmo tempo em que se prioriza o autocuidado e a busca por novos conhecimentos.	E3
Ingressam na Casa e conseguem suporte para enfrentar os problemas do seu dia a dia, assim como as consequências de perdas familiares para a COVID-19.	E4
A Casa fornece muitas oportunidades e benefícios por exemplo, quando estão sobrecarregadas com afazeres e cuidados com a casa, marido, filho e pais recebem apoio psicológico e também oportunidades de trabalho em ambientes externos.	E4

Resposta Questão 4:

A Casa fornece muitas oportunidades e benefícios para mulheres. As mulheres passam a estabelecer redes de sociabilidades e laços afetivos com as outras integrantes da Casa e fora dela. Isso auxilia a transformar a sua realidade social e das pessoas que vivem na mesma comunidade. Quando estão sobrecarregadas com afazeres e cuidados com a casa, marido, filho e pais, as mulheres recebem apoio psicológico e também oportunidades de trabalho em ambientes externos. No entanto, a pandemia trouxe mudanças de cenários de trabalho, estudos, amizades e estrutura financeira e familiar. O suporte fornecido permite enfrentar os problemas do seu dia a dia, assim como as consequências de perdas familiares para a COVID-19. Nesse sentido, as experiências vividas na Casa foram positivas e trazem consciência de que é preciso ir atrás dos objetivos e sonhos, ao mesmo tempo em que se prioriza o autocuidado e a busca por novos conhecimentos.